ut
videam
ANO
1926 X 1936
DA REVOLUÇÃO
NACIONAL

MICROFILMADO
6/12/89
F. Melo

582

H

Poezias

685

Batalha do Campo de Ourique traduzida a Bayle pª se celebrar na presença do Illm. Exmo Sr Paulo de Carvalho e Mendonça D. Prior da Real Colegiada da Vª de Gr

Figuras

El Rey D. Affonso
Seis Galanes
O Ermitão
Dous Viteres

El Rey Mouro
Seis Galanes
Dous Viteres

Introducção

De Affonso Monarca invicto
Ao Berço augusto se canta
A batalha mais famosa
Ao Dom Prior de tal fama

Ayroso
Que á heroicidade
Só monte agrada
Em Triunfo augusto
que o canto inflama

Galanes christãos
Duo ... Affonso Monarca invicto
não temas, sey a Campanha
que Eloé alcanças dos Mouros
a maior Regia augusta Palma

Viteres
Mouros Duo... O Deos, que ouvio o canto
com violencia temeraria
logo desmayado sinta
mortal, eterna desgraça

Coro de Christãos
Duo ... O barbaro Mouro mayor
de tembreyrdai os esporos
aos fortes Bizantinos
contra os fortes Lucitanos.

Galaxy Mouro
Duo ... Ó vós Christãos arrogantes
ai espada em punhai
sentireis na vossa empreza
lagrimas sangue ays

El Rey D. Affonso posto de joelhos Canta em Recitado

Recitado

Daime valor senhora vos empenho
Da fé da devoção em defempenho
Pura que o Mahometismo
Respeite a Santa fe do Christianismo
E Pedilte a sua Monarquia
Os meritos do amparo de Maria
Vendo os Christãos infelices sobervos
Para engrandecer do Imperio Lucitano.

Levantase El Rey D. Affonso e Recebendo as armas
Canta

Aria

Hay de eterna piedade
Recebo agradecido
nas armas superiores
as graças do conflito
Mas inda que despenda
milagres com influencia
prema a tua omnipotencia
os fortes braços poderá.

Canta El Rey D. Affonso com os gr.es hoje Galaxy
animando os q.e Sahirom a batalha

Terceto

Rey D. Aff. ... O terror de Marte
segui em o conflito
as armas do meu valor.
g.ro Galaxo
se o teu valor infunde
animão em nossos peitos
com hum mortal arbor.
Gr.e Galaxo ... Não se fez o alvedrio
hum gulfo da crueldade
os homens em furor
D. A. Aff. ... Ardente Barbaleta
da luz da valentia
se bruno o resplandor

Golano D.ro Serei em meus desvelo
por que de Lisboa os muros
valente Giraldo
Gal. Gr.e ... Faseis que o ardor aguce
no bogue das grutas
o fero do crizal
Todos ... Vera augusto Rey
do nosso peito as flamas
do nosso intendio o horror.

Levantase o Rey Mouro e Canta em forçado

Recitado

Temer como não podes insolente
o forte destro braço o mais valente
podes ter a certeza
vera desta Catana a ponta fera
gravando por memoria
Os campos de Dubim minha victoria
os teus e meus poder por mayor sorte
se não que vos sofrer tão breve a morte.

Aria

Dis baratar o meu Imperio
Deje de todo o meu destino
porque como este destino
se fingue sempre igual
Pois do meu atrevimento
a confiada Ingratidão
com amor soberba instancia
Deje quero dissimular

Cantão todos de hua e outra parte, o Agouro

Agouro

Que á ferocidade
somente agrada
Em tempo do augusto
que o animo infama

Em modo de batalha dezandose Galaxy
g.a o outro

Galaxy chris. O Barbaro insolente
Mouro ... Temerario e atrevido
Chris. ... Se aguis vos não convertei
Todos ... aqui ficai sumergidos.

A Porsas se Segitão el Rey D. Affonso sobre
do seu Carro e cavalgando as armas el Rey
Mouro canta

Aria

Rey M. ... Dura sorte, gente dura
sio os Ceus combatidos
na tormenta procelosa

os Christaõs embraveçidos
como a perdas maij forçosa
maij constante maij sigura
emaij firme sempre estaõ.

Assim qual penedo firme
im moved mesmo furor
nas tormentas do valor
constante se mostraõ

Canta El Rey D. Affonso em sonho

Aria

O Senor o virgem pura
menaõ valey nabatalha
que teraõ dachristandade
fortunente que deij e acaba

Viten chis... Vem vem dobrar ao carro
a Affonso que está dormindo
o Heroy na na na na
que hoje he triumfar no conflito

Aparece o Irmitaõ e canta de fronte de El Rey
D. Affonso

Recitado

Affonso Heroe Monarca generozo
que aos impeij, grandeza valerozo
naõ temas, soi venzido
que o Ceo compadecido
dos Mouros com a fronte
a victoria tomou da sua conta
e porque ao campo vayas animado
em hua Cruz cravado
Vera que te apparesia
O Ceo ouvindo de hua Companhia
para cujo Trofeo
Hesteiro se manda assistir do Ceo

Acaba El Rey D. Affonso e canta com o Irmitaõ

a Dous

Rey . . . . Ceo que he isto
Irmitaõ . . . . Que se admira
Rey . . . . He socorro
Irm. . . . . Vea sigura
Rey . . . . O que dita
Irm. . . . . Que ventura
R. . . . . Guando o Ceo me ajuda
Irm. . . . Guando o Ceo tal ajuda
Ambos . . . Guando o Ceo me ajuda
Guando o Ceo tal ajuda

Aria a Dous

Rey . . . Ceo que he isto
Ermitaõ . . Que se admira
Ambos . . Se valerozo
Se venzedor
Se Heroe
Se Monarca
Se Guerreiro
Se Conquistador
Se Capitaõ
Se Soldado
Se Cavalleiro
Se Paladino
Se Campeaõ
Se Cruzado
Se Christaõ
Se Fidalgo
Se Portuguez
Se Affonso
Se Henriques
Se Rey
Se Conquistador
Se Capitaõ
Se Soldado
Se Cavalleiro
Se Paladino
Se Campeaõ
Se Cruzado
Se Christaõ
Se Fidalgo
Se Portuguez
Se Affonso
Se Henriques
Se Rey

Aria de Deo

Rey . . Ceo que he venero valoroza
Ermitaõ Ceo valoroza he teu geito
ambos . . Porque maij te estimar
para maij te estimar

Irmitaõ . Goij que Deos o ordena
Rey . . . Goij que Deos inspira
ambos . . De Marte ordenado em ira
os Mouros vou triunfar.

Ayroso

todos os Christaõs Que a Deidade
Somente agrada
Em triumfo augusto
que o animo inflama

Rey M. . . Ola Soldados cuidado
Corrai com Rey Cataõs
quem atrevido a Comete
a poderoza Monarca

Aparece o Irmitaõ vem a campanha e descobre a S.ra em hua Nuvem e poem-se de joelhos El Rey e seo Rey canta

Recitado

Sorte eleitoso maximo destino
agora me achey meo Deos hoje exaltado,
Vendido o effeito o coraçaõ prostrado
vos adoro meo Deos, meo Divino;
grande fineza de hum Deos meo e Pay
mas para animar fé baj para menos,
para gram amor sobrão Rey e Senoz:
aos Infieis que vos dem ignorados
Sede meo Redentor meo Esforçador meo;
que hoje todo o mundo vos adora
a Ceo o caro deis de a Roda da aurora
a gloria, a triumfo seja consagrado
de outra parte do General Christiandade,
que pela Santa Lei se empenha Grande
a fé, os Coraçoins no peito Verde.

Aria

Meu peito vos adora
minha alma em vos chama
de amor em viva chama
em pura suavidade

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Descaparece a Nuven fecandace

Rey evoltando ya os soldados canta

Aria

Rey — Vamos ouctra vez soldados
do maj figuro dos Jhe
voj a dar permite o ceo
vor em campo batalar.

Atando Rey Mouro de rafiar os Christãos canta

Aria

Hile os Christãos dizer de
ver o meu Soberano
com odio atroz e insano
batalla lhe querer dar.

Vió o Rey galanes Mouro de rafiar os Rey
taos e canta

Duo

Se de morte e day rido
tende ray de oito ray guerra
vinde já eterna á terra
em este ultimo conflito.

Responde D. Affonso em Recitado aos
Mouros

Recitado

A. Aff. — Vay dizerle ao matador dominante
da mya sua que enfirme el constante
esto de ordem de Deos escrito d'Immortal
o Lavemos à batalla y rotrocado
egua o primeiro Sou y dor tardanza
vos vai ferindo ja o fim desta lança.

Vió o Rey Galanes Rey taos de rafiar
aos Mouros

Gal. Rey. — Duo

Se eu ai ja na alta insolencia
de bay se mas vinde as armas
viva Affonso eterna Sorte
nesta ultima batalla

Canta o Rey Rey taos com Rey Galanes e os Rey
Mouros com outro de Rey Galanes
a pear

Quatro

Rey Mr. — Traidor alcibo vo
infiel fementido
dar chama y de Morte
empre me com sano
te las de abrasar.

Rey M. — Nió teme o Rey
pues entre furor y
abrasado está.

Gal. Mr. — Se afoda do ardor
na ira de agoa
não bey pey maj fogo
que em nosos furor y
a morte declara.

Gal. Mou. — Embaxo dos veloy
de abrasa de incendios
que em fogo medi.

Rey Mr. — Fortes do momento
morremos por Christo
ventura mayor
no mundo não Ea

Gal. M. — He mayor ventura
os Turcos e Mouros
morrer por Ella

R. Mr. — Fortes eluzid

A. M. — Indo fortes

Gal. Mr. — Valente ca incrido

Gal. M. — Fortes y inflamado

R. Mr. — De furia

A. Mou. — De incendio

Gal. Mr. — De esforso

Gal. M. — De alvoroso

Todos — Das mamos os Troseos
vos Lei de a Pantar.

Em vertem Euas as outras cantando

Arioso

Cristaos... O Barbaro insolente
Mouros... Temerario atrevido
Cristaos... Seaqui vm não convertei
Todos... Aqui ficai ou morrei.

Arrenegá o Mouro e canta o Rey Mouro Rebatido e enfurecido

Recitado

Rey Mouro... Cruel Aleuda agressora Africa
com queem parece segurtio Rey empire
O Abysmo infernal Carcere
Onde abita por guarda em furor sordido
Este monstro disforme com Cerberos
fas que com feia imperfeita
Se rendido me esteje em duros vinculos;
mas a vista de tua Excelencia os deuses
saberam que rendido em jugo obrego
Sofro gostoso se cay tira os alistos,
que o seu grande espirito deixou ou
fez mayores
De Agar os seus rapidos.
Os seus Lictores e indistos e Cezarios
assombrados deixarão Ley de o Artico
Polo as legiões em Ide o Antartico.

Aria

Como vapor que eleuado
da Terra a Region do fogo
transformado em vapor logo
no continuo movimento
com que busca a liberdade
Sede incende a actividade
com que voa a voar nuvem
e descendo em fogo abrasa
Agoa, Terra, Fogo e ar.

A minha vinda sabida
a Excelsa Veneração
de Sua Excelencia, ay ira
vans formando em mendigação
seu Exercito Real e ilustre.

Cantão todos postados em Ala com as Bajas
dos ay armas

Quarto

Todos — Vos ecos mais sonoros vos
declama, a trompa de Fama
que adoreis de Sua Excelencia
Atendem todos ay armas.

Titere Deos... A Affonso do Rey Mouro
o Triumfo da conseguida
viva o seo viva a Oliveyra
morra o Alia seo Excelencia Viva

Canta o Rey Christaos com o Rey Mouro

Duo

Rey Chr... Sua para mayor Gloria
deste triumfo esclarecido
a quem agente mostratide
a nossa victoria
ao Rey do Real D. Pedro

Rey Mour. A amizade, e intelligencia
de ambos os Mares
jaz, de fieis nos altares
do Excelso o meo Senor

Rey Chr... O ella o que diz ey

R. Mon. . . Eu Sou Sincero

R. Fr. . . Que amo, que estime

R. M. . . . Que Venero

Ambos . . Firme e constante

Vendido, e amante

Ao Real Dom Prior.

Todos . . . Ayrão

Que à Emvidade

Corrente agoa

Em triunfo de seo ato

Que o Animo inflama

Minueta

Adeo o Deuj

Dom Prior exulta

Dom Prior famoso

O eco glorioso

que escuta o Ceos

Que esta batalha

Com gloria altiva

Ao Leste da Oliva

Tende o Crisfeos.

Final

Todos Viva viva o nosso Illustre

Dom Prior, que em gloria tanta

tambem leva por atributo

poderoso seu batalhão.

Viva viva viva viva

Viva o Magrin e viva Serra

Batalha de Campo
d'Ourique

O Monumento immortal,

Da

Paulistana Gratidão,

Levantado

Em Honra, e Memoria

Do

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Bernardo Jozé de Lorena,

Seo

Gor, e Cap.am Gal

Em

3 de 8br.o de 1790 a

. . . . . Quæ te tam læta tulerunt
Sæcula? qui tanti talem genuêre parentes?
In freta dùm fluvii current, dùm montibus umbræ
Lustrabunt convexa; polis dùm sidera pascet,
Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt,
Quæ me cunque vocant terræ. — . . . . . .

Æneid L. 6. V. 654.

Ode

Que hé isto Paulicéa! (*)

Em q̃ novo esplendor, nova beleza
Igual a de Ulisséa
Vejo mudada a tua singeleza!
Não eras tu, q̃ apouco rebuçada
Só cubrias o rostro envergonhada?

Qual mizera Donzella
Descalço o lindo pé, solto o cabello
Inculta, inda q̃ bella,
Eu te vi escondendo o rostro bello;
Mal apanhadas roupas te cingião,
Dé q̃ os teus Naturaes lá se afligião.

Pois como derrepente
Enfeitada de nobres Edificios,
Calçada em continente,
Em trages de Européa, nem vestigios
Já mostras da inculta Americana,
Que do grão Tivirícá (*) fôra Diana!

Cupasmo de te ver!
As tuas Nimphas, q̃ nunca se apartarão
Em côrte apparecer,
Hoje a vista ambiciosa deslumbrarão.
Qual as louva de bellas, e engraçadas,
Qual o de bem vestidas, e toucadas.

(*) Tivirícá, nome do Cacique q̃ se achou com alojamento no suburbio da Cidade antigamente.

(*) ..... Pictoribus, atque poetis
Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas.

Horatius in poetica.

Os nitidos brilhantes,
Que lhe aguardão os collos de alabastro,
De olhados fascinantes,
Fingem, ser huma, estrella, a outra, hum Astro!
Ha pouco os teus Guerreiros sem mor arte,
E agora primogenitos de Marte!

Qual se ostenta destro
Em qualquer militar evoluçaõ,
Qual concebe o estro
De saber na precisa occaziaõ,
Pôr em praxe contra os adversarios,
Quanto Cezar deixou nos comentarios!

Emporio de conceitos,
Frazen-te a porta a grão mercadoria,
E levaõ-te os effeitos!
Unico Recurso, q animar podia
O teu comercio quazi intercadente!
Que notavel mudança derrepente!

Porem q mais admiro?
E hé da serra bravia taõ famoza?...
Ou foi-se, ou eu diviro!
Berlindas de pintura primoroza
Podem rodar por ella em bom passeio!
Tarquinio faria tanto em o Tarpeio?

(2) Intender Tarquinio o Frisco, q terraplenou o Tarpeio, e naõ o orgulhoso Soberbo.

A gloria de Censor.

Do Sabino Appio, q importára,
Se em publico favor
Beneficio não se eternizára?
A via Appia lhe forma o elogio,
E o aqueducto, q em Roma introduzio.

Porem, q mão piedoza?
Que Heroe benigno he este, q sustenta
A vara prodigioza?
Que sabio Conductor, por quem se aumenta
A nossa dita, a nossa felicidade!
He Anjo Tutellar, he Divindade?

He o illustre Bernardo.

Amor da Patria, gloria de Ulyssea...
Que nome! o' Ceos, o Bernardo?..
A hum ecco tão suave, o' Paulicéa,
Ouvindo Vepetid o nome amado,
De q estranho prazer me vejo banhado!

Porem q muito o vejas,
Se estar saltando as pedras me parece,
Porq ingrata não sejas!
Nessas grandes calçadas se conhece;
Se o vistozo quartel, q deste Mardo
Está cheio da fragrancia, diz... Bernardo!

Nesse, q̃ levantei
Horoscopo felix presagioso
Se se te enganei,
Quando ao Raiar tal Astro luminoso
Me encarregaste a empreza gloriosa;
De saudalo por ti obzequioso.

Portanto aos Senadores,
A quem hoje por ti he q̃ pertence
Reconhecer favores
Lembra, q̃ nhũa estatua os recompense;
Pois q̃ ainda volve em sua heroica mente,
Hũ aqueducto por-te aqui patente:

Por quem os passarinhos,
Fendentes dos copados arvoredos,
Xilrando nos Caminhos,
Já festejas a manhã, q̃ dos Rochedos
Fará, com q̃ Febo tem aguas vivas,
Entoando-lhe a seu modo alegres vivas.

Porquem as Nuvens bellas,
Que deixando as Montanhas se portendem,
Banhad na limpha dellas.
Deste fogo, Senhor, meu peito accendem,
Porq̃ hum dia vos leve dignamente,
Desde a gellada Orsa, ao Polo ardente.

Egloga

1ª

Huia manhã da fresca Primavéra,
Ainda quando acercassa lus do dia
Mal se avistava na apartada esphéra
Do Rouxinol, que sempre o anuncia;
E do canticó suave em que se esméra,
Mal principiava a doce melodia:
A esta hora apenas acordado
Stava Anfriso no alberque descuidado.

2ª

Quando sentio já perto da cabana
Virem vindo para elle apressuradas
Quatro Pastorinhas, de que Albana
Conhecco pelo geito, e mais pizadas:
Oi que vinhão a pôr desta Serrana,
Crão as tres por bellas decantadas,
Entre os Pastores da vizinha Aldea,
Crão Lindoya, Elmira, e mais Altéa.

3ª

Anfriso que as conhece alvoroçado
Corre logo ao terreiro a recebellas;
Que hé isto, lhes diz elle transportado!
Que vos succedeo, Queridas bellas?
Vos tendes hoje tanto madrugado,
Que duvido, se sojs antes Estrellas
Fugitivas do Sol, que no Orizonte,
Lá vem raiando por aquelle monte!

4ª

Qual succeço! direi-me da manada,
Acaso vos fugirão os cordeiros?
Foi venhida do lobo degolada
Foi ella, no aprisco alvista dos Vaqueiros?
Quereis? mandai, q eu vou com minhas armada
Bater toda essa mata, esses oiteiros,
Hé vivo, ou morto apresentarvos,
Quem tanto damno, Ovelhas, foi causarvos.

5ª

Logo alcando a vos a linda Amira
Assim lhe volta; ah não, Pastor amado,
Esta novidade, que te admira,
Não resulta de caso desastrado:
Deixa o transporte, lança mão da lira,
E vem comnosco ao prazo assinalado,
Verás, que motivos de alegria
Nos condus, abuscarte em companhia.

6ª

Tu ignoras sem duvida o festejo,
Que se prepara lá na nossa Aldea,
Não ha Pastor, que não arda no desejo
De ter, para offerenda, hua colmea:
Não cuides, que isto hé graça, eu não gracejo,
Qual enfeita o cajado, qual se asseia,
De novas pelles, galla desusada,
A funçaõ hé grande, e hade ser fallada.

7ª

Tu q es entre os da Aldea, o mais pollido,
Porto q ainda não viste estranhos ares,
Sendo de nós outras conhecido,
Pela honra primeira dentes Lares;
E has de ficar no alborque hoje esquecido?
Ah não, longe de nós esses pesares,
Adorna a frente de cheirozo ramo,
Vem comnosco obzequiar ao grão Bernardo.

8ª

Huns versinhos, que teremos q nos faças,
Que correspondaõ as nossas offrendas,
Que como te embalarão as tres Graças,
Completas sahiraõ as encommendas:
E para que melhor nos satisfaças,
Exaqui as que teremos dignas prendas;
E em tanto que nos serves de bom grado
Nos te enfeitaremos pelles, e cajado.

3ª

Crão as prendas hum Amor perfeito,
Hum grande Girasol, hum Passarinho;
De oliva ornado, por maior conceito,
Era por fim hum candido Pombinho:
O Pastor, que isto vio com bello aspeito,
Emquanto ellas cuidão-lhe no alinho,
Nas tarjas, que levarão aos outeiros,
Estes versos gravou-lhes, por letreiros.

Laranja
de
Clemira.

2ª

Esta flor, que Amor perfeito,
Entre as flores, hé chamada,
Foi, senhor, considerada
Offerta, dorneo respeito:
Seja de vos bem aceito
Este obzequio de amor;
E em quanto o vosso louvor
Nos decantamos na Aldea,
Esta Letra em vos se lea;
Sois perfeito como a flor.

De
Albana

2ª

Este Girasol constante,
Em seguir o objecto amado,
Que era flor esta hé chamado,
Entre as flores, flor gigante;
He senhor a offerta amante,
Que trago; o leiro Pastor
Por mim, o vosso louvor
Decante com voz sonora,
Que só sabe huã Pastora
Fazer protestos de amor.

De
Lindoia

3ª

Não tenho meo Maioral,
Que offertar-vos Vicas prendas,
Sou pobre, não tenho Vendas,
Pastoras não tem Real:
Mas, Senhor, se inda mais val,
Que ouro, prata, e diamante,
Hua viva offerta amante,
Este Passaro acentai,
Que elle, por mim, cantar vai
O vosso nome incessante.

De
Altea

4ª

Esta humilde Pastorinha,
Inculta, pobre, innocente,
Tambem, Senhor, bem consolante
Vos offrece esta Bombilha;
Unica prenda, que tinha;
Ella hum Ramo de oliveira,
Leva, de paz mensageira,
Queira o Ceo, seja hum presagio,
De que cheguei sem naufragio
Ao fim da vital carreira.

Mote

A Minerva incençais honrando a Marte

11

Gloza

Soneto

Ardendo o Norte em sanguinoza guerra,
Solemburgo as Manobras do Maciço
Levantou, e em lugar alagadiço,
O grande Pedro a Petrelburga Terra.

No encabrozo cume da alta Serra,
Que a Fama occupa, dizem que por isso
Chegarão ambos loucos do feitiço,
Com que a Gloria, aos Heroes os olhos cerra:

Como ambos, dos trabalhos enquecidos
Buscais, Senhor, a Gloria em toda aparte,
Já nhum, já noutro Heroe reproduzido;

Recopilando Ile em fim valor, e arte,
Entre obras, e Manobras embebido,
A Minerva incençais, honrando a Marte.

Mote

Gloria dos Reis, do Reino segurança

Gloza

Soneto

Que não fosse tão bem douto, e sciente,
Diz Camoens, que não houve Capitão
Da Lacia, Grega, ou barbara Nação,
Mas sim da Luzitana tão só monte.

Assim seria, senhor, antiguamente
Não hoje, que se o Grego, e Cipião
Tiverão valentia, e locução
Tudo tendeo em grão preheminente:

Tanto assim, que contemplo por misterio
A vista dessa penna, e dessa Lança,
De Aquiles forte, e de Alpiano serio,

Que, quais Colbert, Sully, forão na Grança,
Sereis de Portugal no Ministerio,
Gloria dos Reis, do Reino segurança.

Mote

Alma illustre dos corpos militares

Gloza

Soneto

Hua Alma nobre, Senhor, esclarecida,
Que se adapta a hum gentil, bello composto.
Exulta de prazer, pulla de gosto
Quem com ella tem comercio, ou lida.

Illustres annedoctas de sua vida
Repete a cada instante, e de seu Rosto
O agrado, o atractivo; isto supposto.
A Muza a hum vaticinio me convida:

Vem a ser, q̃ lá quando Retirado
Da Tropa, que vos ama aos Patrios Lares
Foras ter, saudozo, e dezejado,

Que Lá mesmo, voando pelos ares,
Ouvireis este ecco Requintado,
Alma illustre dos corpos militares.

Move

As purpuras, os setros, as Corôas

Gloza

Soneto

Quis recordarme dos Heroes passados,
Cabrindo os nobres Fastos Portuguezes,
Tintos em sangue os belicos arnezes,
Vi luzitarem seus Antepassados:

Vi Souzas, vi Saldanhas, que elevados
Exercerão na Patria as Regias vezes;
Vi Cunhas dos melhores, e Menezes
De Augustos Alfoens, Varões prezados:

Tudo vi muito bem; mas outra scena,
Emelhor circulo de safiras boas
O Heroe prezente a contemplar me ordena;

Pois vejo as Gallias, Austrias, e Lisboas
Na casa, ornando, da inclita Lorena.
As purpuras, os setros, as Coroas.

Mote

Delicias deste povo, o mais ditozo.

Gloza

Soneto

Eu tenho pendurada hũa colmea,
Que vi como as abelhas fabricarão,
De varias flores o succo aproveitarão,
Mas sem as offender: que nobre idea!

Esse, que em bella quadra nos Vorea
Proveitozo edeficio, que acabarão
Hoje as vossas maons, que o levantarão,
Foi feito, Senhor, com a mesma idea:

Das abelhas foi sempre elogiado
Esse modo de obrar industriozo,
Pelo mesmo, sereis vos decantado;

Assim como hé o seu mel delicioz,
Sereis, ainda na Europa reputado
Delicias deste povo, o mais ditozo.

Por Antonio José Vaz.

Soneto

14

Caminhante, q' chegas fatigado
A sauiarte aqui da Lympha pura,
E buscas, Livre da mortal Sentina
Do Bem feitor, seo Nome está gravado:

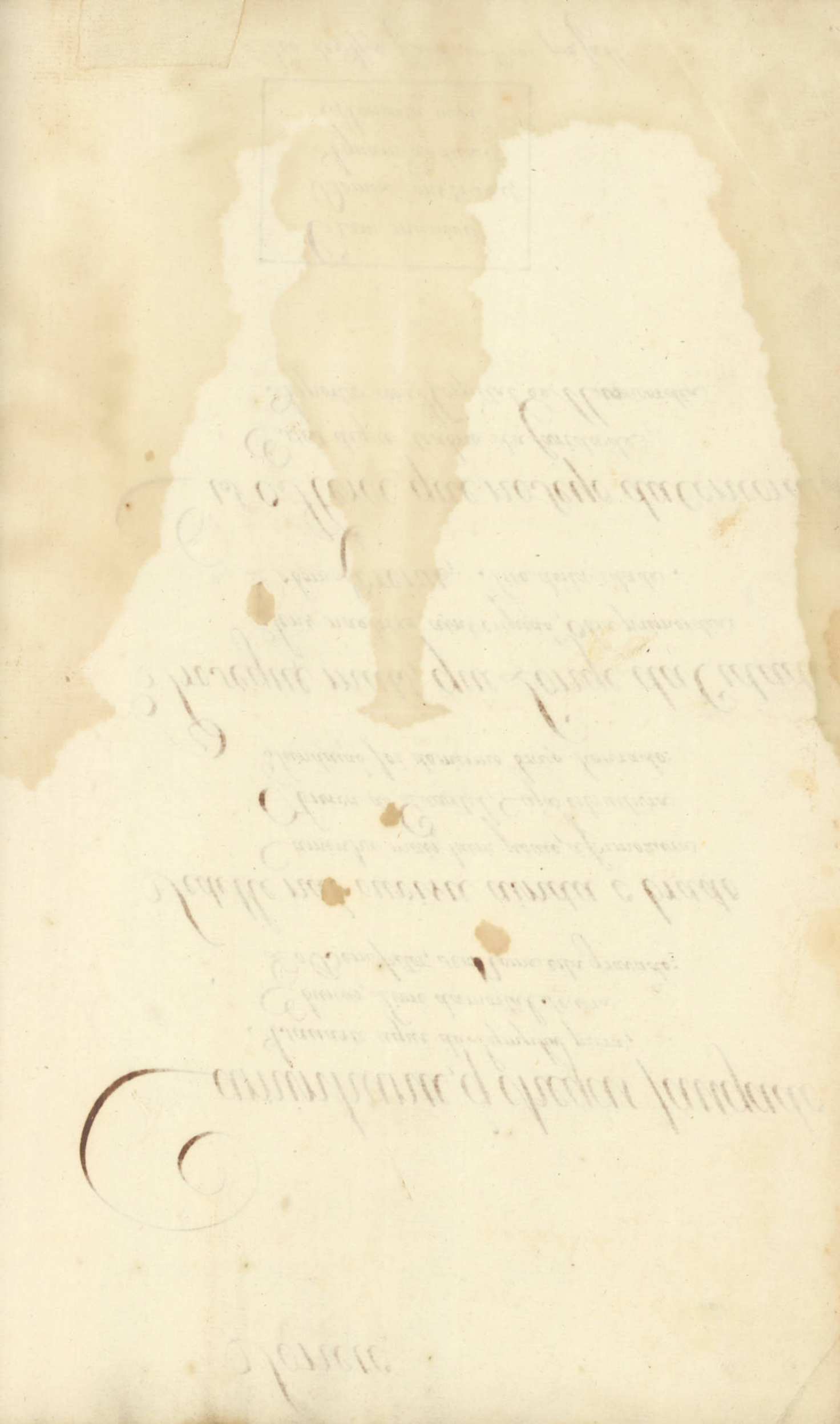
Se delle naõ ouviste ainda o brado
Caminha mais hum pouco, a formozura
Observa do Quartel, Cuja estructura
Fundaçaõ foi do mesmo braço honrado:

Prosegue mais, que Longe da Cidade
Tens na Serra, ainz crigeaõ, Obra primordia
Do bom Lorena;. Tito desta idade.

Eis o Heroe, que no seyo da Concordia
Esses diques teabrio da Caridade,
As portas do Hospital, e Misericordia.

Viam munivit,
Domus construxit,
Aquam aduxit.
Memoria vivit.

Cic. Log. de Arp. Laud. in Orat. pro Sall.



Faccia Pompa d'Eroi l'Africa ancora.

Metastasio.

Quitubia

Por Joze Bazilio.

31

Tu, Deuza de cem bocas, que nos pintas
As Ondas do Mar Negro em Sangue tintas,
Co Nicter incerto, e irresoluto
Sem saber aquem paque o seu Tributo,
Eterno assumpto de doiradas Liras;
Agora, que dos Reys dormem as Iras,
Teus Olhos sobre as escura Africa estende;
Depois, a lauda Deuza, os ares fende,
Cantãa, ao som de barbara Trombeta,
O forte Capitão da guerra Preta.
Esforçado Quitubia, o Sejo sabe
Quanto valor dentro em teu peito cabe.
Herdaste de teu Pay o Nome, e obrio,
Que foi terror do perfido Gentio:
Fes-lhe sentir da nossa Espada o pezo;
Levando nas Mãos o Raio aceso
Guerreou a Corte da feroz Rayanha.

Mas

Mas tu ganhaste, alem do que elle tinha,
Novo Direito á Immortalidade:
Hé tud Brazão a tua Lealdade:
O Titulo, que tens, deu-to a Victoria:
Cō o tud Sangue comprastē a tua gloria.
Tud ainda que era Cor escura ō encobre,
Vertuze-o por tud Rey; hē Sangue nobre.
Em vão o Pay te quiz āalheyar dado:
Estava sobre Encoogy alarchado
No fragozo Cochido ao Ceo vezinho,
Qual Aguia pendurada do tud ninho;
Quando a Coragem, que tud peito encerra,
Gritou a tud Ouvidos Guerra, Guerra.
Fugiste á Paz, correste aos Inimigos;
Foste buscar a Gloria entre os perigos:
Nem tornaste sem ver sobre Luinas
Tremolar na alta Pedra as Luzas Quinas.
Depois atravessando o Negro Mundo,
Duas vezes do incognito Balundo
O Sertão penetraste Valeroso:
Lá hé que nasce o Gangu Tortuoso,
Que anda até perder na Cuanza o nome;
Aonde o Crocodilo os Presos come.

Tud

Sentaste então, em guerra trabalhoza,
A Barbara Luiçama Seguiza;
Terra vil, desonrados Orizontes,
Aquem negou o Ceo Rios, e Fontes:
Mas no ventre das Arvores Sombrias
Resguardam do Calor as Aguas frias
Da chuva, com que mal se apaga a Sede,
Que ali, caos tudo, ir mais avante impede.
Apenas da fadiga descançado,
Para diversa Empreza nomeado,
A entrada do Valor denovo trilhas:
Já vejo abrazar as ferteis Ilhas,
Que a Cranza em torno serpeando lava:
Que inda que a defendia gente brava,
Evitar não poderão a ruina,
Que a dura Ley da Guerra lhes destina.
Já passavas ordias em Socego,
Quando os vêos Dembos, com o gutho cego,
Rompem a Guerra: A Guarda retrocede;
Socorro, evingança, a hum tempo pede.
O grande General te chama, e ordena
Que os Dembos desleaes paguem a pena.
Tu levantaste a voz, e o braço invicto:
Conhecerão os Povos o teu grito;

Longe desi o vil terror Sacodem:
Os Valentes de Ambaca á Guerra acodem;
Ambaca, que tud Pay regeo hum dia;
Que rega da Lucalla a enchente fria:
Pelas margens Cubertas de Palmeiras
Vem torcendo as Azagayas as marinhas queixeiras.
Armad os Valentes seus com igual brio
Cambambe ao longo do esprayado Rio,
Que cercaõ verdes, debrucados ramos;
Largo Paseio dos Hippopotamos.
Já d'entre tanto arco, e frecha tanta,
O Mancebo Cabôco se adianta;
O valor pelos annos não espera:
Hé temido inda mais que brava fera.
Chê seu Direito, emque ninguem o iguala,
Ser quem primeiro exponha o peito abalha.
O Bengo, que se humilha ao Gram Tridente;
Da arenoza Loanda a praya ardente;
Mapangano, que a prumo o Sol recebe,
Que na Cuanza, era Lucalla bebe;
Todos á Caiga Publica concorrem;
Cellovima, e Calumbo ás armas correm.
Já perdido de vista o patrio Bungo,
Cortavad as Campinas de Golungo;

Já

Já longe estava a gente valeroza;
Quando instruido em Guerra Caviloza
Com temerario pé pojzando as Rayas
De Mopulu, C' os seus, cobrem as prayas;
Da capital ajustão, ponde logo
Toda a margem do Bengo a ferro, e fogo.
O impavido Barão, que tanto pode,
Arma o resto da gente, e tudo acode.
Já passou, sem que alvoroço o seu brandor,
O turvo Zenza, o Maranhão Dande;
E vencedor dos asperos Caminhos,
Lhe vão fazer a Guerra nos seus ninhos.
Nem os Rebeldes Dembos se esperaram;
Que ao Cazal com a Preza abandonaram.
Hum frio Susto o peito lhes congela,
Vendo diante a Morte, e cada vez delle.
E vida vão Salvar na densa Brenha;
Outros se acolhem ás nativas Penha;
Cahe a Idade innocente, a curva Idade:
Ah que em Sitio gemeo a Humanidade!
Soem debalde a Cazão á Ira o Preyo.
Correndo vay atraz C' o filho o Seyo;
Não vê o precipicio, estem diante.
Tudo ordenado; e ficão n'hum instante

Os Sanctificados Ironeos encachadores;
Os torcidos Edificios arrazadores;
Com severo Castigo de sua erro
Devora a chama o que encapou o ferro.
Com o exemplo aterrada a infiel gente,
E Africa assim Submissa, e obediente,
Já o illustre Baraõ, C'o alegre agolado,
As velas Solta para o Tejo amado.
Tu com elle nas azas vem do vento,
Que vez surgir do instavel Elemento
Co' a frente torreada a gram Lisboa,
De quem tão alta fama ao longe soa.
Que ha muito tua Sensivel peito encobre
A ancia, que tem, o pensamento nobre
De ver inda huma vez na Patria bella
A Alma grande, que vistes longe della:
E que te fez sentir na adversidade
O raro Dom doloroso, doce Amizade,
Que une ao distancias, e que iguala ao Sorte,
Mais segura nos Portos, que nas Cortes.
Nas mãos lhe achar as Redeas do Governo,
Com meu Coraçaõ, e Peito terno:
Lagrimas doces, lagrimas Saudosas
Pois cahio das faces generosas

De-

De quem o Thod constante, e rezoluto,
Sará adigraça com o rosto enchuto:
Quando ovirá de mayor fé na Digraça.
Cõ a poderoza más te ergue, e te abraça;
Te encaminha arrpes do Throno Augusto.
Gozarte então, entre prazer, e Susto,
Quando a sua e Nossa Snrpreza tinha.
Tu virá com tud Thod a Rainha
De sud Povo Felizes adorada:
Tu puzerá a sua pés a invicta espada:
Cheyo de respeito maid profundo
Beijarte a Mão, que foi Felis do Mundo.
Ouviste doce som da Voz Suave,
Que tem do nosso Coraçam de Have.
Porém levá gravado na memoria,
Que ao Contar as Batalhas, e Victoria;
Os Crueis golpes; as mortaes feridas;
As Cabeças das Corpos divididas,
Em sangue, e pó revoltas os Cabellos;
Tu virá enternecer sud Thod belos.
Não poderá dezejar honras mayores.
Firmou a Mão Real os tus louvores:
Declarou que será por bem Servida:
Unico preço, porque arrisca a vida

Na-

Nação leal de gloria cobiçoza.
Agora torna ao teu: Chama-te a Europa,
Que com agudos ays rompe o ar denso,
E estende os olhos pelo espaço immenso,
Contando os longos dias, da Saudade.
A lazaõ, o Dever te persuade;
Torna ao teu, que te esperaõ Cuidadozos,
Que a Guerra te seguiraõ Valerozos;
Mostra-lhe o Premio, que a Virtude anima.
Conta da bella Europa o doce Clima;
Os Uzos, os Costumes differentes.
Cheyos de inveja os Louvas teus Parentes
Na Corte ouviraõ da Real Tia.
Emquanto ao Augusta, a Immortal Maria,
Manda do alto do Throno, em Paz, em Guerra,
Teus Mayos, e teus Doús, ao fim da Terra;
E co' a vermelha Cruz te adorna o Peito;
Com este loiro a tua testa enfeito.

No-

Notas.

Pag. 3. Vers. 2. Sem saber a quem paguem o seu Tributo. Foi escripto nomes dez Novembro de 1734.

Pag. 3. Vers. 6. Dormem na Praça. A Praça Geral.

Pag. 3. Vers. 10. Guerra Preta. Este hé outro Povo, e assim se intitula.

Pag. 3. Vers. 18. Quitubia. He outro nome de Guerra: Quer dizer Fogo: O seu nome de Baptismo hé Domingos Ferreira de Assumpção. Assim mesmo se chamou seu Pay, que governou o Presidio de Ambaca. Como este nome teve já seu Avô, que depois de obrar proezas na Guerra, foi o primeiro da sua Cor, que dizia ella na no Presidio de Pedras.

Pag. 4. Vers. 1. Quimoua Corre. Na Guerra de meu serviço de Senhora, Contra a Rainha Ginga sua Tia. Constrangeo a retirar-se, e passar p.a outra parte do Rio Ambamba; e pedir paz em 1624.

Pag. 4. Vers. 1. Feraõ Rainha. A Rainha Avô desta chamava se D. Veronica: Esta tambem se fazia chamar D. Veronica; mas o seu nome hé D. Bingue.

Pag. 4. Vers. 9. Em vez do Pay. Na sua morte. ajuntou-se aos Estudos na Capital de S. Paulo de Loanda: Mas a pena de seguir pa roa a primeira expedição, deixou o Livro, e foi guerrear.

Pag.

Pag. 4. Ver. 20. Cuengy. Sorentado, aquem Conquistamos a Serra ou terra, que conserva o seu nome: Hoje he bom Vassallo da Corôa, com outros dous Sorentados seus Vezinhos, o Ambuella, e o Ambuilla.

Pag. 4. Ver. 22. Cangu. Rio, que vem do Sertão das Benguellas.

Pag. 4. Vers. 23. Cuanza. Rio bem conhecido, que entra no Mar ao Sul da Capital de Angola.

Pag. 4. Ver. 24. Crocodilo. Gandu na lingua do Said.

Pag. 5. Ver. 5. Novento das Arvores. Estas Arvores cha-mão-se Embondeiros: Algumas são tão Corpulen-tas, q dez homens não as abração. A casca he grosseira, e dura; o resto he tão brando, q com fa-cilid., e com qualquer instrum.to se deixa cavar. Os Negros fazem-lhe huma abertura pello alto, entrando dentro, lhe escavão por ally quazi todo o interior; naquella vasta Cisterna depo-zitão toda a agua, q podem recolher da chuva; e desse modo conservão fresca, e saudavel. Nem há outra no Said: A vegetação não só não pa-dece, mas prospera; as Arvores sobre-o todo de-sfolhão, desflorão, e defructão, q sem as emelhão a confeitos.

Pag. 5. Ver. 12. As Serras Altas. Pertencem a Rainha Ginga.

Pag. 6. Ver. 4. Lucalla. Rio, q vem das terras da Rainha, e entra na Cuanza.

Pag. 6. Ver. 20. Hippopotamos. Nalingua do Said Guvo.

Pag. 6. Vers. 12. Cabrito. Sova de Moço, q mostrou m.to valor na guerra.

Pag. 6. Ver. 19. Apyrum. Sol. Cita faze, em rigor, naõ de-
zigna só Mosangano: mas poeticamente
exprime o effeito do Calor, q̃ hé aly taõ intenso,
q̃ sucede muitas vezes incendiarem-se os Arvores.
Os Moradores, em certos tempos, tem sempre
agoa sobre elles.

Pag. 6. Ver. 23. Dungo. Pedra mais alta q̃ as outras, q̃ descuberta
ver de huma grande distancia. O primeiro
Capitaõ Mõr das Pedras, posto por Sua Mag.e,
foi Simaõ Dias.

Pag. 7. Ver. 4. Mofulu. O Dembo, que reyna naõ faz divisaõ,
Cazeca a Capital; cuj̃ se chegou já a nos alonjo
de Mar, até o Dungo; intitula-se Marquez
de Mofulu.

Pag. 7. Ver. 19. Rebelde. Foraõ o Quinquengo, os Nebua-
Angongo, ambos dalem do Dande.

Pag. 8. Ver. 6. Submisa. O Capitaõ Mor da Guerra Preta,
que ficou na ausencia dos valerozos Quitubia,
hé Luiz Gonçalves Vaz, seu Discipulo na
Arte da Guerra, e que faz honra a seu Mestre;
sendo Ter ascendente do primeiro, tem todo
o seu Valor; como bem mostrou no Caminho
de Encoge.

Sentidissima morte da Ill.ma e Ex.ma Snr.a
D. Maria Ignacia da Silveira, de gloriosa
memoria.

37

Por D. Mariana Angelica Fortes
de Bustamante Sa Leme.

Que triste orror q. cena lastimoza,
Gelado o sangue tenho o Ardor Custoza
Deixai Pastores meos por hoje o Canto
So com luto seguir meo triste pranto.
De funebre Cipreste ornai as frentes,
Que os suspiros em nos serão frequentes,
Lindas Gracas Cortai as belas Trancas.
Vos Amores Carpi quebrai as Lancas,
Seja tudo signal de sentimento:
Vem oh! Muza ajudar o meo tormento.
Nas cavernozas grutas mais escuras
Farei enternecer as penhas duras.

Porq vejo q a fera, e negra Morte,
De Marilia gentil decide a Sorte,
Aquela porquem Dora o triste Teijo,
E suspira Constante o Alenteijo,
Ali ficou seo nome eternizado,
Nas preclaras accoens do Esposo amado.
Sua vida foi sempre gostoza,
Sua falta sera muito saudoza,
Ella foi das vertudes o ornamento,
Emmortal se fez seo merecimento.
Nos avimos na Roda de Enjeitados,
Amparando Pupilos desgraçados,
Nova filha Marilia recebendo,
No regaço com zelo a vem trazendo,
Dalhe dote procuralhe estado,
Tudo so por servir ao Ceo Sagrado,
Seos tristes olhos meos voltar pertendo,
No azilo onde estao mortaes gemendo,
Eu vejo esta Illustrissima Heroina
Aplicarlhes gostoza a Medesina,
Nos trabalhos Constante, Heroica, e forte,
Eisedeo no valor ao grao Mavorte.

Fazendonos esquesa na Constancia
Peponilla e Paulina sem jactancia,
Arria, Porcia, Zenobia, e Artemiza,
Todas Marilia excede, toda riza,
Depoem Casia Diana o Arco, e Flexa,
Com q. em peitos Brutaes, fizeste brexa,
Depozitalo vem na Campa fria,
Onde esta de Marilia a sinza fria,
Se Minerva de inveja se gemeste
Teme agora de dor, por q. aperdeste,
Alli mesma licoens pudia darte,
Eda Mestra mesar, por ter mais arte,
Desci Muzas desci la do alto monte,
Dorar vinde comigo, ao pè da fonte,
Vem Urania gentil aqui me inspira,
Hum nobre som, a minha triste Lira,
Que a Matrona, eao filho pintar quero,
Sentindo naõ ser eu o grande Homero,
Por q. assunto taõ alto, e taõ sublime,
Terror no Coraçaõ, e na alma emprime,
Ella a Belindro lendo nos seos braços,
Avertude lhe inspira com abraços,

Como May extremoza, eterna amante,
Ao filho fazer quer, astro brilhante,
Gravando no seo peito a san verdade,
Com q. o ser ham Heroe da nossa idade;
E para em tudo ser Illustre, e forte,
As suas paixoens dogma de tal sorte,
Que ao Colegio levou ao filho amado,
Sendo alej por ella idolatrado,
E depois a Coimbra o remetendo
De saudades Cruej, ficou gemendo,
Na santa Theologia enduytriado,
Com gloria veio a ser Licenceado.
Sendo ja de Minerva Illustre filho,
Da May seguio em tudo o nobre trilho:
Da bela caridade aviva a chama,
Aquele belicoso peito enflama,
E para em tudo ser Heroe perfeito,
Por Marte o novo filho foi aceito,
Militando debaixo da Bandeira,
Da Augusta, Pia, e Gran, Maria Primeira,
Pio Mariz ao filho suspirado,
Dos seos braços por Lei, ser arrancado,

Atravecando o humido Oceano.
Do governo lhe dá Marilia o plano,
Recomenda lhe adore ao Ceo sagrado,
E ao Deos Trino, que seja dedicado,
Que aos Ministros da Igreja respeitando,
Oculto vão da mesma adiantando,
Obedecendo as Leis do Soberano,
Ganhando o Coracão do Americano,
Tudo isto Marilia vio Completo,
No filho, que adorava por discreto,
Inda em São Paulo existem monumentos,
Que causarão eternos sentimentos,
Estradas indomaveis, e Calcadas,
São pelo nobre Heroe executadas,
Pontes, Quarteis, Cadeia, Xafarix,
Fabricas este magnanimo Tuis;
Mas donde me afastais OE. pensamentos,
Do principio que dei aos meos tormentos,
Se contra a Orrivel Parca me declaro,
Que em Mariles roubou o meo amparo,
Se do Filho vos dice accoens preclaras,
Da Mãy mostrar vos quis virtudes raras.

Delas quaes sera sempre decantada,
E do Orbe com pena suspirada,
Nem da Cerie de Heroes de quem descende,
Seos louvores nimigem tecer pertende,
Por que suas vertudes Cento a Cento,
Excederão seo nobre nascimento,
Que o descender de Reis nada importara,
Se apiedade a grandeza não juntara,
Xore, xore, por ella a gran Lisboa,
Da vertude lhe dem a mor Coroa,
Ó Deos OE grande Deos, e quantas vezes,
Hade Atropos ferir aos Portuguezes,
Roubarlhe às Heroinas Luzitanas,
Que na piedade excedem as Romanas,
A triste za Cruel veio gravada,
Na pobre Paulicea desgracada,
Nos recentes vestigios do desgosto,
Não pertende emxugar seo lindo rosto,
Sentidissimas lagrimas derrama,
Por quem merece ter eterna fama,
Nos Cedros de Marilio o nome invicto,
Em doces caracteres tem escrito,
De Marianna a Cidade tambem xora,
Por Marilio sublime ao Ceo emplora,

Ericas Vrnas de Ouro Refulgente
Ao filho ofereceraõ humildemente;
Porem eſtas ofertas que eſtaõ feitas,
Nunca por tal Heroe seraõ acçitas;
Por que eſta famoza geracaõ
So de ao Rei agradar tem ambicaõ,
Mas eu ja vejo o funebre aparato,
Que tras de Paulicea o Paſtor grato,
Hum Mauzuleo ſoberbo ali deviso,
Que perderme faz ja de todo o ciso;
As Eſtatuas do Eſtado que saõ muitas,
Na eſta triſte Cena ſoraõ juntas,
Tudo de Orror eſta como pasmado,
De ſuſto o ſangue tenho Congelado,
Com ſoluços ſuſpiros miſturados
O Semblantes ſe vem deſfigurados,
Tu hó Parca cruel inexoravel,
Neo deſtrago fizeſte lamentavel,
A Heroina maior naõ reſpeitaſtes,
Na Foice vossas deſcarregaſtes
Sobre a vida melhor, que o Mundo vira,
A qual o Orbe inteiro oje admira,
Como Emperio da mesma Caridade,
E Teſouro da ſanta Criſtandade,
Eu ja deſcendo vou, ao frio Tumolo,
De Heroinas, buſcar o maior Cumulo

Onde estay Dª Marilia idolatrada,
Que ainda em tal lugar ey adorada,
Onde estay, fala, fala, não te esconday,
He Crivel, que ameo, aiy tu não responday,
Tu não estay no orror day Sepultura
Ja da nova grandeza me assegura
Tua alma nobre, azilo da piedade
Que opremio recebeo da eternidade.
Porem neyte lugar de sentimento:
Dezafogo darei ao meo tormento.
Xegarão ay Esferay meoy Clamorey,
Por que em vida ganhayte meoy louvorey,
Em vão se Cança onofo tiyte amor;
Tu noy Elizioy jas, como huma flor: aqui disse o P. Galvão
Tu ja voayte para o Ceo Empirio. assim hé com suspençaõ
May amim me ficou Cruel martirio
Exercendo ay acçeny de piedade,
Com os Juytoy gozaiy da eternidade;
Tu foste cá day gentey respeitada
Do Deoy trino seray muito exaltada
Lá do Ceruleo Olimpo estende amaõ,
De Belindro conçola o Coraçaõ;
Por que aviolenta dor, q na Alma sente,
Seo peito partira, eternamente,
A seitai Dª Marilia em olocauyto,
Meo verso neyte dia, em tudo enfauyto;
Por que eu em rouco som, na toyca Avena,
Eternizarei Constante am. pena.

Oitavas

A Memoria dos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Manoel.....

Conde d'Oeiras, e Marquez de Pombal

1

No Dia tres de Março muito cedo
O Spectaculo foi-se preparando,
Pelo= Tempo= suave, e muito ledo;
Forão-se Personagens ajuntando
Para junto d'hum lindo Arvoredo,
Instantes, Horas, Tempo= vem andando
E juntos todos n'huma rica Salla
Assim desta maneira o Tempo falla:

2

=O Tempo= Deveis saber, ó Horas, Mezes, Annos,
Que sendo vós meos Filhos mui amados,
E regulaes negocios humanos,
Deveis seguir q ele fosseis todos congregados
Neste Paço dos meos Desenganos,
Para serem huns Annos celebrados
D'hum Mancebo, a cujo Nascimento
Dá Mez de Março todo o Luzimento

Se pela Poesia sou pintado
Hum velho inexoravel, rigoroso,
Cu'a Memoria tenho sepultado
Em hum esquecimento horroroso
Dos successos humanos, e tirado
O Direito da Fama tão honroso,
Ha successos comtudo, que respeito,
E de cuja Memoria me deleito.

4

A Aurora mandei, que signal desse
Ás Estrellas, ás Trevas, noite escura,
Para se retirarem, e viesse
A Formosa Manhan, bella, pura
Do Dia tres de Março, e fizesse
Brilhar, e triunfar a Formosura
Da Memoria desses bellos Annos
D'hum desses respeitaveis Humanos.

5

Aurora Já se fez o que o Tempo ordenava
As Portas da Manhan mui brilhantes
Pela mais bella Luz, que as banhava
Assentadas em bellos Diamantes
Já se abrirão, e já se divisava
Essa Scena das cousas mais tocantes,
Que se admirão na immensa riqueza,
Em que abunda toda a Natureza.

6

A Terra já se vê, e os largos Mares
E nelles vai entrando o rico Tejo
Os bellos Arvoredos, e Pomares
Que pelas lindas Margens de sobejo
Por entre muitas Villas, e Logares
Se encontrão com elles já festejo
O precioso Dia tres de Março
Minha terna alegria não diz farço.

7

Eu já mandei a Flora, que tractasse
D'aprromptar toda a Flor da sua Corte,
Toda a Corte das Flores ostentasse
Grande galla em tal Dia de tal sorte,
Que nada de Solemne lhe faltasse.
O Nascente, o Sul, Poente, o Norte
Brincando com as Flores docemente
Farão huma armonia excellente.

8

Flora Na minha bella Corte obedecem
Plantas, e Flores á linda Aurora
Ellas todas á profia pois s'offrecem
Aprestar-lhe serviços toda á hora
E para dar-lhe gosto todas crescem;
Obedecem com mais prazer agora,
Que lhe manda ostentar d'sua gála
N'hum Dia, que mais devem ostenta-la.

Aqui as bellas Ruas, e formosas,
Allí as bellas formas dos Canteiros,
Tudo são perspectivas mui airosas
Aqui se formão circulos inteiros
A roda dessas Flores mais mimosas
Triangulos os pontos derradeiros;
Tambem lá stão quadrados bem traçados
Por bella simetria ordenados.

10

Tudo stá celebrando o Fausto Dia,
O Dia tres de Março apparado
Por aquella admiravel Armonia
Destas Ordens Divinas, que obrado
Tem tantas maravilhas, e faria
Conduzir o socego celebrado
Dos Annos deste tão nobre Menino,
Que da Flor da Nobreza he o ultimo.

11.

Março O Mez eu sou, que fexo do Inverno
Essas horridas Portas, e eu venho
Abrir esse Theatro o mais terno
Da Linda Primavera; as Chaves tenho
Do bello Gabinete o mais interno,
Em que se deposita o Derretho
Das Estações do Anno a mais bella,
Em que stão Jardins pintados por ella.

12

O Mez em sou, que tive a ventura
De haver em meos braços recebido
A terna, inocente creatura,
Cujos bons Annos ha innobrecido
A Graça a Virtude, a Formosura,
E que o meo Ceo tem conduzido
Até o dia d'hoje consagrado
A Memoria do em que fora nado.

13

O Dia 3 de Março — Entre todos os dias do bom do bom Anno,
Em que Deos maravilhas tem obrado,
Assim me deo por sorte o ser Soberano,
Que eu fosse esse Dia destinado,
Para sahir á Luz esse Humano,
Cujos Annos nós temos celebrado,
E vou todos os Annos memorando
Este feliz sucesso renovando.

14

A Religião — Louvai ao Creador ó Creaturas,
Que vos creou tão bellas, e brilhantes,
Que no Ceo residis, e estais seguras,
Que brilhareis em todos os instantes,
Que conservará vossas formosuras,
O Que cria na terra os Diamantes,
Que pinta nos Jardins as lindas Flores,
Que abençoa da terra os Moradores.

Louvai ó Dias, Noites, Estações,
Louvai ó Meses, Annos que correndo
Com os vossos Invernos, e Verões,
Dos humanos as Vidas estendendo,
(Pois dos Homens a Vida vós a vós;)
Ao Criador estais obedecendo;
Louvai-o neste Dia Natalicio,
Em que Deos se mostrou taõ propicio.

Il Cambio Felice,

Cantata a Due Voci

Per festeggiare le faustissime Nozze delle Loro Eccellenze,

Il Sigl Antonio de Saldanha, Oliveira e Sousa,

Conte di Rio Maior,

che sposa la Signora Donna Maria Leonora

Ernestina, de Carvalho, Daun e Lorena,

ed

Il Sigl Sebastiano Giuseppe de Carvalho, Mello

e Daun,

Conte di Redinha, Figlio,

che sposa la Sig.a Donna Leonora Ernestina

de Saldanha, Oliveira e Daun,

La qual Cantata è offerta e presentata a

Sua Eccellenza,

Il Sigl Enrica Giuseppe de Carvalho

Mello e Daun, Conte di Oeyras,

e Marchese di Pombal

ec ec ec

da

Angelo Talassi Poeta

al Real Servizio.

Interlocutori

Amore ed
Imeneo.

45

A 2 Son congiunti i nostri vanti,
Sempre andiam l'un l'altro appresso.
Im: Dammi Amor...
Am. Dammi un amplesso,
Nume placido e gentil.
Due Le Coppie son d'amanti,
A 2: Ch'or coronan mirti e fiori,
Che han mercè de' vivi ardori
Dell'età nel verde Aprile.
Am: Germano, Amico, tu che avvezzo sei
La costanza a premiar di chi sostiene
Lunghe amorose pene,
Or torni al Tago in riva,
Ove ti chiama un'adorabil Diva.
Questa è Amalia la bella, inclita Madre
Non sol di molti generosi Figli,
Che di Marte i perigli
Goder seguire, o aver i primi onori
Fra pacifiche soglie. Ancora al Mondo
Ella diè Saggie Figlie, illustri e belle,
Che son del Luso ciel lucida Stella.
Una fra lor con nobile coraggio
L'Atlantico solcò seguendo il Fato
Del degno Sposo suo, che caro a Marte
Or regge del Brasil non lieve parte;
Una Suocero vanta il Gran Giuseppe,
Che per tant'anni seppe,

Del Regno sofferer le gravi cure,
E in mezzo alle sventure
Come fra gli alti onor vivendo in corte
L'istesso ognor mantenne animo forte.
Contempolo in altra parte
La Sposa d'un Machado,
Che celebrando io vado
Tra i più prodi Garzon, diletti a Marte.
Nè tacerò di Quella
Del par cortese bella,
Che premio ottenne amando,
E in Pedroso è vicina al suo Fernando.
Or parlo di Colei, per cui adesso
Coronato d'amaraco discendi,
Cui fausta splende Citerea benigna,
Ch'or la man porge al giovine Rodigna.
Imen. Questa non men dell'altre
Sempre è cara al mio cor. Per Lei destai
D'annodarla a tal Sposo il bel pensiero
Nel generoso sen del sempre grande
Magnanimo Pombal. Nel tempo stesso
Due de Nipoti suoi vole contenti.
E l'uno Sebastian, Figlio del Saggio
Suo diletto Germano. E l'altro il biondo
Giovine Antonio di Giovanni il Figlio,
Di quel Giovanni Illustre,
Che chiaro pel Consiglio
Rivolto al ben del Regno
Fu del Trono col labbro alto sostegno.
Di Lui Sposa diviene una Leonora

L'istesso Nome ancora
Vien la Germana sua, che un dolce Laccio
Al Reggina accoppiò. Giocondo e Lieto
sempre in pace vivete,
Coppia d'anime elette. Il Ciel diffonda
Sù Voi tutti i suoi doni. Il corso ufato
Del tempo non estingua il vostro amore,
E sian le due Leonore
Di Fanciulli Leggiadri,
che un giorno Voi sarà, vezzose Madri.
Belle Coppie avventurose,
che abbellite il patrio Tago,
Presentate a noi l'immago
Della gioja e del piacer.
Fausto il Cielo alle due Spose
Lieta Sorte ognor predice,
E un Cambio sì Felice
Sempre invitale a goder.

Am. Quanta gloria al mio Regno
Apportan queste Nozze! Ognun n'esulta,
E' applaude ognun. Ma quel che più ne gode
E' il degno appien di Lode
Splendido Eccelso Enrico. Il Figlio è questo
Del gran Ministro in ogni età famoso,
Che al pubblico riposo
Indefesso vegliò, che de' malvagi
Seppe i falli punir, che la Città
Dal fier tremuoto orribilmente scossa

Risorger fece dalla sua ruina;
Che l'Arti, la Marina,
Il Commercio avvivò, che in mille guise
Il comun ben sempre animò e protesse,
E con Gloria del Regno il freno resse.
Enrico, il suo gran Figlio,
Che ne' supremi incarchi
Gradito ai suoi Monarchi
Puote sempre brillar, d'un Genio vasto
Ben mille prove diè. Cura Ei si prende
Di celebrar dentro il suo ricco Tetto
Questo doppio Imeneo. Nell'ampia Sala
Ove allegra Abbondanza i passi aggira
Delle splendide mense il Lusso ammira.
Quanti l'arte più industre
Seppe cibi adunar, quanto produce
Di più raro e gentil La Terra o il Mare.
Ivi formato in vaghe guise appare.
Scenda il Superno Giove
Dagli assi dove regna,
E mensa di lui degna
Qui rinvenir potrà.
Condite in forme nuove
Vedrà l'esche novelle,
E al paragon di quelle
L'ambrosia vil sarà.

Im. Parmi che uscir già vegga
Dalle sue soglie un numeroso stuolo,
Che scorre i campi a volo
E alla Grangia ne va.

Am. Là si rinnova
L'alta pomposa Festa,
Mentre agli Sposi il talamo s'appresta.
Im. A mescolarci andiamo
Tra le contente danzatrici schiere;
Godiam noi pur, s'altri facciam godere.
Quando Amor lieto e ridente
D'Imeneo si fa seguace
E ministro sol di pace,
Non fa piangere e penar.
Im. Se d'Amor mi fo compagno
Sono in volto appien giocondo,
E dagli affanni affanni il Mondo
Vengo tosto a sollevar.
Am. Io non mai voglio staccarmi
Dai due Talami felici
Delle Dee, d'Amor Fenici,
Im. Io vo il seno a fecondar.
De' Carvagli e de' Saldagna
Suoni il Nome al piano e al Monte,
a 2. Lo ripeta la campagna,
Lo ridica il Fiume, il Fonte,
E due Muse ai carmi pronte
Clio con Erato compagna
Le due Spose gloriose
Vengan liete a celebrar.

= Fine =

ARTIGO II.

POEZIA.

EPISTOLA.

Ao Senhor Thomaz Antonio dos Santos e Silva.

Quão varias sensações produz teu Canto!
N'alma, no coração que effeitos deixa!
Ou jubilo, Ou terror! Ou pasmo! Ou pranto!
Bocage.

Se meu nome soar a teus ouvidos,
Será de ti lembrado inda meu nome?
Conhecerás acaso o terno amigo,
Que comtigo passou felices dias,
Dias gostosos, que nos Ceos se doirão,
E que das mãos de Jove ao Mundo saltão
Em troco aos raios, que desprende outr'hora?
Recordarás, Tomino, esses momentos,
Em que, dado ao prazer, rogava ancioso,
Que soltasses da Lyra os sons cadentes,
Em cujo accento armonico embebido,
Divino me julgava, e que no Olimpo
Sentia os Anjos conversar c'os Deoses?
Vê se acordas ainda em tua idéa,
Que notando o desejo insuperavel,
Em que eu ardia, por subir ao Pindo,
E gostar de Permesso as leis sagradas,
Que o baixo vulgo profanar não ousa,
A meu engenho fragil, e apoucado
Com sincero fervor, e attento déste
O primevo desenho, as lições gratis,
Que organizárão meu grosseiro metro,
E fizerão voar meu estro implume?
Sim, Tomino, tu foste o meu Horacio,
O meu Despreaux tu foste; as sabias regras,

Que emanárão de ti a meus sentidos,
Os preceitos me dérão, a arte, o gosto,
E de homem insulso me tornárão Vate.
Tomino, devo tudo a teus affectos:
Meu estro, e versos meus; progenie excelsa,
Que a ti devem o ser, hoje dirijo
A' tua amavel, candida presença,
E submisso beijando a sábia dextra,
Vão buscar novas leis, encantos novos,
Os votos renovando em fervor grato,
D'amizade maior, estreme, e pura.
Porém quanto diverso he nosso estado
D'aquelle, em que existiamos contentes!
Então alegres dias se passavão
Em mutua sociedade, em mil venturas:
Hoje custa a marcar hum só momento
De gosto, de prazer, de affavel riso:
Então geral applauso mais doirava
Tuas lembranças, graciosos ditos,
E em jovial candura escarnecias
Negros Decretos do terrivel Fado:
Hoje para surgir ao pranto, e mágoa,
Entre os tormentos da feroz Desgraça,
Que altiva nos persegue, e affoita opprime,
Não basta só valor; mais he preciso:
Férreas lições de Zeno em taça amarga
Beber devemos, qual se bebe o nectar,
E de estoico semblante a pár de horrores,
As idéas, e as frazes adoçando,
Soltar forçado riso aos tristes lábios.
Então folgavas sem temer os damnos
Da vária Deosa, que reparte ingrata
Os bens avaros pelo Avaro insano,
Pelo vil Orgulhoso, e torpe Egoista;
E em teu pequeno Lar, prezado, e livre
Hora gostavas d'incensar a Lesbia
Com teus funebres Hymnos amorosos,

Dando alimento á funebre saudade;
Hora com Plinio, com Linneo, com Brisson
Da natura sondando altos segredos,
Os cofres de Minerva enriquecias,
De Lysia abrilhantando o Nome augusto:
Hoje envolvido em sombras pavorosas,
Em densa escuridão sempre envolvido,
Senão valesse do passado a idéa,
Senão fosse a feliz reminiscencia,
Das proporções do Mundo duvidáras:
Nem jámais saberias, como Febo
Os Etontes dirige, e o Orbe aclara;
Nem calculáras, em que certo espaço
As pontas de marfim renova Delia;
E entr'as obras do Eterno, e maravilhas
Só podéras julgar sem fim a noite:
E tambem, a não ser, (Eu me horroriso;
Só de o pensar me assusto, gélo, e tremo!)
E tambem, a não ser o santo Asilo,
Onde te alvergas, e no qual te occultas
Contra os ultimos golpes da Desgraça;
Talvez que mais tyranna a tua sorte,
Mais ímpia, mais atroz te decidíra,
A curvo mendigar de porta em porta,
Implorando o soccorro indispensavel
A sagaz opulento, o qual inchado
Sobre o fôfo sofá, contente, e louco,
Ouvindo retinir na lauta meza
Os pratos das proficuas iguarias,
Que mesmo assim a gula lhe não fartão,
De bronze o coração, de bronze o peito,
A teus gritos, aos gritos da pobreza,
Virando o rosto á turbida indigencia,
Nem signaes de piedade ao menos déra.
E vendo redobrar teus ais afflictos,
Prantos, gemidos, preces, e queixumes,
Com desabrida voz só respondéra:
» He muito profiar, lancem-no fóra. »

Ah! Tomino, Tomino, ah! caro Amigo,
Em que terror me lança o feio quadro,
Que acabo de pintar! Oh Jove, oh Jove,
Para que servem teus temidos raios,
Se vivem monstros taes, e se a Ventura
Só com elles divide os bens preciosos!
Oh Lysia, oh Lysia, com razão lastimo
O rasteiro agasalho, escasso, e duro,
Que dás ao filhos teus mais distinguidos,
A'quelles em quem brilha algum talento,
E dos quaes as sciencias respeitosas
Recebem novo lustre, e graças novas!
Porém, Tomino, em quanto volve a roda
De teus escuros (1), desgostosos dias
No santo Hospicio, que fiel te acoita,
E te enternece o lugubre murmurio
Da afflicção, do gemido, e dôr, e pranto;
Eu tambem infeliz entre mil damnos,
Da Lysia desterrado ha mais de hum lustro,
Malfadada, penivel existencia
Me alonga a serie dos penosos dias:
Dias de horror, instantes que detesto,
Sem fim os creio, e seculos parecem!
Em Elvas encerrado, ouvindo sempre
O bronze atroador, e a cada passo,
Vendo os preparos para estrago, e morte,
Frenetica loucura, em que abrazado,
Se troca o homem racional em féra,
Inda se augmenta mais meu mal profundo:
Não que me assuste a morte; antes a invejo,
Ha muito a desafio, ha muito a espero,
Bem resignado a seu tardio golpe;
Mas sim, porque me fere, e me horrorisa
Vêr destruir-se ás mãos a Humanidade.

(1) Escuros pela cegueira.

Aqui na terra, onde os Elvenses folgão,
E aonde he só doçura a Lei de Marte,
Ha meio lustro já tive a noticia,
Que meu Pai expirou..., Oh Ceos! Oh Numes!
E quando apenas enxugava o pranto,
O pranto filial da natureza,
Expirou minha Mãi.... E a sorte adversa
Permitte não sucumba ao lance infausto,
No qual orfão me vî? Que desgraçado
Para sempre me fez! Bem desgraçado!....
Mas inda não contente a voraz Parca,
Dois Cunhados me leva! E d'improviso
Eis vejo em confuzão, eis apparecem
Sem Marido, sem Pai, sem bens, sem forças
Orfãs, Viuvas, deploraveis restos
De meus perdidos, miseros Parentes,
Entregues a mim só, e a meus cuidados!

Agora deixo a teu pensar altivo
O resto de meus grandes infortunios,
Entre os quaes desde então luto, e debalde
Quero escapar ás mãos do iniquo Fado:
Busco surgir aos lances da desdita,
Da desdita, que mais, e mais me aterra,
Do meu Fado, que mais, e mais me azeda,
Mas basta já de horror; corra-se o pano
A' Tragedia de meus funestos dias,
Em cuja scena Actor inda trabalho.

Tomino, Amigo respeitoso, e sabio,
Se a causa inquires, porque assim te escrevo,
Forão teus versos, teus sublimes versos,
Que em metrico furor me embriagárão.
Mesmo no centro dos mortaes desgostos,
Em que triste laboro, de contínuo,
Eu os lî, e relî: porém não farto,
Jámais os deixo, the comigo dormem,
E mesmo sei de cór a maior parte.
Quando os lêio de novo, em mim renovão

» Tempos de Rhéa, tempos de Saturno,
» (S'houve Saturno tal, s'houve tal Rhéa.) »
Só Elmano, ou Tomino, ou Febo, ou Jove
Assim póde cantar, assim se expressa
Forão teus versos, teus sublimes versos,
Quem minha dôr hum pouco adormecêrão.
Cachopos d'Ulisséa! Ah! Que thesouro
Sobre vós derramou o Vate egregio!
Andromachas gentís, Cassandras bellas,
E Venus mesmo he pouco a par de Olcyspa.
Eis Ulysses, o Heróe, que ao Mundo pasma,
» Arde insoffrido, e quando mais tranquillo,
» Mais lento elle s'inculca, então mais arde,
» E menos que rebente, não socega
» O Vezuvio d'amor. » Oh Vate excelso,
Esta he dos Numes a elegante fraze!
Assim no sacro Olimpo os Deoses fallão!
Eis que por agradar á linda Olcyspa,
» Acções, palavras concertando Ulysses. »
Descreve o fatal cerco, o forte assedio,
Que Troia destruio, que abrazou Troia,
E em poucos versos conta a longa história,
Que Volumes encheo, que fez Poemas:
Cachopos de Ulysséa! Ah! Que thesouro
Sobre vós derramou o Vate egregio!
Eia, Musa, silencio; as horas volvem
Dadas á mágoa, e dôr: não mais roubemos
Esses instantes, em que o Vate solta
Os magos sons á carinhosa Lyra.
Eia, torne o silencio, a dôr, a mágoa.
E tu, Amigo, cujo Metro exímio
Na voz da Fama tem a Eternidade,
Acolhe os versos meus, pois nelles brilhão
Pureza, candidez, amor, ternura;
Bem sei, que a minha Musa inerte, e frouxa
Em vão se esforça, por subir anciosa
Da Castallia montanha ao alto cume:

Mas se na scena do voluvel Mundo
Quatro lustros não conto bem completos,
Não he muito que implume inda rasteje;
Póde ser, que no tempo as forças ganhe,
E hum dia gyre ousado além dos Astros:
Porém agora imperfeições desculpa,
Da idade juvenil desculpa os erros.

João da Mata Chapuzet.

CRITICA.

Mademoiselle Dumesnil, e Mademoiselle Clairon.

Não fará admiração vêr aqui reunidos os nomes de duas Actrizes, que se fizerão célebres no mesmo genero, e no mesmo tempo. Cuidaremos mais das Anedoctas tendentes a fixar as tradicções Theatraes segundo sua propria experiencia, ou conselhos dos Autores, que lhe confiavão partes, que dos factos particulares de suas vidas.

Existem de Mademoiselle Clairon humas memorias impressas no Anno Septimo da Republica, que, além da vida privada desta Actriz, que prova que a destinção do Espirito he inseparavel da nobreza do caracter, contém todos os Estudos, que ella fizera para chegar á prefeição, e formão huma especie de Poetica das Partes, que representou.

Seria o seu Livro digno d'illemitado elogio se a cada pagina não estivesse resumbrando sua parcialidade contra Dumesnil; parcialidade que he ainda mais criminoza por esta Actriz ter sempre feito justiça a Clairon. A gloria da Rainha de Carthago (1) nunca foi perturbada pela *borachona* Dumesnil (2), que, ao menos nisto, foi superior a sua Rival.

---

(1) Alcunha posta a Mademoiselle Clairon, porque nas sociedades conservava as aptitudes reaes de Dido

(2) Voltaire nunca lhe dava outro nome: estava no Theatro como em casa; ao contrario de Clairon, que estava em casa como no Theatro.

Porém o Editor das pertendidas *Memórias* de Mademoiselle Dumesnil, ainda encorreo em maior censura publicando huma *defamação* em lugar de huma refutação ás memorias de Clairon. Neste volume de injurias, em que não ha hum só rasgo da Poetica Theatral, não cessa o Author de metter a cara o seu principio mimozo » *devemos abandonar-nos á Natureza*.

Isto he querer estabelecer nas Artes huma Doutrina relachada. Deve ao contrario insistir-se sobre a necessidade dos multiplicados, e assiduos Estudos, que aperfeiçoão os dons naturaes; o tallento cresce com os obstaculos, e a difficuldade he a decima Musa.

Clairon em suas Memorias mete a ridiculo a destinção entre a Arte, e a Natureza: e com effeito, o ultimo esforço da Arte he adquirir huma reprezentação natural! Nota muito bem que ella não he Electra, nem Amenaida, nem Veriata, que Orestes não he seu Irmão, que Tancredo não he seu amante, nem Sertorio seu Heroe, e que a Arte deve desaparecer ao ponto de suprir a Natureza.

Todas sabem que reprezentando Ariadna (na Scena em que indaga com a sua confidente quem possa ser a sua rival) ao repetir este verso.

Quem o torna infiel?.. Egle?... Megista?..

Vio hum Espectador, que com os olhos banhados em pranto se inclinava para ella, gritando com huma voz suffocada » he Phe- » dra! He Phedra! » eis aqui o grito da Natureza, que aplaude a perfeição da Arte.

A Parte d'Eriphile, na Iphigenia, olhado como huma das mais subalternas do Theatro, antes que nella entrasse Clairon, tornou-se reprezentada por ella, huma das de maior effeito, que a Peça tem. Ninguem podia, nesta difficil parte, colorir melhor a dessimulação, o amor, e o ciume. Quem fará como ella re-sahir o contraste dos dois sentimentos expressados nestes bellissimos versos

Embarquei detestando as furias suas,
Com horror sempre os olhos desviando...
Vio-o... nada de atroz tinha o seu rosto,
Senti nos labios expirar-me o enfado...

52

L'Inaspettato Arrivo

o sia

Il Trionfo della Pace

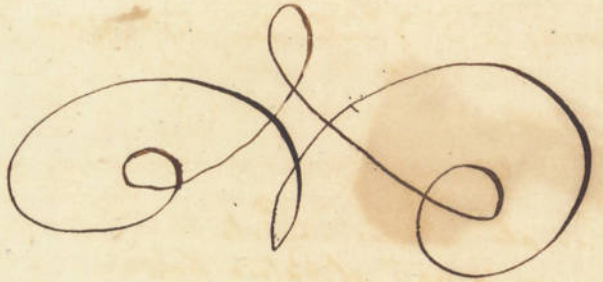
Cantata per Musica

Interlocutori

Lisbona.
La Pace.
Marte.
Il Tago.

Coro di Marinaj, e di popolo lisbonese ——

Azione si rappresenta parte nel Vascello, che trasporta il Principe in Lisbona, e parte nel Tempio della Pace ——



Scena 1ma

Coro di Marinaj, e di Popolo, che festeggiano l'arrivo del Principe

Coro

Varcato il mar crudele
siam giunti al Patrio lido
con festeggiante grido
risuona il Tago in riva:
viva Lisbona, evviva,
viva Giovanni ognor.

Ritorna o spiaggia afflitta,
ritorna alfin giuliva:
Viva Lisbona, evviva,
viva Giovanni ognor.

I Marinaj abbassano le vele, e tutti scendono a terra

Scena 2da

Lisbona seguita dal Popolo Portoghese

Lisb. = Dove son, che ascoltai? quali improvise
tumultuose grida
echeggiano d'intorno, il cupo bronzo
romba ancor minaccioso.
Cielo che mai sarà? nuova sciagura
al popol mio fedel forse sovrasta?
Ah! che al solo pensarlo
la mia ragion vaneggia, ed al mio sguardo
imagin di terror sol mi si affaccia,

e l'anima di orror tutta m'agghiaccia.

Da lunghi mali oppressa,
languire oh Dio! mi sento,
e in preda a un fier tormento
m'uccide un rio dolor.

Nume del Ciel clemente
fra tanti miei perigli,
salvami i cari figli
rendimi Pace al cor.

Dopo una breve meditazione; d'improviso si scuote, ed esclama con entusiasmo. —

Popolo! figli miei!
Vadasi al Tempio della Pace omai.
Divina ispirazion, dolce speranza
rianima i miei spirti; è nostra sorte
forse cangiar potrà. Devote preci
porgiamo innanzi a lei.
Seguite i passi miei, tutto speriamo
è propizio il momento, al Tempio andiamo. (partono tutti)

= Scena terza =

= Jago solo ——— =

Jago = O lieto evento, o fortunato giorno,
o insperato avvivo!...
o dolcezza, o piacer!
Sogno?... son desto....?
Giovanni il sospirato,
dei Lusitani il Padre,
di Lisia alto splendore,
cura de' Numi, e de' Regnanti il fiore.

sulle mie spiaggie scende....?
Dove, dove s'asconde
la felice Lisbona? oh Dio corriamo
a dargli il grato avviso,
e il suo pianto cangiare in dolce riso.
Vedrò felice in Trono
Giovanni in sì bel giorno;
già sento d'ogni intorno
lieto, e festivo suono
i cuori ravvivar.
Dopo la rea tempesta
che il passeggier sgomenta,
dolce aura in mar si desta,
la calma a riportar.

— Scena Quarta —
Tempio della Pace
= Lisbona seguita da Portoghesi, poi la Pace —

Coro
Dubbio il cor non ha consiglio
nel fatal commun periglio,
gl'alti arcani = tuoi sovrani,
deh! ti piaccia a noi svelar.

Lisb. = Diva, pietosa Diva,
degl'uomini piacere, e degli Dei
Oh dolce, amabil Pace!
sull'aureo trono assisa
Odi di un mesto popolo le voci;
chiedono pace in fervido desio
Deh! consola Pietosa il popol mio

Pac. = Inclita Diva, Lusitani invitti,
Popoli cari al Ciel, i lunghi affanni
Compensati saranno.

Lisb. = Come! ti spiega?

Face = Ascolta:..

Poch'anni in lieto covo,
di Giove al simulacro
radunai le mie ancelle.
Un puro agnello
gli offersi in olocausto
per il ben della Patria;

Lisb. = Ebben, prosiegui?

Face = Grato l'accolse, e d'improvviso
a sinistra tuonò.

Lisb. = Dunque possio.....

Face = Sperar che i mali tuoi
toccan la meta, e più benigno il sole
vedrai che sui di te fecondi raggi
più chiari spanderà; ti rassicura
in gioia cangerà la tua sciagura.
Lieta, e tranquilla omai
spera nel Ciel pietoso,
avrai da lui riposo
godrai felicità.
Già splende in Cielo
novella face,
con te la pace
Trionferà.

Si ascolta al di fuori del Tempio una marcia di strumenti militari

Lisb. = Oh Ciel! che fia?

Face = Qual concento armonioso,
Qual suono bellicoso; andiamo, Amici,
la cagione a scoprirne.

Lisb. = Forse Marte...

sazio ancora non è?

Sac= Vedrà l'altero
che sconsigliato è il suo furor, che in vano
Dell'alto Giove in mano
la folgore non stassi

= Scena Quinta =

Marte con suoi seguaci, e detti

Mart= Chi non prova timor segua i miei passi (apprendo con forza la porta del Tempio)

Sace= Nel mio Tempio, crudel, con tanto impero,
così ardito d'inoltri?
che ricerchi? che vuoi?

Mart= Placa li sdegni tuoi
rassicura il tuo spirto amabil Dea.
di guerra apportator or più non vedi
quel sanguinoso Marte,
che ovunque, e in ogni parte
imprimeva il terror. Ora di pace
messaggiero ver viene.
Esulta, o bella Diva.
E tu Lisbona, de tuoi figli insano
preparati a gioir.

Lisb.= Numi, che ascolto!
e sarà dunque vero.....

Sace.= E dar fede dovremo a detti tuoi

Mart.= Marte il promette, e dubitar nol puoi....

Sace= Ebben dunque avvalora
del nostro cor la speme

Lisb.= All'afflitto mio popolo dolente
rendi calma se puoi.

Marte= Soldati, Amici

si prepari giuliva
publica in questo dì pompa festiva.
Il Vessillo di pace
si rivegga festoso
sulla torre ondeggiar. Lisbona esulta,
scoppiano i tuoi nemici
che il tuo regno felice
ripiena di celeste, e pura luce,
Giove il protegge, e Marte lo conduce.
Di questa spada ultrice,
al periglioso campo
fia della gloria al campo
tutti farò tremar.
Miei fidi pronti siate — . . — a suoi segua

Coro
Di noi non paventate.

Mart.= Cingete i vostri petti
d'onor, di fè, di gloria,
avremo ognor Vittoria,
sapremo trionfar.

Coro
Avremo ognor vittoria,
sapremo trionfar.

Marte.= Amabil pace, inclita Lisbona
a tempo omai, che alla gioja, al piacere
il vostro cor richiami.

Pace.= Spiegati?

Lisb.= Parla?

Mart.= Il Grande
Lusitano Monarca al patrio lido
salvo approdò.

Pace.= Oh giusto Ciel!

Lisb.= Che sento!

Mart.= Vedi; pure contento
lieto il Jago ne corre a questa volta
l'arrivo ad annunziar!

Sacc.= Uuom venerando

e fia pur vero?

Lisb.= il nostro Brenca amato
salvo approdò?

= Scena Sesta =

Jago= Si miei diletti figli. Ah! se vedeste
il sibilo amoroso
del popolo fedel, che ad incontrarlo
ragido corre, i teneri Bambini,
gli stanchi vecchi, e in leggiadro Coro
amabili donzelle
gli si affollano intorno. Un bacio questo
sulla man Regia imprima.
Quel da lungi il saluta; altri di fiori
il suo cammin vicopre, in mezzo all'opra
l'artigiano abbandona
i soliti istrumenti, il buon pastore
libero d'ogni fren lascia l'armento.
Traversa i campi, e ciascheduno a cura
di vedere il suo Rè.

Sacc.= Giorno felice!

Lisb.= Oh istante fortunato!

Jago.= L'arrivo inaspettato
provvidenza è del Ciel.

Mart.

Sacc, Lisbono

Popolo, Amici un così fausto giorno
vadasi a festeggiar;
di pace in seno
compensati vedrete i lunghi affanni
per la provida man del buon Giovanni.

Duca = Sì: ma con puri voti in prima dobbiamo
grati mostrarci al Ciel, da cui dipende
ogni felicità.

Lisb. = mai non s'inganna
chi prende il Ciel per guida
e chi nel suo favor, umil confida.

a quattro
Cantisi a Dio la gloria
con voti, e preci fervide.
Grazie ne diamo supplici!
al fonte di Bontà. Bonta
Mai crudo serpe intorbidi
col suo velen quest'anima,
fra noi serena, e placida
trionfi l'amistà.

Lisb. = Oh Jago!

Jago. = Oh giorno!

Duca. = Oh noi felici!

Marta = Il fato
vuole mirare ciascun lieto, e beato.

Lisb. = Crescer la gioja io sento
leggendo in ogni cor il mio contento.

Paca.= Chi mai creduto avrebbe
che dal timor nascesse
tanta felicità?

Iago= Chi mai creduto
avrebbe alle mie sponde
onore sì sublime?

Marte= Ah! che l'aurora
di questo dì rammentarassi ognora.

Paca.= In un mare di contento
lieto ondeggia il pensier mio,
e di gioja scaota un vento
questi moti del mio cor.

Lisb.= Palpitar mi sento in seno
mille affetti nel mio petto,
v'è il desire, v'è la speme,
v'è il rispetto, e v'è l'amor.

Iago= Tanta luce il Ciel indora,
e più chiaro il sol risplende,
luce bella, che colora
le mie piaggie di splendor.

Mart= Respirate, o Lusi, omai
l'armi alfin deponga anch'io
palpitate incerti assai
nell'affanno, e nel timor.

Paca= Fra dolci pensieri
confondesi il cor

Lisb.= Ch'io brami, ch'io speri
mi dice l'amor.

Sago = Al mare m' affretto
con gioja maggior.
Marta = Ripongo del petto
lo sdegno, e il furor.
a 4.to Non si vegga in sì bel giorno
non si senta altro d'intorno
che gl'accenti = di contenti
che l'effetti del piacer.

= Coro =

Non si vegga in sì bel giorno
Ecc.. Ecc...

= Ad Lisboam =

Lisia quid? gaudes? ac te video usque pervenni
Letitia, et frontem nulla serecta tuam.
Numquid Martam vicisti? non; ergo? Joannes
Curas, et natis deposuere suas.

All'inaspettato ritorno di S. M. il Rè Giovanni

= Sonetto =

58

A mille, a mille vib[illegible]bombar già sento
Li festeggianti, echeggiator metalli;
Spandono intorno le profonde valli
Sensi di gioja in cento modi, e cento.

Affollate ondeggiar nel gran contento,
Veggo infinite schiere de' vassalli;
Chi spinge al corso i rapidi cavalli,
E chi spiega Vessilli in preda al vento.

Ecco da tante voci unitamente,
Ecco in goder l'aspetto sospirato,
Il Rè Giovanni salutar si sente.

Lisia così, con fortunata stella,
Lisia, che oppressa fù da ingiusto fato,
Ed or mai più ricader sorga più bella.

[redacted]

Di Filippo Hilbrath Romano

COLLOCANDOSE
A
ESTATUA EQUESTRE
DE
ELREI FIDELISSIMO
D. JOZÉ O I.
NOSSO SENHOR.

ODE.

EU Apelles naõ ſou, eu naõ enſópo
Delicado pincel em finas côres,
Que o tempo ha de aſſombrar com ſuas azas,
Do Inverno apodrecidas.

Minha voz mais brilhante, do que o fogo,
Fará tremer o Lethes (*a*); e trazendo
O Irmaõ da Eternidade (*b*) á luz do dia,
Ha de aterrar a morte.

Deu nome o intonſo Deos á eſcura Rhodes (*c*).
Rainha Eſpoza bebe a cinza fria (*d*);
Babylonia manchados vê de ſangue (*e*)
Os ſacrilegos muros.

(a) *Allude á duraçaõ dos verſos, e ao rio Lethes; por quanto os que nelle ſe banhavaõ perdiaõ a memoria do paſſado .....*

(b) *Fala do Silencio, aſſim figurado entre os Ethnicos...*

(c) *Na Ilha de Rhodes foi levantada á Apollo huma Eſtatua Coloſſal, obra prima de Chares natural de Lydia, e contada por huma das maravilhas do Mundo.*

(d) *Fala de Artemiſia mulher de Mauſolo Rei de Caria, que erigio ao defunto eſpozo hum tumulo, que foi aſſinalado entre as referidas maravilhas do Mundo. Conta-ſe que eſta amante eſpoza bebera as cinzas do conſorte.*

(e) *Semiramis Rainha de Babylonia, e que a cingio dos famozos muros.*

Povo, Senado, Eſtatuas levantemos;
Naõ tem a Grecia ſó Phidias (*f*), Homeros:
Dezenterra-te, ó Roma; vê Mecenas,
Vê outro mór, que Auguſto.

Afogadas em ſangue as meias luas,
Calca Affonſo de Iſmar no razo Ourique
Com ſoberbo cavallo, rodeado
De moribundos corpos.

De Calecut o Gama os ricos Paços,
De Caimaens, e de Naires precedido,
Piza ao lado do Bramne, que o Rei moſtra
No Catel recoſtado.

Deſpois de haver cortado immenſos mares
O deſtemido Almeida (*g*), boçaes Negros
Lhe daõ tiranna morte, e ſepultura
Em arêa traidora.

Com as cruentas maons do irozo Jano (*h*)
Tem as filhas (*i*) da Noite eſpedaçado
Milhoens de triſtes vidas agouradas
Por cem bocas de bronze.

Ao ſeu (*l*) Conſul em vaõ Lentulo exhorta
Busque ſalvar a vida; quer findalla
Entre o montáõ de extinctos Senadores,
Conſternaçaõ de Roma.

(f) *Phidias nobre eſtatuario da Grecia, que fez em Athenas a celebre eſtatua de Minerva.*

(g) *D. Franciſco de Almeida, Vice-Rei da India, voltando para a Patria carregado de honrozos feitos, foi deſaſtradamente morto na Auguada de Saldanha ds maons dos Negros gentios.*

(h) *Jano. Nume do Paganiſmo figurado com duas caras, cujo templo em tempo de guerra eſtava aberto.*

(i) *As Parcas.*

(l) *Na celebre batalha de Cannas, em que morreu a flor da gente Romana, Lentulo aconſelhava ao Conſul Emilio que fugiſſe: e elle ouzadamente rejeitando a offerta, lhe pedio diſſeſſe a Fabio da ſua parte que ſe lembrava dos ſeus conſelhos: e naõ quiz ſobreviver á injuria dos ſeus.*

Sobre as candidas *(m)* azas ſe levanta
Lisboa mais formoza; verde loiro *(n)*,
Arrancado dos montes do Mondego,
A torna reſpeitada.

Perém onde me ſobe eſte meu hymno?
Do nublado Futuro eu quebro as portas,
E após lucido raſto já me entranho
Nos ſeculos vindouros.

Teu nome, ó Grande Rei, alli eſcrito
Reluz no meio em letras de diamante:
Com as maons o ſegura a Eternidade
Dos aſſaltos do Tempo.

A juſtiſoza Aſtrea *(o)*, a fulva Ceres *(p)*
Por ti haõ de Reinar, té que, abalada
A ordem, que conſerva a natureza,
Co' orbe ſe eſpedace.

ESCREVEUA

DOMINGOS PIRES MONTEIRO BANDEIRA.

(m) *Allude á paz, em que Lisboa tem florecido.*
(n) *Menciona a reforma das Artes, Sciencias.*
(o) *Aſtréa Deoza da Juſtiça.*
(p) *Ceres Deoza da abundancia, que prezidia ás ſearas.*

Ao Snr. Antonio Machado da Silva n
Dia em que baptizou sua Sa a Snra. Da. Quit

Soneto.

Do mais solido tronco a melhor vara,
Quis erigir por timbre a Natureza,
Pa mostrar ao Mundo em tal empreza,
Que ainda la este assombro reservara.

Nasceu Quiomar taõ unica, e taõ rara,
Na formozura, graça, e gentileza,
Que a querer imitala outra beleza,
Logo de a competir se envergonhara.

Oje em golfos sagrados descorrella,
Com a graça, que a faz mais venturosa,
Os estragos Crueis da antiga queda,

Florece em fim, plantada como Rosa,
Ja no Colo da Mai, q. alegre a espella,
Ja nos braços do Pai, q. cufano a goza.

A Snr.ª D. Joseffa M.ª Barbosa, Mãy da Menina.

Soneto.

Essa flor taõ mimosa e delicada,
Q.e da salsa fonte renascida,
Foy o excelso poder q.m lhe deu vida,
Refugio vosso, em protecçaõ sagrada.

Logo vos o Ceu tinha goardado
Essa prenda, em que estais reproduzida,
Por q.e em ella vejais com fé crescida
A vossa formozura eternizada.

Nem se tenha, naõ, por ardua empreza,
Que da sua innocencia na mantilha,
Posa ser competidora na belleza,

Nem darse deve o Lauro à Maravilha,
Quando Ee producçaõ da Natureza
Nascer de Euaõ taõ Mãy, Euaõ taõ filha.

O feliz Reinado do Senhor Rey D. José N.º I.

Epistola

ao Povo Portuguez na Colocação ou inauguração da Estatua Equestre desta dito glorioso Monarcha em =1775=

De José dos Bernardino Botelho.

Epistola

Ao Povo Portuguez na Collocação da Estatua Equestre
do Senhor Rey D. Joze 1.º no anno = 1775 =

63

Portuguezes! o Seculo hé chegado
Nós Suprema destino reservado
Para a vossa fortuna, a vossa gloria.
As Filhas illustradas da Memoria
Sobre as azas do Tempo em fim chegarão,
E da verdade as Leys vos mostrarão.
O Crime, em grilhões, Fareis subjugado,
Não perturba, nas frustra o bem do Estado;
O Simulado Hypocrita não pode
Cobrir de virtude; em vão o Lacêde.
A Discordia infiel foge traidora;
Em seu lugar se dirijão, os vossos Esplendores
Da Celeste Justiça, que vos Cobrem
Objectos de prazer só vos Leys cobrem.
Em novas Leys opulhos Sócego
Lança raizes tais, que brutal, cego,
Orgulhoso Opressor treme opprimido.
Em lugar do Innocente Soccorrido.
Do avarento Usureiro a Capacidade,
Tirannica piedade com dó fera
Compaixão já nos laços da insolencia
Não captiva os despojos da indigencia. (a)
Com falso zello impunes Roubadores
De mortal odio os perfidos horrores,
Já, com fraze piedosa roubo disfarçado,

Do

Dos roubadores Herdeiros os gemidos, (b)
Sem remedio arravessando nas vomitas,
E fingindo servir ao Reo que imitão,
Do cavado pezar não têm no inferno
Prazêr abominavel, impio eterno.

Os abusos do Fôro reformados, (c)
Os excessos da Orgulho sufocados,
A Viuva, o Pupillo soccorridos,
E pondo termo aos mizeros gemidos,
Tudo mostra dos Ceos baixando Rotas (d)
Que nos trúx melhor Seculo da Rêa (e)

Segue-se o pintar Genio illustre,
Da primitiva idade os auzeos lustre,
Que hum principe delicado faz amavel,
Galante, polido vasto imaticavel:
Novos costumes pede a nova idade
Em que funda a geral felicidade.
Primavera eterna já nos têma,
De Outono, Estio, Inverno dependemos,
Sem tinos, e Soldados não vagamos,
Cidades populosas habitamos,
O Meu, e Teu com marcos dividimos,
De Provincias Reaes hum Reino unimos.
Este Reino tem Reis tem fronteiras,
Chêa de reis Praças, Barras, fileiras,
Fiadores da paz forte, e armada
Incançavel, intrepido Soldado.

Da

Da pobreza innocente primeira Idea
O Luxo insipiente hoje reprimira,
E da Usura e Indigencia pagaremos
Tributo na Lingua, Leis, e Costumes.
O Superfluo Commercio reprimira,
E he rara a que o Commercio temerario
Fundando sobre as agoas novo Imperio
Nos traga as producções do ouro Emisferio.
Em fim gosto, abundancia e luxo com thesouro
He que forma o moderno seculo de Ouro.
E só pode hum Rey sabio, hum Rey Heroe
Fazer hum Povo illustre, e ventureiro:
A Patria teve hum Pedro, hum Luiz Francez,
Hum José Portugal lhe deve a cultura.
Pedro hum Povo ignorante faz polido.
Luiz o seu, já grande, faz temido.
Hum cria nas Lettras Lazaro, edifica
O outro a perfeição e glorifica,
Hum faz nascer as Artes ignoradas
Outro illustra e decora as já fundadas.
E Vós, Portuguezes, que tem feito
Que tanto amor accendam vosso peito.
Ache os Povos de Hume, Castro e Gama
Esquecidos da gloria de honra, e fama:
Era menos a lei, que a hypocrisia
O movel que a accommodou dirigia;
O braço do cuidado do heroismo
Tomou o ferro infernal do Fanatismo;

No=

/i/ Novos Druidas, Satan, negra Cohorte,
Horrenda ruina, medo, e morte
Da guerra nada ignorancia: o manto ergueo
Serve a seus attentados de impio muro,
Formão Estado no Estado /k/ seus intentos
Fazem da Plebe mesma o pensamento;
Cego injusta, e profana a troupa ousada
O Ceo, Patria, e Monarca tudo he nada,
D'ambição quando ao Numen sacrifica
Immortal anathema o mais detesta
Arma Irmãs contra Irmãs, ao Filho irado
Banha do Pay no sangue o braço armado.
Tal era Portugal! ah! que hum Rei justo,
Confidente do Ceo, do Crime inimigo
/m/ As torpes Cabeças queima, e corta,
A cahida virtude ergue, e conforta:
E começa a sabia reyno do perigo
Extirpando a domestico inimigo.
/n/ Tu, Pombal, de Jove tal fulge o braço,
Fulminea tua mão, o golpe he de aço,
Que ao teu Reino salvou do Monstro imundo;
/o/ Novo Alcides, purgaste a Europa, o Mundo
De tal Hydra cruel, da Serpe fera,
Que roubou Portugal, desta Quimera.
Esta foi para nós abella Aurora
Do esplendor da Nação, que brilha agora
Pedro funda, Luiz cresce, amplifica,

José

Jorè destroe o mal, logo edifica
A Sciencia arrancando, a fertil larga
A abundancia produz, q'ao Centro encerra,
Industrioso toma hum Povo rude;
Fecundiza a Naçaõ, nasce a virtude.

Qual era, Portugal! qual hoje és tu!
Qual foste lo Occio vibrou dia triste!
Pay mão admirador dos outros Povos
Sem pello seu mostrar os bens novos!
Sem parecer no peito os vivos raios
Da luz, de que hoje dás brilhante ensaios!
Mas hum bom Rey foi tudo. Ainda e o Clima
Dos homens Heroes, que o Mundo estima,
De Duraõs e Leaes, descobridores,
De Albuquerques, Pachecos vencedores, |11
De Sabios immortaes, que merecidão
O que na mesma Asia hoje militão.
Ainda e o theatro das proezas
Facanhas, que parecem fabulozas.
Asia humilde te serve eterna presta
Prera em fonte, grithou, Ainda sogeita
A Cabeça empluenada o mando novo
Aoteu jugo Suave: no teu Povo
Tem Ciceros, Virgilios, que ignorava
O genio Superior que os Ceos lhe davão,
E que avida perdias na Baixeza

Con-

Contrafazendo os dous da antiguidade:
Ley Newton; Archimedes; que Ufania
Entre a Plebe infeliz não Conhecia
A Real protecção Rey da Talento,
Já vão medir a Terra, o Firmamento.

Ditoso vós, ó mimoso Lipe amado!
Vay Lipe ao novo Seculo illustrado:
Acabou-se a tirannica insolencia,
Que vos fechava os Cofres da sciencia;
Emilias temos já, temos Dacias,
Já temos Sevignes, Dashoutieres,
Purificay no estudo o vosso gosto,
Conquistay a Deos este em lindo rosto.

Debaixo dos Leys Cartas, e ama o Douro,
Pella barra do Tejo entra o Thesouro,
Que o Comercio ja gatta, este ennobrece;
A industria natural brilha, e floresce;
O vestido aos estrangeiros não mendiga;
Escravo já não é de infame liga.

Grande Rey quanto a Terra Deveremos
Deos nos veio a gloria, o bem que temos!
Que mais fez Marco Aurelio, que Antonino
Para Roma Deos dar nome divino!

Se do util me volto ao agradavel,
Que brilhante, e grandioso, raro, admiravel!
Com gosto as Bellas Artes nos provocano
Ao trabalho os prazeres, e as mysturas:

Na

Na scêna encantadora em Talia, /w/
/v/ Melpomena com metrica armonia
Concorda o triste, ay, soprira, e chora,
Chama a Nave prestigio a seus clamores
Do coracam; Caliope sublime /x/
Louva a heroica virtude, a terra o crime:
/z/ Com Terpsicore Euterpe amorosidade
Encanta na Ciranda sociedade,
Que o tripte Jacobeo julga indecente,
E da virtude he só laco innocente.

Do arte de Vitruvio, que illustrava /y/
Depois da Grecia, Roma, se apossara
Das cinza o Lisboa populosa,
Magnifica, soberba, magestosa:
Praças, ruas, prompros, edificios,
Monumentos seros dos beneficios,
Que Jove te prodiga; aniquilados
Ficão de todo ao Gothico gravados:
Orfeu nascido aos pés da reina egua,
Hella o bronze, o marmore respira,
Asperas de odios, crueis agonias
A paz fará perpetuos nossos dias,
E dos passados seculos a gloria
Donosso no esplendor fará a memoria.
A Imagem de Jove vive em seu feito

Viva, o Povo fraj em vozes peitos,
Deste dia de gozar aos alegrentes
Que gozando pacifico contentes
De tanto bem que nella principia
Viraõ = Joze nosso este alegria =

Gera hum Rej bem feitor esta gloria
Mas pede o nosso amor outra Memoria
|aa| Gera o nosso Alexandre hum grato Povo
Des cobre com pranar nyzinja nova.
|bb| Inveja a Girardon, branca, não tenho;
Do Louro Ketter não dependemos;
|cc| Tu Costa, deste vidas ao bronze duro!
Nelle informas o Seculo futuro
Que teve este elevado monumento
Na publica abundancia fundamento,
Na paz, na geral felicidade,
Que vimos de Joze na augusta idade
De Rej, que no berço ainda brincavas
|dd| Rej Hercules, emprêsas executavas.

Portuguêses! gozai de tanta gloria:
Sinco Affonsos |ee| vos Croas de victoria,
Denis |ff| Sabio vos Rej; dos cobridores
|gg| Manoel e Joaõ Restauradores. |hh|
Joze grande vos tira da ruina;
No Comercio vos da mais certa mina;

No

No restaurado apareceo abra mayo
Naj Leis ao crime atroz digne Seguro;
Na Sciencia a Luzes vos purifica;
Artes uteis, e bellas vos dedica
Para o vosso prazer, vosso interesse:
Attenta a Europa toda envoj Comboca
Virtudes Sociaes, Costumes novos
Modelos ainda Serej dos outros Povos.

Nota

(a) A Lei, emque se mandão avaliar as propriedades para que não se arrematem por menos do que a metade do seu justo valor, como antes succedia em prejuizo dos miseraveis devedores.

(b) As Leis testamentarias.

(c) A Lei que regula as interpretações das Ordenações emque entre nós se tinha confundido toda a Legislação, de que os Advogados abusavão malignamente.

(d) Deosa da Justiça filha de Jupiter e Themis que os Poetas fingem vão habitar com os Homens no Seculo da innocencia, e que, vendo-os corromper, se foge ou no Céo.

(e) Deos, ou Deosa ou Barbaridade, ou Cidade, Mas

Coj

dos Baezes, Imagem a Effigie de Saturno. No tempo fabuloso, em o Regimento a raçoes fugitivas na Italia, he que os Poetas fingem o decantado Seculo de ouro, ou a Idade de Saturno impraticavel.

|f| Pedro grande Legislador da Russia.

|g| Luiz 14.

|h| Nomeação destes por outros innumeraveis que encherão de Gloria a Naçaõ Portuguêza até ao Reinado do Rey D. João 3.º em que começou a decahir a Gloria da Naçaõ.

|i| Os denominados Heroicos.

|k| A maior desordem que pode haver na ordem politica, he tolerar se qualquer Corporação separada, que faça prevalecer os seus interesses particulares, contra os interesses publicos, e isto he que se chama na Italia in Stato.

|m| De cada huma das Cabeças desta nova Hydra nasciaõ muitas, se o Heroe, que as decepou, não prevenisse o Sangue de Hercules, cortando, e queimando juntamente.

|n| O Snr. Sebastião José de Carvalho primeiro Marquez de Pombal.

|o| Entre as façanhas, que os Poetas attribuem a Hercules, ou Alcides não são as menores a da Hydra da lagoa de Lerna, a morte do ladraõ Caco a quem chama Virgilio hecatoncheiro, semi fera outra semi homem: alguns taõ bem lhe attribuem a morte da Quimera. Hoje vem mais vulgar attribuirse esta façanha a Bellerofonte.

Lysonte filho de Glauco Rey de Epiro que
no monte de Ete nobre em Licia matou hum fa-
moso Pirata, que ali fazia cotthia Comq seus
roubos. Affonso de Albuquerque, e Duarte Pacheco.

|9| *

|17| A Mura q̃ foy grande Mathematico
|15| Escritor Francez, e bem conhecido. Muitos
Senadores Portuguezes do nosso Seculo o terão
tão bem q̃ elles seus dignos timbres, e bem cultivados
talentos.

|18| Os melhores Imperadores Romanos.

|14| A Mura da Comedia.

|13| A Mura da Tragedia.

|10| A Mura que prezide á Poezia heroica.

|12| A Mura, que prezidem á Musica e Dança.

|11| M. Vitruvio Pollio Omaior celebre Arquitecto
Romano: viveo no tempo de Augusto, a quem
dedicou hum excellente tratado da sua Arte
que ainda existe.

|aa| O Alexandre Portuguez vale mais que o filho
de Felipe; não he Como elle, o flagello, mas
o amor do genero humano. O Heroe desha-
cedonia só queria q̃ Xipre fizesse as suas
estatuas de bronze.

|66| Francisco Girardon excellente Escultor Francez de
zenhou a Estatua equestre de Luiz 14. de

20 pés

vinte pes de alto que se collocou na praça de Veneza
Roma executada e fundida pello Chevr. Ketter
e que pesou até agora pella mais bella da Eu-
ropa.

(cc) O nosso habil Portuguez Bartholomeo da
Costa deixou a gloria a aquelle celebre monu-
mento da França, e a Estatua do S.r Rey D.
Joze 1.º ficará sendo unica como o seu Or-
iginal.

(dd) Hercules deo as primeiras provas do seu Valor
despedaçando no berço duas serpentes. Os
progressos rapidos, que á sombra da protecção
do S.r Rey D. Joze 1.º farão os Portuguezes na
arte, e sciencia, mostrão-nos hum futuro
prodigioso.

(ee) Os Snr.es Reys D. Affonso 1.º 2.º 3.º
4. e 5.º forão o terror dos inimigos da Nação.

(ff) O Snr. Rey D. Denis instituio a Uni-
versidade de Coimbra, e protegeo os Sabios.

(gg) O Snr. Rey D. Manoel aproveitou os descobri-
mentos dos Snr.es Reys seus Antecessores, para
os adiantar, e fazer ufano a Nação.

(hh) O Snr. Rey D. Joas 4.º

Morrua este Rachel

68a

Morreu Rachel dise es palauras do tema morreu, aſsi de ſanse morreu algũa Rainha de Portugal, mais ſermosa q Rachelli, morreu aneſsa Rainha Portugueſa porq era ſe matesis Portugueſas. Ali esta aliesta Rainha com m.ª ſermosura tela ueberdi. o ſ Rachelli Rainha ſermosa. Grande ſter d'ſanei. morreu Rachelli, ſora desua palasio, morreu oneſa Rainha ſora desua casi. oh. Bizari Rachel m.ª parida é a Rachelli morreu Rachel eſendo Jacob m.ª. ũa morte, morreu oneſa Rachelli, o neſa Rey Pedri esta m.ª chorosi, chora, chora Rey Pedri, pois morreu neſa Rayne morrua est Rachel. Morreu Rachelli enterrada ſeu corpo em hum caminho morreu neſa Rayne esta enterrada em caminho de S. Bento q vai p. aesta ela como viad os ſ. Reys magos apar de hua estrela mas m.ª mais biz are vai oneſa Rachel porq vai como estrela d'ſanei vai p. este caminho

Rex de Portugal [illegible] ista flagra
minus peccatores Dominæ, Dominæ mortua
est Rachel.

Em Louvor da Ill.ma e Ex.ma Senhora D. LEONOR ERNESTINA EVA JOSEPHA WOLFGANGA de DAUN, Condeça de Oeiras, Marqueza do Pombal. ~~

X X X.

Ode-pindarica

Argomento..

A Ill.ma, e antiquissima Familia dos Ex.mos Condes, e Senhores de Daun (á qual os Genealogicos Alemães dão por tronco o Ex.mo Senhor RICARDO de DAUN) passou do Eleitorado de Trevres, para as terras hereditarias do Imperador. Nesta Verdade Historica se funda o argumento da presente Ode; fingindo seu autbor, que o rio Lezer (em cujas margens he situada a Cidade de Daun) gerára em seu seio as Heroes desta Ill.ma Familia, os quaes se espalhárão por diversas partes: Portanto: " Ἔπεται ἰῇ λογῳ ὑποθέσιος καὶ μύθου κρεῖσσων. Pind: Olymp: Ode 2ª Strophe 2ª

Strophe 1º.

Pindaro inemitavel
Este Tebano Cisne,
Cujo aquilino Vôo
Quem igualar intenta
Amente temeraria
Libra em Dedaleas azas,
Entrega a Icareas áres!
Invocou astros Graças,
Filhas do immortal Jove,
Para tecer melifluas,

&

Em mortaes cloreas
Com que crou victoria
Do filho de Leodamo;
Que preferio bandar-se
De Olympica poeira,
No estadio plano, e longo,
A não tocar na meta
Central, e perigosa,

Antistrophe

Com as ferventes rodas
Do Carrosim doirado;
Que em circulo voando,
Fluctuante a destra guia,
Tirarão jogozissimos
Cavalos escumantes,
Laca de alados Euros.
Eu tres DEIDADES, JULIAS
Doim mortal SEBASTO,
Invoco: em nada cedem
Ás tres formosas graças,
Que no Cephiso bandão
Os crystalinos vultos,
Os colos de alabastro;
Onde goteirão soltos,
ondados fios de oiro.
Sáo do cereno Tejo
Tãobem as Tutelares.

Epodo

Alma, Como Euphrosina,
Alma os duraveis versos.
Protegei minha Lyra:
Tornou-a a Natureza,
Mergulhando-a nas agoas

Do-

Donosso patrio Rio,
Qual Cautelosa Tetis,
No humor do Estigio Lago,
Ao Filho invulneravel.
Bebi, com ella, Ondas
De milagroso nectar.
O Tempo acelerado
Parou, cahio a Foice
Da mão mirrada à Morte.
Os atrevidos annos,
Sobre as espaduas Curvas,
Humildes vão. Levando

Stropl. 2.ª

De mim amelhor parte.
Eu vou tecer hum Hymno,
Com que Corre a Gloria
Do Lazer sacrosanto;
E dos HEROES famozos,
Que, em seu gelado Ceio,
Tem a Sagrada Origem;
Torrente fertil Maria,
Que do paterno Leito,
Saltando, foy Secando
A terra Sequioza
Sempre de espritos grandes.
Cervejado Tejo
LEONOR em Sorte teve;
Sangue de SEMIDEUZES,
Do grande, e antigo DUNA.
Inclita MAE Vossa
Dilicia, amor das Artes,

Antist.

E das amaveis Muzas,
Que prezervão da morte

Quem

Quem de louvor é digno.
Como em sumptuozo templo,
De tecto curvo, e alvo,
Brilha sagrada dama,
Que como, entre os Celestes
Lumes menores, Cynthia,
Entre as immortaes Deozas
A magestoza Palas;
Entre as Heroînas Luzas
Resplandece cercada
De brandura, piedade
De natural prudencia:
Virtudes, que de Luzem
Em vós, amavel BRIOLE,
Em ti, illustre CONDE,
Esperança da Patria.

Epodo

Das pombas nascem pombas,
As aguias gerão aguias.
O Danubio, que humilde
Beija de Viena as plantas,
Tocou o invicto D'ALLN;
Que por entre cravados,
Flamigeros, fumantes
Batalhões fortes rasga,
Envolto em clama, e fumo.
Bem como huma alta onda,
Que se alça encapelada
Por entre vapor baço,
Tempestuozo lume;
Tidas de loucas vagas,
Que se lhe opposem pompendo;
Até quebrar a furia
No lenho vacilante;

Cujo timão, debalde,
Piloto experto rege.
Os Lotos estendartes,
De nobre pó cubertos,
Da mão ao Cruso arranca,
E prostra junto ás garras
Da aguia bifronte, enrramalhe
As imperiais Coroas
Com ás madeixas verdes
Da filha de Peneo;
As formosas plumageńs,
Na fronte misturando
Com inflexiveis palmas.
O Alpheo, aquem tributo
Pagão Vasalos Conto,
Troca da bella Arcadea
A habitação sonora,
Pelo tinido Orrendo

Antist.

Dos jubilantes malhos
De Steropes, e Brontes,
Luta Com as Ionias ondas
Só por chegar á praya
Da Ninfa sua esquiva.
Em vão se oppoem Diana.
Mistura suas aguas
Cõ as aguas de Aretuza.
Sulca os vazios ares
A aguia generoza
Só por beber Com a vista,
De perto, á Luis Phebea.
Assim os fortes peitos,
Da Gloria namorados,
Deixão seu Caro berço;
Porque das almas grandes
He todo o mundo patria.
Teve o famoso Nilo

Epodo. Hum

Hum dia Simulacros.
Onde o clorozo Inverno
Ja mais entorna asurnas,
Que em turbilhões Jarpados
De nuvens envolvidas
Rolão pelos Celestes
Humidos parimentos,
Do nortuno do Osiris
Reinou; Suas Virtudes
Em Deos o transformarão.
A Paz, que traja Cores
Mais bellas, que as do Iris,
A liberalidade,
Que torna os homens fracos
Aos Numes semelhantes,
A benigna Piedade,
Que faz Comque Conante

Strop: 4°

Suspenda a destra armada,
Andarão pella terra;
A sombra das Leys justas,
Que aos povos Seus dictara.
Depois, deixando a patria,
De Pan a Compadado,
De Triptolemo Anubis
Do Liberal Appollo
Que não só quer Seus Dons
Para aquentar Cyrrea
Foy ensinando às gentes
As proveitosas artes.
Zephiros perfumados
Levarão sobre as auras,
A Flora, e a Pomona
O Lilio das flores,
E dos corados pomos.
A seria Agricultura

Artist.

Atesta

A testa coroada
Erqueo de espigas Loiras;
Fructos de seus trabalhos;
Erqueo a Grecia, eo Mundo
A seu Bem-feitor Idolos.
Reproduzi-se Osiris
Em Serapis, em Bacco,
Amon, Plutão, em Mnevis;
Em tantos Deoses quantos
Forão os beneficios,
Que tinha derramado.
Assim reproduzido,
Em mil Heroes, teu nome
Ia ver, ó Leser; tendo
Idolos mais Sagrados
Nos coracões, que adorão
A tua AUGUSTA augusta;

Epodo

A quem Consagro este Hymno,
o qual, Como hum palacio
De incorruptivel Cedro,
Dematizados jaspes,
Firmado em altas Lunas,
Que tem em si, ao vivo,
Virtudes retratadas;
Em torno guarnecido
De Estatuas venerandas
Dos Heroes bem-feitores,
(Qual da famosa Beiras
O explendido Palacio)
Que atrahe, de muito longe,
A curiosa vista
Do polido viajante,
Ha de ser Contemplado,
Na mais remota idade.

Fim.

D. Fran.co Maria de Andrade Corvo de Camões e Netto.

Recita a especialidade do Ill.mo e Ex.mo
Senhor Conde da Ega ter festejado o anno
da Ill.ma e Ex.ma Senhora Condessa da Ega
em todas as quatro partes do Mundo o seguin-
te,

74

Soneto.

Para vós só Sino Amor ser conhecido
pelo Orbe, e justamente decantado
America estava ter chegado
o extremo comque amais agradecido.

Na Europa, Africa, e Azia bem sabido
o amor, comque pagais e ser amado,
e que em coração sempre a cordado
estive, sem hum instante de esquecido:

Pois justa recompensa primorosa
que recitaes em tempo tam jucundo
na America a fazeis mais grandiosa,

Ide em fim de triunfos ja fecundo
gostoso e alegre, e dizei lá excelsa e prosa
Vossos annos festejei em todo o Mundo

Dice

Diogo Jose de Souza

per La Pace tra la S.ta Sede, e Portogallo promulgata colla medaglia,
ed ora decisa in Concistoro.

Sonetto

Ecco deciso al fin: il Rè che abbraccia
Il gran Tempio di Dio Sieto, e pietoso
Sotto ai sui piè, ecco il labbioso
che spietato si morde, e 'l Sen si straccia.

Ecco (che ogn' alma dolcemente allaccia)
Ecco quà la Concordia, e 'l glorioso
Gran Clemente, che saggio, ed Amoroso
Ogn' Onta, ogni Livor fuga, e discaccia.

L'Imposture, le Frodi; e quanto suole
Caligine adombrar il Mondo intero
Ecco le dileguate in faccia al Sole.

Ah, che vedrem devoto ogn' altro Impero
colla Croce alla Man, e Dio lo vuole
Sieto il Soglio cori Stringer di Piero.

DEFENDE DEOS
AO ILL.MO, E EX.MO
MARQUEZ DO POMBAL
DO BARBARO ASSASSINO INTENTADO
CONTRA A SUA PRECIOZISSIMA, E IMPORTANTISSIMA VIDA.

SONETO.

QUE Feras até aqui tem viſto o Mundo
Qual eſta de taõ vil, nova impiedade?
Que monſtro vomitou tanta maldade,
Qual eſte de Letheu retrato immundo?
Contra o Juſto MARQUEZ, Sabio, Profundo
Conſpira a fatal iniquidade,
Que myſterio! em tanta adverſidade,
Eu me ſuſpendo, oh Ceos, eu me confundo.
A Sabia Providencia, ſempre attenta,
A Vida Precioza lhe prezerva
Da diſgraça fatal, que o vicio intenta.
Dá graças, Portugal; diſcorre, obſerva:
He o Braço de Deos quem o ſuſtenta,
He a Maõ do SENHOR quem o conſerva.

SONETO.

JA', ó Juſto MARQUEZ, ninguem duvida,
A' viſta da fatal iniquidade,
Que he de Deos a Immortal Piedade
Quem guarda lá do Ceo a Voſſa Vida.
A Fera vil, a Hydra fementida
Contra Vós conſpirou tanta maldade:
Quem naõ vê, quem naõ ſe perſuade
Que foi pelo SENHOR ſó defendida?
Vence pois o MARQUEZ o monſtro indigno;
Naõ he ſeu defenſor deſte hemiſferio,
He a Maõ Superior, Braço Divino.
A ſua conſiſtencia, ó Luzo Imperio,
Naõ he acazo, naõ, naõ he deſtino,
He Providencia ſó, he ſó Myſterio.

D. J.

Ditoza condição ditoza gente
Glosa

Portugal, que hera rustico algumdia,
Inculto, Era palhaço, mal amanhado,
Está (Graças a Deos) tão mudado,
Que não parece Ser, oque Sohia.

O trato, adinjoagem, e agroçaria,
Dos antigos Costumes, tem deixado;
He todo doce, todo delicado,
E parece, outro Sua Senhoria.

Danças, conversas, Jogo, e doçe enleio;
Que entre os dois Sexos a, é tão decente,
Que á Sátira mordáz, poem duro freio:

Hoje vive o marido, mui contente,
O Pay, Sem susto, todos, Sem receio,
Ditoza condição, ditoza gente.

Ode.

Os Caminhos da Honra jazem ermos,
Mal-dizeu, desde que a soffrega cubiça
Deu a mão, para aos postos se trepparem
A ineptos dinheirosos.
Governou Menas Cidadãõ Romanos;
O escravo Menas lhes-cingio, Tribuno,
As costas cõ a vergasta: assim Augusto
Lhó soffreu por ser rico.
A progenie dos Fabios, dos Camillos
Não o-vio sem despeito. Já o austéro
Legislador dos duros Espartanos
Previsto o-acautelára,
Quando allem degredou do inchado Curotas
Os Louros Cabedaes, máos Conselheiros.
Feliz Povo, se as portas nunca abrisses
A ometal Caviloso!
Esteja nas entranhas escondida
Da Madre Terra a palida mineira,

Volcões sobre si tenhas, montes, rios,
Cerquem-na monstros, raios.
Demãos avaras não está segura:
O fáro da ambição lá guia os olhos
Aos penetraes vedados: cava o preço
Das honras, e das vidas.
Não sem discurso os Scythas o empregáram
Nos misteres mais vis; por tanto a face
Nunca viram do nitido Adulterio,
Nem da Traição bifronte
„Cuvi (dizia aos seus o Assis Divino)
„Roem o luxo em Roma a peitos nobres,
„Dessecár as medullas sede de ouro
„A pobres opulentos
„Vi vendidas as cousas mais sagradas,
„Desvalida a Virtude, o Vicio em throno,
„Senhores servos, a ruins rendidos
„Por vilissimos gostos
„Potros soberbos mascam aureos freos,
„Seda arrastam caudatos espantalhos,
„E os sordidos Altares mal se cobrem

„De espedaçador Linhor.

„Já não enche a dourada Medianía
„O immenso vão de soffregos dezejos;
„Por mais artes se busca, e desentranha
„O damnoso superfluo.
„Eu tive, eu desprezei manjáres, galas;
„Có este roto sayal, com esta corda
„Cói escassos legumes sou mais rico
„Mais san conservo a mente
„Vos vivei sempre humildes, sempre pobres;
„Pulsevos solto o coraçaõ no peito;
„Naõ torneis a enlodar as mãos já puras
„No charco das riquezas.

Soneto.

Em q̃ fala o filho de Terra ao q̃ Jarmia dorme
para beijar o pee de Renascer.

Quem dá May, oh Coy! tem demorado,
se hey o nome de May de cuma Hay;
e se quero q̃ eu more basta a Hay,
q̃ me aperta a garganta hũ duro nó:
Vey q̃ p̃. morrer me basta só,
o terrivel conselho q̃ me day
pois na ha Lucifer nem Satanay
q̃ se queira privar de tal estó:
Por filho de Terra o Ceo me fez
deygraçado, sem Reyno, Pobre, e nũ
q̃ me poy neste estado em q̃ me Vey:
Mas em maior deygraça me prendeo
pois me manday Cruel lhe beije o pey
Devendo ella beijar-me aqui no Cu.

Sonete

Meu Jaõ Gomez segue-se ver inteira
a Comedia de todos aplaudida
Segue-se te aconselho digas cedo
o trabalho, apraias, e hagrande apreia:
Entra ay Dama, Cecilia he a primeira
omais Douto, omais recio, omais sabida,
em Roma a Maria reparteda
fica pte Segda a treceira
ay mais Dama conserva por agora
q̃e naõ podem dar mt trabalho
ete podem servir em q q hora:
Cada outro papeis q q bandalho
Bernarda p naõ ficar de fora
pode servir de Negra em huã serralha

A Universidade.

Sobre
A nova Fundação
da
Universidade
De Coimbra
Feita por ordem
De sua Magestade
Fidelissima
Pelo Ill.mo, e Ex.mo.
Snr.
Sebastião Joze
De Carvalho e Mello,
Marquez de Pombal,
Do Conselho de Estado do dito Senhor,
E seu Lugar-Tenente
na mesma Fundação.

Lisboa.
Na Regia Officina Typografica.
Anno M DCC LXXII
Com licença da Real Meza Censoria.

O fortunatos nimium, sua si bona norint!...
Virg. 2. Georg. vers. 458.

Dissiparam-se as nuvens temerosas,
Que a face das sciencias encubriam:
Pelas mãos de Carvalho poderosas
Resurgem do sepulcro, em que jaziam:
Seu divino esplendor, seu rosto Santo
Adora Portugal cheio de espanto.

Mal podem cegos olhos, costumados
Ás sombras, ver do Sol a luz brilhante;
Nos orgãos do Sofisma habituados
Razaõ naõ entra; a lingua vacillante
Balbucia, confunde-se, delira:
Mover naõ sabe a voz, que o Ceo lhe inspira.

Oh Coimbra! oh Cidade, consagrada
Ás Musas n'outro tempo! a antiga gloria,
Que no Mundo te fez taõ celebrada,
Apenas existia na memoria:
O vil ocio, a desordem, a intriga, os annos
Exemplo te faziam de seus damnos.

Foi

Foi por mãos inimigas profanado
O templo da Sciencia; alli puzeram
Hum altar á Preguiça dedicado:
Sobre cinzas illustres outro ergueram,
Donde ao vulgo ignaro, que o cercava,
O insolente Sofisma as Leis dictava.

Da sonolenta Deosa companheiros
Eram o molle Descanço, a Indolencia,
Jogo pertubador, os lisongeiros,
Mas funestos Prazeres, a Insolencia:
A victima era a tenra mocidade;
Victima vinha a ser a extrema idade.

Infelices Mancebos! que em Athenas
Os vicios de Corintho contrahieis!
Dos crimes, que aprendieis, o pouco as penas
Emculpa ha de pagar: d'alli sahieis
Fazendas a julgar, vidas, decoro;
A malquistar a Vara, a Toga, o Foro.

Pomposos

Pomposos Sacerdotes assistiam
Ao Idolo famoso: alli queimavão
Não perfumes de Arabia; mas ardiam
Livros; nuvens de fumo aos Ceos voavam:
Heineccio, Pufendorf, e outros banidos
A cinzas deixa a chamma reduzidos.

Deste Numen compunham Corte indigna
O Orgulho, a Confusão, o Fanatismo,
Cega Superticão, Teima maligna,
E outros monstros crueis, filhos do Abysmo:
Aos pés, em grilhões duros maneatada,
A candida Razão geme ligada.

Não perde o rosto santo a gentileza;
Entre os do falso Deos adoradores,
Algum quer invocar a Deosa preza;
Mas suffocam-lhe os votos vãos temores.
Misera Natureza! nada podes,
Se o jugo dos abusos não sacodes.

Carvalho

Carvalho o despedaça; glorioso
O vê Coimbra entrar; nos braços leva
Triunfante a Verdade; no famoso
Templo a throno de jaspe a sóbe, e eleva:
Não quer Dagon, e a Arca o mesmo templo;
Dos Adoradores he novo exemplo.

A Preguiça, o Sofisma consternados
Fogem; e aquelles mesmos, que os adoram,
A illusão reconhecem: derrotados
Seus Altares, apenas que alli foram,
Lembrança fica: Oh gloria! oh alegrias!
Oh Coimbra ditosa! Oh faustos dias!

Oh poderoso Rei, dos Ceos mandado
Para obrar cousas grandes! não invejes
De Luiz, e de Augusto o nome honrado;
Os Colberts, os Mecenas não desejes:
Quanto nestes Heroes o Mundo admira,
No teu Lugar-Tenente hoje respira.

Os bainos do Commercio edificaste;
Novas melhores Leis aos Povos deste;
A mascara do Hypocrita rasgaste;
Os laços do Intrigante desfizeste,
Os estandartes lusos abatidos;
Fizeste respeitados, e temidos.

Tu serás immortal; mas na memoria:
Os nossos saudosos descendentes,
Nem todos hão de ter a nossa gloria:
Tu os queres felices, e contentes?
Hoje os fazes Senhor. Carvalho honrado!
Vai preparar-lhe hum seculo dourado.

Não vás a conquistar Nações estranhas,
Não vás lavar em sangue injusto ferro;
Vás ~~[illegible]~~ sim da Sábia Astreia nas campanhas
Apresentar batalha ao vicio, ao erro:
Vás descubrir os campos, onde crescem
As palmas immortaes, louros florecem.

Musas

Musas, vede este, este Heroe! Clio! a Urania!
Coimbra vossos nomes já conhece:
Povos, que haveis de vir! vós algum dia
Os frutos colhereis da flor, que cresce:
Teras, ó Portugal, a Fleurys, Raines;
Leibnitz teras, Newtons, Cassines.
Por Ministros Filosofos pezadas
Da equidade serão regras benignas
Por Doutores fieis interpretadas
As paginas serão das Leis Divinas:
Linguas Originaes! em vós veremos
As bases dos Mysterios, em que cremos.
Oh Bolonha! Oh Paris! os Portuguezes
Serão vossos rivaes na nova Athenas:
Os genios Alemães, Francios, Inglezes
Não invejo: faltavam Mecenas,
Que viesse animarnos ao trabalho.
O Ceo no-lo queira dar hoje em Carvalho.

---

a A Historia, e a Mathematica faculd.es novam.te estabelecidas na Universid.e.

De José dos Sant.os Bernardino Botelho,
Conego Secular do Evangelista, e Reitor de Celleiró.

Soneto aos Annos do Ill.mo e Ex.mo Snr Marquez de Pombal, por Joze Basilio da [illegible].

86

Sobre as candidas azas Suspendidos
Da Lusitania os Genios Tutelares
Levão ao Surdo Ceo os seus pezares
Ardentes Votos, Anhellos, Gemidos:
Como Legiões Sellas despedidos
Perdem de Vista a terra, aos fundos mares
Em [illegible] das Regiões aos Ares
Forão no Seio Eterno recolhidos:
Mettio na Urna, que o futuro encerra
O Facho de Mão, de donde está pendente
O Bem, e o Mal, a doce Paz e a Guerra
Tira, abrio, a Mão Omnipotente
E foi feliz de Luiz Soares a Terra
Dando o Fouro de Carvalho á Lusa Gente.

De Firmindo Sipilio
da Arcadia de Roma.

O Amantissimo amantiss.

Amantissimo Constan. [illegible]gne

Con[illegible] Saberas ó pio Leitor

Constantino Ferreira Lopes e Mezinho, e e e

e e e e Francisco Luiz do Rego, e e Mesquita Soares Pe.

e Caza da India o Provedor D. Alexandre

Amor; he dor que dezatina sem doer

Amor; he chaga que doé, e naõ se sente

Amor; he hum andar solitario entre a gente

Amor, he hum naõ querer mais q. bem querer

Amor; he hum contentamento descontente

Reflexions Sauves d'Amor

Monsieur Louis de Fre

Chanson.

Sur l'air, chansons, chansons. 87

Vous faites rentrer notre Armée
l'Angleterre tres allarmée
Vous en loüera,
Et vous joindres a son suffrage
les Lauriers, et le digne hommage
de l'Opera.

Quoi! vous aves vû la fumée?
Quel prodige!.. La Renommée
le publiera,
Revenez vite, il est bien juste
d'Offrir votre jpersonne auguste
a l'Opera.

Jadis pour la Toison fameuse
Jason sur la Mer orageuse
Se hazarda.

Il n'en eut qu'une, et pour vos peines
Je vous en promets deux douzaines
à l'Opera.

Chers Badauts courés a la fête,
Pamés-vous, criés a tu-tete
Brava, Brava,
cette grande action de guerre
est telle que l'on n'en voit guère
qu'a l'Opera.

Grand Prince, poursuis ta carriere
franchis noblement la barriere
et Cætera,
Par une si rare entreprise
C'est ainsi qu'on s'immortalise
a L'Opera.

Foiz vós Senhora a primeira
que este Reyno Governaes,
e nelle poiz vos achaes
por Nossa Medianeira.
Foiz Rainha Verdadeira
com legitima Socessão
que alcansastes do Varão
Nosso Rey Dom Pedro que é,
Netto de El Rey Dom Joze
Bisneto do Rey Dom Joaõ.

Todo o povo apetece
a Vossa Conservação
em que haja a Sucessão
nos Pronetos que merece.
Das Portaz do Ceo Assegure,
e do Santo a Irmandade
juntamente a Comunidade
Rogativa, â Senhora
aque seja Protetora
desta grande Liberdade.

Foiz fizestes a promessa
da Obra Continuar
porem está por acabar
Será bom que não esqueça.
A Irmandade não cessa
em à May de Deos Rogar
por. está ditta alcançar
para vos dar a Consolação,
e a todo Reyno a Segraõ
cujo povo hade festejar.

A SUA ECCELLENZA

IL SIGNOR COMMENDATORE

D. FRANCESCO D' ALMADA MENDONZA

MINISTRO PLENIPOTENZIARIO PRESSO LA S. SEDE

Di Sua Maestà Fedelissima

GIUSEPPE PRIMO RE DI PORTOGALLO

In occasione del Giubilo universale per l' esaltazione alla Sagra Porpora

DELL' EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO PRINCIPE

GIO: COSME DE CUNHA

ARCIVESCOVO DI EVORA &c.

CANONICO REGOLARE DI S. AGOSTINO DELLA CONGREGAZIONE DI S. CROCE DI COIMBRA,

E per la Promozione dell' Illustrissimi, e Reverendissimi

VESCOVI DELLO STESSO REGNO.

SONETTO.

ECCO, SIGNOR, che di porpureo Ammanto
COpre COSMO il suo sen, ecco CLEMENTE
CInto di Santo Amor sciolse dal pianto
LA SPOSA sua, che giubilar si sente.

ECco i PASTORI alla Giustizia accanto
SEn' vanno a pascolar la fida gente,
INdi riluce anche tua gloria, e vanto
ASsiso all' ombra di quel RE possente.

GIà il TEBRO, e il TAGO in sì felice Impresa
ALzano il capo: E in questo dì giocondo
UN CLEMENTE, e un GIUSEPPE han' per difesa.

DEll' UNO, ed ALTRO di virtù fecondo
ESulterà la FE', ROMA, la CHIESA,
TRionferà di nuove grazie il Mondo.

In attestato di giubilo, ed ossequio
L' Abate Francesco Sperandio Bertazzi Romano P. A.

IN ROMA 1770., PER IL PUCCINELLI, NELLA STRADA PAPALE VICINO SAN TOMMASO IN PARIONE. *Con licenza de' Superiori.*

SONETTO.

VESCOVI DELLO STESSO REGNO

CANONICO RECOLARE DI S. AGOSTINO DELLA CONGREGAZIONE DI S. CROCE DI

ARCIVESCOVO DI EAORA &c.

GIO: COSME DE CUNHA

DELL' EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO PRINCIPE

In occasione del Giubileo universale per l'elezzione alla Sede Pontificia

GIUSEPPE PRIMO RE DI PORTOGALLO

Di Sua Maestà Fedelissima

MINISTRO PLENIPOTENZIARIO PRESSO LA S. SEDE

D'ERANCESCO D. ALMADA MENDONZA

IL SIGNOR COMMENDATORE

NON ECCELLENZA.

Reflexions Morales.

Sur les vanités du monde en vers ~~de~~ Livres, du fameux Voltaire.

Tout est Vanité et affliction d'Esprit. Eccles: 1. 30

Tout est ici-bas Vanité.

De cette grande verité,
Qu'a dité des Rois le plus Sage,
~~Heureux~~ Heureux celui, qui fait usage!
De Raison et de Cécité
De Bassesse et Dignité,
De force, et de fragilité,
De douceur, et de ferocité,
De mensonge, d'Integrité,
De Grandeur, de frivolité
Et de ~~foi~~ foiblesse et de Courage,
L'homme monstrueux assemblage
Prouve bien cette verité:
Tout est ici-bas vanité.

O toi, Raison, present Céleste,
Tour-à-tour utile et funeste,
~~Dieux~~ Dieux maux, que mon ame déteste,
Tu fuis, me laisses sans Secours.
Des biens, après lesquels je Cours,
Bien malheureusement trop Courts,
Qui font pourtant l'heure de mes jours!
Tu viens, Raison, tu viens toujours,
Contre Carrer par tes discours,
Ou Corrompre la jouissance,
A quoi me sert donc ~~la~~ puissance,
Qu'à prouver Cette verité?
Tout est ici-bas verité.

Cet Univers, que je Contemple,
En est un triste, et bel exemple.
D'étranges Revolutions
Ont, de tout tems, des Nations
Precipité les destinées.
L'Inde se vit en peu d'années
Soumise au Macedonien,
Et le vainqueur de l'Indien
Se vit lui même, en moins de rien,

Plongé dans la nuit éternelle,
Où de la mort la faux cruelle
Par un indispensable Loi,
Plonge le Berger et le Roi.
Pompeux neant! grandeurs humaines!
Vales-vous tant de soins, de peines?
Interrogeons la verité:
Tout est ici-bas vanité.
Toi, dont le singulier genie
Tint longs-tems la terre ebloüie,
Enfant rebelle à ta patrie!
D'attentats, d'outrages divers,
Qu'ignoroit encore l'univers,
Et qu'enfante la Barbarie;
La Saxe gemit dans tes fers.
Mais quelle Coupable furie
Contre qui t'a sauvé la vie
Arme encore ta main ennemie?
Ch quoi! La Boheme envahie,
De tant de morts ses champs couverts,
Mille et mille tombeaux ouverts,
Ne satisfont pas ton envie?
Tu fus le Salomon du nord:
Ton maitre respiroit encor,
Mais il n'est plus; Sweirin est mort.
Ta Gloire au tombeau descendue
Avec sa Cendre est confondue:
Ton Nom, tes lauriers, ta grandeur,
Comme lui ne sont que poussiere.
Depuis plus d'une Lune entiere,
Dis-nous, qu'a produit ta valeur?
De tes Soldats environnée,
A tes Bombes abandonnée,
Prague Subsiste, se defend,
Et Daun se renforce, et t'attend.
Peu digne Ecolier d'un grand maitre!
La posterité jugera,
Quel tu fus, et quel tu dois etre:
Elle-même te placera.
Dois Sweirin qui te le reproche:
Frederic! le moment approche,

Ou j'ai, dit-il trop peu vecu ;
Tremble, tu vas être vaincu :
Un jour, un Seul jour va detruire
Le fruit des travaux de dix mois : 91
Daun et Nadasti vont reduire
Les fiers Bataillons aux abois :
Dans peu, La Saxe et la Boheme,
Temoins de Les folles fureurs,
Le feront, à ta honte extreme,
De ton desespoir et de Les pleurs.
Ambitieux Monarque !
C'est pour toi, que la Parque
A tranché le fil de mes jours :
Ah que n'ont-ils été plus Courts !
Je t'aurois laissé moins Coupable.
Mais Crains, que te jugeant Capable
De venger le Ciel irrité,
Des Crimes de l'humanité
Dieu ne t'ait montré Sur la terre
Que pour y Servir Sa Colere,
Et que Son dessein accompli
Son Courroux affoibli,
Il ne brise, Comme inutile,
Un Instrument vil et fragile,
Dont pour executer Ses Loix
Il auroit lui-même fait Choix.

Envoy.

Heureux Celui, qui fait usage
De cette grande verité,
Qu'a dité des Rois le plus Sage,
Tout est ici-bas vanité.

Epigrame.

Prague est Libre, dit-on, Frederic est en fuite.
On devoit s'attendre à Telle reussite ;
Daun à l'escrime n'est pas Sot,
Le grand Swerin perit, le Roi devint manchot.

Vers, qui ont été envoyés de Vienne

La victoire, dont Dieu, Vangeur de L'Injustice
Couronne la pitié de notre Imperatrice,
Et qui prepare à Daun le plus illustre Sort,
fait voir, que les Prussiens ne sont pas invincibles,
Que nos braves Soldats, bien conduits, sont terribles,
Que Frederic est seul, et que Severin est mort.

Traduction en Latin

Victrix tumidum primus, Leopolde, Borussum:
Cui nomen Daun se[illegible] in orbe manet.
Tanctis victa Victoris, jure vocaris.
[illegible] Deus Regem vincere nam potuit?
[illegible] Deus nostri pia Cæsaris ora,
[illegible] precibus [illegible] et ista Deum.
[illegible] invincibilis, demonstrat palma, Borussus,
Qui putat se suis Martis habere manum,
Quod [illegible] nulli mereatur nomina Fortis,
Quod bene si [illegible], sit quoque terribilis,
Quod sis nunc victus, Rex implacabilis, hostis,
Quod Severus abest, dextra, Borusse, tua.

Traduction en allemand

Der Sieg, den Leopold Daun mit ewig Ruhm erwarben,
Von gott mit dem gebott der Kayserin erhalten,
Von gott der wir die last, so sie uns schon troffen,
Zeigt ihm, Hirsperg, an, [illegible] wir seyen in Böhmen,
Wo jeder in Zeigen lag, wo stirbt, wo alle Hülfe kommen,
Das unser stoltzer feind uns überwunden sey,
Das wir, uns [illegible], erschrocken sein darbey,
Das Friedrich allein, und das Schwein gestorben.

L'Omaggio di Ulisse

Interlocutori

Ulisse.
Lisa.
Mercurio.

L' Omaggio di Ulisse.

Poeticamente qui si figura, che Mercurio per comando di Giove trasporti Ulisse dagli Elisi su gli ameni Colli di Lisbona.

Mercurio

Vieni, Ulisse: il cenno adora (a)
Dell' eterno sommo Giove;
Meco altrove - affretta il piè.
Fra mortali un' alma grande,
Che imitandoti sol visse:
Che si onori vuol da Ulisse,
Che distinta sia da te.
Vieni, Ulisse: il cenno adora.
La tua placida dimora (b)
Questa, Ulisse, più non è.

Ulisse

Ove mi guidi, o Nume? Oimè! Qual nube
D' impure nebbie adombra
Il celeste splendor del mio soggiorno!
Qui di Zefiro a scorno
Regna irato Aquilon! Torbidi oggetti
Qui si aggiran confusi; ed empiamente Mor-

(a) Si finge che Mercurio sia negl' Elisi. (b) Qui si figura, che Mercurio abbia già trasportato Ulisse sopra la terra.

o Mormorar sol quì s'ode
La Menzogna, il Livor, l'Ira, e la Frode!
Ah dove siam?

o Mercurio

T'acchèta.
Nell'ameno soggiorno,
Ove tranquille, e liete
Spiran l'aure d'intorno;
Ove l'Età dell'oro ungua non cangia
Più non preme il tuo piè. Della tua vita
Allor che il fragil stame (*)
Da Atropo si recise; il Luminoso
Regio tuo spirto, e pio
Giunse alla sponda, e valicò l'Oblío.
Quindi d'umor letal bagnato, e asperso,
Quella ch'ogni mortal sento nell'alma
Potente rimembranza di repente
S'involò, si svanì dalla tua mente.
Del fasto umano or siamo
Spettatori ambedue. La Mole è questa
Di un misero Teatro, in cui gli Attori
E di sogni, e di errori, e di follie
Empion le Scene; e con diverso ammanto
Ora incitano il riso, ed ora il pianto.
Ciò, che ora scorgi, e vedi

Con=

(*) Clotho colum retinet, Lechesis net, et Atropos occat.

Sonderar tu non puoi: ma questa ottenni
Verga fatal, (a) che a' tuoi Rivali ignoto
In Itaca ti rese; e sol con questa 94
La tua potrai ricuperar perduta
Vetusta rimembranza. Il colpo omai (b)
Dalla tua man si vibri, o Dea Minerva.
Ulisse!... Ebben, che pensi? Il suolo osserva.

Ulisse

Che vedo, oh Dei! Ah son pur desto! È quello
L'ampio terreno in cui
La mia Regia fondai! Serbansi ancora
Le vetuste memorie
Dell'asilo d'Ulisse! Eterni Dei,
Qual prodigio è mai questo! Ove rivolgo
Lo sguardo ammiratore, in ogni parte
E la Natura, e l'Arte a gara unite
Ergon trofei su le mie spoglie avite!
Le aperte vie!... Gli ornati Colli!... Il Tago?...
Ah lo ravviso! Oh come
Grave, e superbo a mille onusti pini
Offre sicuro asilo!... E questa... Oh Numi!...
Questa che in Regio Manto eccelsa Donna

Si

(a) La trasformazione, che Minerva fece di Ulisse toccandolo con la sua verga al suo ritorno in Itaca, per renderlo incognito a' suoi Rivali, come accenna Omero, dà soggetto alla presente azione. (b) All'invocazione di Mercurio figurasi, che toccato Ulisse con l'accennata verga, resti sorpreso nell'ammirare la reidificata Augusta Città di Lisbona.

Sì fastosa rimiro!... Ah non m'inganno;
L'attonito mio ciglio or ti ravvisa:
Sì tu sei la mia Prole, o vaga Lisa.

Lisa.

Sì, son'io: ma son momenti
Che risorsi sì fastosa:
Dal furor degl' Elementi
semiviva caddi al suol.

Ulisse

Ma qual fu mai l'Eroe, che a sollevarti
A te porse la man? Qual fu l'Autore,
Che di pregi sì rari ornar ti seppe?

Lisa

Piegati, Ulisse, al suol: fu il gran Giuseppe.

Ulisse

Oh Augusto! Oh Invitto! Oh generoso Eroe!
Di questo suol per te gl'inclisti Pregi
Del vario tempo a danno
Ad eterna memoria ognor saranno.

Lisa

Ah se scorgessi appieno
Quei che nell'alma aduna augusti pregi;

elle=

Meco direšti ancor, che in ogni etade 95
Se fiorirón gli Eroi, / per quanto io stimo /
In questa età fu sol Giuseppe il Primo.
D'ogni Virtù se il mondo
Ne procurasse il nido.
Del Gran Giuseppe il Fido
Lo troverìa nel cor.
Ah quest' Eroe d'Eroi
Serbate eterni Dei;
Se imagine è di voi,
Cura sia vostra ancor.

Mercurio

Così attonito, Ulisse,
Ove fissi lo sguardo?

Ulisse

Oh Dei, qual vedo
Circondato da' cure
Immutabile Aspetto! Alla sua destra
Vigile io scorgo Astrea. Mistiche note
Ora a vergar si affretta, ed or si arresta!
Ardir gli desta in seno
L'intrepido Valore; e la Prudenza
Belle imprese gl'inspira! Ah dimmi, o Lisa,
Questi chi fia, che tanto
Rispetto impone?

Lisario

È questi, Ulisse, il Savio,

Il

Il Giusto, il Fido Sebastian Giuseppe
Provido, Forte, Accorto,
Incorrotto Ministro, e Consiglieve
Dell' Eroe Lusitan Giuseppe il Primo:
Cui sublime l'ingegno
Inclito rese, e invitto il Rege, e il Regno.
Sempre indefesso a ponderar le gravi
Cure d'un vasto Impero,
A renderlo glorioso
Giammai la mente sua restò in riposo.
Costante nell'ardir, saggio nell'opre
Smascherò la Menzogna: oppresse i Vizi:
Le Bell'-Arti premiò: stimolo diede
Alle Virtù, di cui la Patria, e il Regno
Fa di acquisti fecondo
Contempla il Pellegrin, rispetta il Mondo.
Nè mai facil sarà, fra tanti, e tanti
Sublimissimi Ingegni
Regolator de' Regni un sol trovarsi
Onde invenir virtudi, e idee sì vaste,
Che pareggin le eroiche di Sebaste.

Ulisse

Oh fra l'alme bennate Anima grande!
Oh magnanimo Core! Oh sempre accorto,
Sempre giusto, e Leal, Fido Ministro!

Tu

Tu generoso agnor, co' tuoi sudori
Quegli allori innaffiasti, onde la Gloria
Cerni ne svelse, ed al tuo Rege Augusto
Ne coronò la fronte.
Tu della Patria tua vigile sempre
Proteggesti il Destin. Della mia Prole,
Nelle improvvise sue miserie estreme,
Tu ravvivasti in Lei la bella speme.
Ah se Signor le tue gloriose imprese
A danno dell'Età l'Istoria scrisse;
Che forti Imitator scriva d'Ulisse.
Te d'ogni Eroe, grand'Alma,
Fedele imitator,
Di questa Età l'Onor
Rispetti il Mondo.
La meritata palma
Se a te concede il Ciel;
Un Core in te fedel
Premia secondo.

Mercurio

Del Supremo Motor provida cura
E' il propagar nel vasto cor de' Regi
Memorabili Imprese. Il bell'invito
Sente ogn' Alma Real; e pronta aspira
Dalla Gloria acquistar l'inclito alloro

Che

Che il suo valor le addita.
Quindi ognuno d'ajta ha duopo, e quindi
Entra in campo a pugnar; ma quanti, oh quanti
Nella scelta de' Duci errano incerti
Or per balze guidati, or per deserti?
Non così avvenne al Grande,
Al Glorioso Giuseppe: Egli sagace
Di Sebaste indagò la fè, l'onore,
I costumi, l'ingegno, e quelle unite
Magnanime Virtù, che nel suo core
Anno asilo, e ricetto; e quindi ardito
Ogni Impresa affrontò. L'Opre immortali
Che da' consigli suoi, da' suoi sudori
Ebber norma, e valor; del Rege Augusto
Publicaron le glorie: al suol natío
Pregi accrebber maggiori: ed il suo Nome
Di bella gloria adorno in bronzo scritto
Fra gli applausi comun resero invitto.

Quel raggio, che splende
Sul ciglio a Sebaste,
Che infiamma, che accende
Ogn' alma di fè.
E un fervido affetto,
E' un candido zelo,
E' un Dono, che il Cielo
Distingue un Ministro
Col ciglio di un Re.

Ulisse

Oh felice terreno! Oh mie gradite
Vetuste rimembranze! Alma Sebaste
Del Lusitano Suol gloria, e decoro,
Te riconosco, e onoro
Fra i talenti sublimi l'Uom più saggio.
Ah ricevi da Ulisse alfin l'Omaggio.
Alma grande a Te la Gloria
Orni il crin di palme, e allori:
Gli onorati tuoi sudori
No l'Faranno inaridir.

Lisa

Tu nel Ciel che Fai governo
Sommo Giove, Nume eterno,
Dell'invitto mio Sebaste
Deh proteggi il Bell'ardir.

Mercurio

Non temer, o Augusta Lisa,
Saran paghi i voti tuoi:
Le grand'Alme, i Forti Eroi
Suole il Cielo favorir.

Lisa.

Padre... Ulisse!.. Oh già t'involi!..

Ulisse

Del gran Nume il cenno adora.

Lo

a 2

La mia placida dimora
Torno lieto ad occupar.

Mercurio

La sua placida dimora
Torna Ulisse ad occupar.

Lisa

Se il mio Eroe qui resta ancora
Più dal Ciel non so bramar.

Il Fine

Diz Manoel Antonio Villas Boas de S Joaõ das Egoadiras
do Juizo do Civel da Cidade do Porto q deseja saber dar os agra-
decimentos a hũ Senhor q o mandou tirar do poder de hum Iniq
Q o mandou Buscar a Berberia de onde Christo Senhor
Nosso teraõ o jogo e da Virgem Maria q Cantaõ ha de dar a Meu
Senhor Jezu Christo Sendo hũ Só deos Verdadeiro quem diro
mos nós q Viva el Rei Dom Joze o Primeiro

Demos Em Senitar graçar
a hũ Senhor q Nos nos deu a Vida
quem diremos nos q Viva
a Rainha nossa Senhora

Q Intrar no Palaçio Real
Porçer o Fundamento
desta da a Sabedoria naõ hũ Cauza
q Se explique quem diremos nos
q Viva o nosso Principe

Luzia a Sombra do palaçio Real
Porçer o Centro da nobreza
quem diremos nos q Viva
a Senhora Princeza

Quis paçiar a Cidade de Lisboa
Entrage de hũ tratante
Quem diremos nos q Viva
os Senhores Infantes
as Senhoras Infantas

Desejava dar os agradecimentos
aeste Palacio Real mas hũ passaro
q. não tem azas não sabe Voar

Viua toda a Corte Real para amparo
e defença destes os seus Vassallos
q deante de Christo Senhor Nosso
tera os agradecimentos es pago
do amor comq nos tem tratado

Desejava aeste Palacio Real
todos os aumentos mas hũ homem
Baixo e Sazer fraca Segura
e Falto de entendimento
não pode Ser Soldado emtam alto Regimento

Parabem a Illx.ma Ex.ma Snr.a Condeça
de Oeyras dos felizes annos do Illx.mo Ex.
Snr Conde de Oeyras seu dignissimo Espôzo

99.

Soneto

Hoje de Sangue heroico a prôle rara,
Com virtude Aquilina o Sol seguindo,
Sobre as aras paternas vai subindo
Bebêr na eterea lûz Sciencia Clara:

Henrique hoje naceo; nelle, apreciara
Virtude paternal reproduzindo
O Cêo, vai para os Povos concluindo
A felîz protecção, que nos ampara.

Parabens, oh Senhora: a Natureza
Deo-lhe hum peito fiel, grato, e piedôzo,
Constancia prespicacia, fortaleza:

Vede a dora a Nação novo glorioso
Heroe filho do Heroe, de que he prenda,
Vôs ternissimo amante, e digno Espôzo

Nesta a sambleia gostoza
Em que se honra o digno Henrique
He justo em compendio fique
A sua historia ditoza,
He Minerva sua Espoza
Vos o Patria o confessai
Com respeito publicai
Por Irmans tres graças tem
Que a sua Origem vem
Do grande Apolo seu Pay

Sero
Carls Maria
Ill Smid

128 00
64 00
192 00
5 00
187 00

Relaçaõ dos Obzequios que a Guilherme Stephens renderaõ os Individuos da Fabrica dos Vidros da Marinha Grande, instados pelos sentimentos da mais affectuoza Gratidaõ, no seu dia de Annos em 16 de Mayo de 1788.

Despois de hum delicado, e sumptuozo jantar, a que assistio brilhante, e numeroza Companhia, em caza do Festejado, Sahiraõ pellas quatro horas da tarde da Fabrica que fica em frente da referida rezidencia, o Admenistrador, e Guarda Livros seguidos de toda a mais corporaçaõ de Individuos da Fabrica, dois a dois no maior asseio, formando hum golpe de vista aprazivel, e dirigindosse assim com a melhor ordem em direitura pela escada asima daquela habitaçaõ, entraraõ na Salla principal, em que estava Guilherme Stephens, com sua Irmãa, e Cunhada; alem de varias Senhoras mais; e tambem ali se achava seu Irmaõ com muitas pessoas das principaes do Termo; e outras que concorreraõ gostozos para o mencionado dia. Immediatamente entraraõ a comprimentar o Dono da Caza, e elle os recebeo com as maiores demonstraçoens de affabilidade, e carinho, abraçando-os sucessivamente, e agradecendo-lhe com expressoens de Amizade aquelle obzequio.

Logo despois o Admenistrador tirou de hum papel, que o Escriturario da Fabrica leu em vóz alta, e distintamente, que continha o Seguinte.

Soneto.

Dividamente gratos, e contentes
Dezejamos rendervos Submissoens,
Obzequios, applauzos, e attencoens
Dignas de nossos peitos Reverentes.
Tambem erguer Estatuas excellentes
Pyramides Obeliscquos, e Inscripçoens,
Victimas Holocaustos, e Oblaçoens;
Que podem produzir as gratas gentes:
Naõ hé facil obter o pertendido,
Só temos a mais pura lealdade
Do terno coraçaõ jaõ offerecido.
Este Senhor, dezeja na verdade
A os Annos vossos giro bem comprido
Em boa paz, e muita prosperidade.

Findo o Soneto, a todos fes Guilherme Stephens a seguinte falla.

Amigos.

Muito me obriga na verdade esta annual demonstraçaõ de Amor, congratulando-me asim no giro dos meus Annos; Eu conservarei até

o.

o fim delles a mais viva memoria deste afecto, dando todo o apreço á quella Industria, e Zêllo, com que me auxilearaõ, a fim de chegar a o auge em que prezentemente se acha estabelecida esta Fabrica, que fazendo a Admiraçaõ dos Compatriotas, enche de Inveja, e até de Rancor a Bohemios, e Venezianos que se gloriavaõ da posse de proverem com Vidros este Reyno.

Acresce-me de mais o indizivel gosto, de poder aqui participar em como proximamente nas Caldas, achei as mais evidentes demonstraçoens de benignidade do Augusto animo de Sua Mag.de; e Altezas, a favor desta Fabrica; Os nossos disvellos, e felicidade no que emprehendemos, nos grangêa taõ distincta estimaçaõ que talvez se dignaráõ Sua e Mag.de e Altezas manifestar-nos publicamente o seu Real agrado, honrando segunda vez a Fabrica com a Real prezença.

Toda a diligencia, e empenho em accumular Fabricas de Vidros neste Reyno, será reinozo para os que o projectarem; pois que a nossa Fabrica a prompta prezentemente, maior porçaõ de Vidros do que o Reyno, e seus Dominios poderaõ consumir.

Como permitiria o benigno animo de Sua Mag.de novas Fabricas com Officiaes Estrangeiros, sabendo que seria em prejuizo e ruina dos Seus Vassallos, que taõ louvavelmente se tem applicado a esta Arte, que no decurso de dezanove annos chegaõ a competir com os mais perfeitos Officiaes da Europa? Ora pensemos na conservaçaõ do Real Beneplacito sempre; e nada teremos que recear.

Amem-se huns a os outros; sejaõ industriozos, e naõ temaõ coiza alguã: Seria precizo que os nossos invejozos fizessem Milhoens de despeza para competir com nós outros. Lembrem-se que o seu interesse excede de muito a o meu proprio, por terem mulheres, e filhos: Eu hé bem certo que me naõ prendem semilhantes laços, posto que os estimulos da minha honra, e do meu credito, me naõ sejaõ, nem menos solidos, nem menos interessantes.

Naõ só approvo, mas até estimo infinitamente o novo Regulamento que estabeleceraõ em ordem a soccorrerem aquelles dos seus Companheiros, que chegarem a adoecer; pois que alem de sêr hum acto de Caridade, hé prova afsas evidente para o publico da boa harmonia, que permanece entre huns e outros: Esta boa harmonia com Industria, fará a Fabrica cada vez mais solida, florecente, e impenetravel; e sera o abono mais conducente a que meus Irmaons prosigaõ na mesma Administraçaõ, com iguais Auxilios e Socorros, em eu chegando a faltar.

Queira o Cêo conservarnos na mesma boa harmonia por muitos annos. Amen.

Enterneceu taõ gostozamente a todos os que estavaõ prezentes hum

acto

acto taõ pathetico que naõ houve hũ unico circonstante que deixasse de banhar os olhos de lagrimas, á vista de hum lance que tanto acreditava os sentimentos de equidade patriotismo, e humanidade.

Accabada esta falla se entregou copia a o Guarda Livros; e findou isto com vivas repetidos, tornando a abraçar a todos, que na mesma boa ordem voltaraõ para o Sitio dedonde haviaõ sahido. VV. VV. VV.

Seguiosse depois o festejo com varios Brinco VV.

Dialogismo

Mondego e Coimbra

Mondego Que pompozo espectaculo clivizo?
Que Imagens de Ornamento e de grandeza
Vaõ vem tocar meos olhos de improviso

Hymnos suaves, que da inculta aspreza
Fazem sahir in Menios guardadores
Deixando Cada qual o mais sirena!

De tanta luz os belos resplandores
Que naminhas Correntes prateadas
Vem reflectir Com mil diversas Cores!

Estas Margens sombrias dedicadas
A ternos sentimentos de saudade
Taõ alegres! do que eraõ taõ mudadas!
Que he isto? que será? Quem a Verdade
Medera Conhecer! só Eu podia
Contarme bem estranha novidade

Coimbra Pois ignora da doce alegria
Que tenho a nobre Origem! O Mundo inteiro
Inveja agora os meos ditozos dias

Mondego Ah! dize.....

Coimbra Eu digo aquelle Heroe famozo
Prudente, Sabio, Illustre Virtuozo

Honra e gloria immortal da nossa idade
Que aram sposteridade
Entre arvores submissas do respeito
spregoará Como Exemplar perfeito:
Aquelle Heroe, aquem adora a terra
Que anula, que asujenta, que desterra
O vicio, o infame Vicio;
Que no Augusto Exercicio
Preza os sabios talentos que premeya
Na balança fiel da justa Astrea
A dilicias dos Povos Lusitanos
Mais doq. Tito foi entre os Romanos
Esta alma grande, comq. gloria odigo
O mesmo Muros ilustra está comigo.

Mondego Que sublime Ventura!

Coimbra Ouve callende quanto mais se apura
A minha felicidade
Quando tinha asoberba iniquidade
Delles astutos Maos da Epocreria
Exercitado o Imperio cativeria
Nas Artes, nas Sciencias
Quando Vendo asfumeitas decadencias
Deste Templo famoso se apartava
Minerva triste e ao longe suspirava
Quando involta Nas miseras Ruinas
As instrucçoes Humanas, e as divinas

Se viaõ decimayadas
Sem lustre, sem Splendor disfiguradas
Apparecendo apenas entre as Dores
Que só mostravaõ confuzoes, atrozes
Oh Epoca feliz! o Heroe famozo
Do bem do Estado sempre cuidadozo
Decipa a sombra escura
E tal asinoso olhos se afigura
Como he depois da Noite q entristece
A clara Luz do dia, q Amanhece.
Esta filha dos Reys
Fiel Sacrario das Augustas Leys
Descobre a bella face q ocultava
Vê fogir a ignorancia, q acercava
Do meo Heroe o genio activo e grato
No campo, q só tinha agreste Mato
Plantou a illustre palma e Mirto aloiro
Fez ver naidade ferrea a idade de oiro.

Mondego Grandes motivos tens de ser Ditoza
Esta alma generoza
Tem do Mundo espalhado em toda a parte
A gloria do seo Nome engenho e arte
Até nas Ondas do im-menso Oceano
O Heroe Luzitano
Ate das Nasoes distantes conhecido:
O Nosso Tejo corre Ennobrecido

Coroada de mil Abitadores;
Nenhum Rio, nenhum entre os Mayores
Abunda em Maj riqueza
Ctoda a grandeza
Que nos Ombros Carrega, enunca teve
Toda ella do Illustre Heroe cahe deve
Ah! Sabia providencia!
Já mesmo conta o Tejo esta clemencia
Com q̃ inocencia, sem socorro ampara
Contra os poderes da riqueza avara,
Já Nodir o destroço cocuidado
Com q̃ tem mais formosa levantado
A antiga Capital, q̃ reduzira
Quasi a cinza aterrivel ira
Da terra e do fogo
Já no conta tão bem pode a fogo
Daquella produc-cão da iniquidade
A cevera Equidade
O Exemplar Castigo . . . .
Mas q̃ Ninfa precara e soberana
Não vejo Andar na praya deleitosa?
Ecris talvez será! será Diana!
Coimbra Excelsa Dama he Cypria cara
Do Nosso Illustre Heroe o Mundo todo
Não tem prenda tão rara
Nem tão suave Modo

A Graça, mais gentil acada instante 105
Vem ornar seo genio seco semblante

Mondego Porem como vem ella disfarçada
Sem fausto, sem Ornato, semgrandeza,
Não sendo acostumada
A Cita, singeleza
Que Confundem a rica Coma Nobre
Nem deichaõ distinguir da Humilde a Nobre

Cimbra Sevistes, q entre as Nuvens escondido
Do Belo Astro, q illumina mais
Quasi q tem fogido
Aos olhos dos Mortais
Mas inda assaõ sevê, inda aparece
Aclara luzinella Resplandece:

Tal Eu contemplo a Daum Soberana
Os respeitos, cultos, evitando
Mas como desengana
O que está disfarçando
A ilustre fama q vencendo a Arte
Avai sempre seguindo Cmtoda a parte

Mondego Será talvez pª. q saiba o Mundo
Que nagloria do Esporo esta Coroa

Com jubilo profundo
Se eleva ao Senhor

Ou será prova emfim de Eterna Amizade
Com q̃ ha Terra o Ceo feliz Cidade.

Coimbra Ah! quanto devo ser-lhe agradecida!
Que cide fazer? .... Naquelle Retiro
Entre a Selva florida
Colhei as frescas Rosas
Edas mais engraçadas, edas mais bellas
Vinde tecer-lhe a luzida Capella

Mondego Vós Ninfas das Eumidas Moradas
Crystallinos nas correntes claras e puras
Vinde vinde apressadas
Entre tanta Ventura
Offerecer-lhe nas conchas cristalinas
O Coral roxo, as perlas finas

Coimbra Vós deste bosque Musicos Cantores
Que do verde Ramalhos pendurados
Cantais vossos Amores
Vinde vinde apressados
Com terna Melodia alegres festas
Obsequiar a Deosa das florestas

Mondego Voy Zefiro, mimoso, q correndo
Sobre as ondas Movidas brandamte
As Ninfas Citas fazendo
Hum cortejo inocente
A Daun Deipeitae Melhor q Flora
Melhor q as Deuzas, q Neptuno adora

Coimbra Que genio peregrino! q candura
Que linas manifestos de bondade
Qizar a terra dura
Cobrindo a Magestade
Do sangue illustre, e damayor grandeza
Que já erdou da antiga Natureza

Seja pois este Deo perpetuado
Nos Augustos Altares da Memoria
Seja emfim celebrado
Entre os Anais da Historia
Se Daun delle trouxe cofre Enriquo
Isto Thebayde p.a ser famoso.

Mondego Nay Daun se alegrou: e Eu tão bem quero
Ir apreçando o meo suave giro
Do gosto q prendero
Da gloria que respiro
Fazer soar a voz no Mar profundo
Nos dilatados Ambitos do Mundo.

Coimbra Vai Mondego: he justo cortes louvores
E caminha gloria dize em toda a Idade
Louvo os caros Senhores
De huma terna amizade
A sciencia, a Virtude, os genios puros
Q' sois Heroes q' tenho entre os meos Muros

Dialogismo Composto em Obzequio da
Exm.a Snr.a Marqueza do Pombal na nova
Universid.e de Coimbra, pello Bacharel formado
Manoel Joaõ de Oliv.a Chaves natural da
America Hay Minas do Rio das Mortes. em
Outubro do anno de 1772

Illm.o & Exc.mo Snr.e

de Queyroz, no dia dos seus felizes annos.

107

Soneto.

Ouvio ſtempo o voſſo nome Auguſto
Nos viuas deſte dia articulado,
Ea dura ſorte de que andava armado
Deichou cahir, ſó de reſpeito, e ſenſto.

Não ſoatreveo o ſeo poder rubuſto
Chegar avós é bruto Leuantado;
Antes reſpeita, avoſſos pés coruado,
Huma alma virtuoza, hum peito juſto:

Pois ſe ſtempo cruel, Autor dos damnos
Reſpeita em vós apreciza Virtude,
Oque farão os conſoins humanos.

Oh dia de Geral feſtividade:
Em fim, dia felis dos voſſos annos
Dia merecedor da eternidade.

Por Hum Admirador

Ao Ilm.º e Exm.º Senhor Conde de Veiras e Prezidente do Senado da Camera.

108

Epistola.

A vósos pés se-prostra um desgraçado
Que os danos da Fortuna tem provado:
Já Estudante de Coimbra, Nobre Conde,
Foi por um tempo, mas agora donde
Se-recolha nam tem, nem com que a triste
Pobre desnudês cubra em que preziste.
Obrigado da falta em que se-via
De assistencias, deixou a Academia;
E nam tendo com que manter a vida,
Numa pobreza tam aborrecida,
Mendigo pelas portas nesta Corte
C-reduzio a andar a sua sorte:
E ainda para ser mais infelis,
Estrangeiro é aquí neste país.
A Luz do Sol nas Minas, vio raiar,
Que o Conde d'Azambuja foi fundar;
Assim que nesta Terra nada tendo,
Anda mil infortunios padecendo.
Vós, Senhor, que a virtude da piedade
Prezastes sempre mais; e com bondade

Aos pobres que se-vem em dezamparo
Benigno socorreste, pelo caro
Paternal amor, e amor da Espoza
Queridas prendas d'alma, uma piedoza
Virtude exercitai c'um indigente,
Que a Vósos pés se-umilha reverente.
E uma esmola propria da grandeza
Vósa, Sendo, prestai com quẽ a pobreza
Em que está remedeie; pois o fado
Cruel o- reduzio a tal estado.
E se acazo suceder que a sua Alteza
Venha alguñ dia estar menos confuza,
Sendo mais interesam e mais estudo
Que ajudar póza o seo engenho rudo,
Vósso Nome promete de cantar,
Que ao mundo todo faza admirar.

Vr. Xr. Xr.

So=

Soneto.

109

A vós, ilustre Conde, em cujo peito
Eroicas asoens brillam, de que erdeiro
O Ceo vos-fés em tudo verdadeiro
Do maior dos Eroes, Eroe perfeito:
Suplicante se-abate um vil sugeito
Que no extremo da pobreza derradeiro
Se-vê neste paîz em que é estrangeiro.
Seja, Senhor, por vós seo rogo aseito.
Uma tam justa pois, santa virtude
Benigno exersitai: Vósa grandeza
Socorra ao pobre, ao mendigante ajude,
Que obrareis com mais perfeita inteireza,
Quando amparando sua Muza rude,
Socorreres d'um Poeta a vil pobreza.

Beija a mam de V. Exª., por tam especial mercê, que espera reseber, seo mais indigno e umilde criado—

Manoel Jorge da Silva Portto Lisboa

Na Morte do Exmo. Senhor Marquêz do Pombal.

110

Ode.

Não de bronzes, ou marmores antigos
Estatuas Levantadas,
Soberbos monumentos,
Quero erigir por conservar tão Nome,
Que o Tempo acçoẽs heroicas não consome.

Elogios fundados na Lizonja
Menos fazer intenta
A Musa triste, e afflicta;
Vózes q. inspira o justo sentimento
Hirão ferir atté o Firmamento.

Quantos, Grão Marquêz, quantos Saudozos,
Já dos teos beneficios,
Já das tuas virtudes,
Querem talvêz por sua propria gloria,
Levar-te ao Templo da immortal Memoria.

Menos altivo o meu discurso vôa,
Meu candido desejo
Dirá, se tanto póde,
Aprendendo dos mais a suavidade
Quanto Ha inspira a Candida Verdade.

Qualidades no berço adquiridas
Ou dos Avós herdadas,
Bem q. em ti as acho;
Não são q. sobre a Fama hoje te elevam;
Espiritos vulgares, q. as escrevam.

Buscar o fundamento á propria gloria,
No sangue dos passados
Embora o faça aquelle,
A quem da Natureza a mão avára
Os talentos sublimes Ha negara.

Mas Tu, q. tanto o Céo enobreceo,
Destes Talentos raros,
Que fiel cultivastes;
Injuriar-te fora, se ao louvasse
Só ao Nobreza q. o teo sangue herdasse.

Teu grande Coração, tua Alma grande,
Asento da Verdade,
Formão teo Elogio:
O quem pudéra com vozes mais q. humanas
Descrever-Ha as virtudes Soberanas.

Sacrificaste os Dias Venturozos
Em serviso da Patria:
E já antre os Estranhos
Erigias com todo o fundamento
Firmes Padroẽs ao teo Merecimento.

Inda as tuas memorias se conservaõ
Lá nas margẽs do Tamis;
E a gloria da Naçaõ,
Que a penozos trabalhos te obrigava,
Com ficar bem servida te pagava.

Assim dezempenhando altos Empregos
Aq.e te destináram,
Em toda a parte fostes:
Athé q.e o teo talento sublimado
O Sabio Rey quiz ter junto ao seo Lado.

Da tua Alma se vaõ dezenvolvendo
Talentos ignorados;
E a mesma Providencia
Que se empenha em fazer-te venturozo,
Te vai aproxinguando ao fim ditozo.

Tu constante no meio das Ruinas,
Nas sabias providencias
Com q.e o damno reparas;
Athuns os dias vais acrescentando,
D'outros os frios corpos sepultando.

Dos Innocentes q. seos Pays perderam,
Das Viuvas afflictas,
O triste pranto cêssa;
Depois q. tu com sabia providencia
Amparas de huns, e outros a innocencia.

Já de novo as cabeças levantando
vão os Templos Sagrados;
Das Ruinas a Imagem
Apenas fica ainda na memoria
Para fazer maior a tua Gloria.

No ocio molemente adormecidos
Os Ramos do Comercio
Tu despertar fizestes:
Adquirindo em todos os Estados
Ao Rey Vasalos Ricos, e honrados.

Quando na Paz os homẽs descançados,
Nada menos pensavam,
Para os Guerreiros Factos;
A Milicia disputas sabiamente
Dando maior poder á Luza Gente.

As sciencias de todo abandonadas,
Brotar da Sua Origem,
Teo Exemplo fazia:
Rião de novo ao Mundo apparecendo
Como em todas as ordẽs se está vendo.

Fiel ás Leys, fg. á Patria te Ligavão
Ao Rey, como Vasalo,
Bom Pay, e bom Amigo,
Unindo em ti o Cão quanto dar póde,
Quando sobre os Mortais seos Dons sacóde.

Viste ceder ao seo fatal Destino
Teo Grande Protector;
Então tua constancia
De todo o coraçaõ te abandonára,
Se para maior mal te não goardára.

Saltou do Eixo a Róda; e transtornadas
Foram tuas ideias:
A Fortuna inconstante
Que ás vezes Zomba do merecimento,
Te fez inda maior no sofrimento.

Dos viz Aduladores numerozos
Cortejos não te seguem:
Só da tua Familia
Foste em triste silencio acompanhado,
Ao desterro funesto, mas honrado.

Lá de Constancia cheio; abandonada
A vil Inveja, a préza:
Apenas na memoria
Os já passados tempos revolvias,
E com ar de desprezo a tudo vias.

Grande na Gloria, Grande nos pezares,
Ao termo prometido
Chegaste sem fraqueza:
Que as almas elevadas se conhecem
No meio dos acazos q. acontecem.

Pagáste á Terra natural tributo
O veo da humanidade
De todo desfazendo:
Vás unir teo Espirito elevado
Ao Ente donde tinha dimanado.

As Luzas, as Sciencias, o Comercio
Benigno protegias:
Da Justiça a Balança
Fizestes conservar com igoaldades
Promovendo a geral felecidade.

Tua perda fatal será sentida
Em todas as Idades:
Teos mesmos Inimigos
Teo Nome em tuas obras respeitando,
Hirão tuas memorias conservando.

As Idades correndo, e inovando
Outro igoal não verão,
Em q. talentos tantos
Que nos mais fazem gloria repartidos
Forem n'um só comporto reunidos.

Curvai Cyprestes as erguidas frente,
Cobri o Monumento
Áquella fria pedra,
Que está goardando os Ósos preciozos
Do G. seráfico Famozo, entre os famozos.

De Gladama Balsemão.

Soneto.

Hũa noite, emque o animo oprimia:
Mais que nunca a tristeza, pois deixado
Ja de todos me via, fatigado
De queixarme da sorte, adormecia.
Morfeo inda os sentidos não prendia,
Quando ver de Lyzia julgo o estimado
Conde da fresca Oeyras, que dotado
Da bondade de Augusto me dizia:
Finalmente a pezar da desventura,
Em mim achas Fileno tu Macenas,
Queixarte ja não podes da ventura;
Cultiva a nobre Palma nessa Athenas.
Mas emfim acordo, e cheio de amargura,
Vi rindosse do engano minhas pennas.

Soneto

Não sintas, não, Marquez, que o Povo injusto,
Dos teus grandes Serviços Esquecido,
Pelos gritos da inveja enfurecido,
Solicite abater Teu Nobre Busto.

Para ser immortal Teu Nome Augusto,
Não depende do Bronze derretido:
Em mais altos Padrões fica esculpido,
Teu Genio Claro, Teu Valor Robusto.

Lisboa restaurada: O Reino ornado
De Ciencia, de Industria, de Cultura:
A Policia, o Commercio aperfeiçoado:

A Tropa regulada: a Fé segura:
O Thezouro provido: o Mar guardado:
Eis aqui do Teu Genio a Copia pura.

EPITHALAMIO

DEDICADO

AOS ILL.MOS DESPOZORIOS

DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. JOZE' DE ASSIZ

DE MASCARENHAS,

CONDE DE OBIDOS, E CONDE DE PALMA,

MEIRINHO MO'R DO REINO,

E DA ILLUSTRISSIMA, E EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. HELENA MARIA

JOZEFA XAVIER DE LIMA,

CONDESSA DE OBIDOS, &c.

DIGNA FILHA

DO ILLUSTRIS., E EXCELLENTIS. SENHOR

D. THOMAZ DE LIMA

VASCONCELLOS TELLES DA SILVA,

Viſconde de Villa-Nova da Cerveira, Miniſtro Secretario de Suas Mageſtades Fideliſſimas, que Deos guarde:

E OFFERECIDO AO MESMO

EXCELLENTISSIMO SENHOR

CONDE DE OBIDOS

Por M. A. A. H.

✠

LISBOA,

Na Officina de JOAM ANTONIO DA SILVA.

Anno M.DCC.LXXVII.

Com licença da Real Meza Cenſoria.

EPITHALAMIO.

QUE bella imagem, que agradavel vejo!
Que nova, que engraçada formozura,

Taõ nobre ſe figura
No meio de huma Corte a quem o Tejo
Só rende a cerviz de criſtaes undozos,
Com que banha ſeus muros reſpeitozos,
Dandolhe por tributo, e por cortejo

Do encoberto thezouro
Ricas arcas do mais fino ouro!
Que eſtancia ſingular delicioza!
Que Ninfas taõ formozas engraçadas

Admiro taõ ornadas
De pompa, e de riqueza precioza!

As tres Graças, e a Deoza dos amores
Cantando hymnos, eſpalhando flores
Vaõ ante a comitiva generoza:

Cuja alegre aſſembéa
Faz á Corte formar huma alta idéa.
Hum deliciozo quadro ſe figura,
Qual o bello jardim da Deoza Flora;

E em taõ feliz hora
Moſtra da natureza a formozura;
Que de ſi liberal brotando flores,
Pelo vario gentil de ſuas côres
Offrece á luz do Sol grata pinturas;

Que de eſtatuas ornada
Se vê de Heroes a frente coroada;
Entre cõpados mirtos florecentes,
Entre cedros, e louros levantados;

De aciprẽſtes rodeados,
E de floridas palmas excellentes
Vem-ſe Eſtatuas, Medalhs, e Columnas,
Que nos moſtraõ virtudes, e fortunas,
E os maiores Brazoens dos, Aſcendentes,

A quem a Maõ Divina
Livrou dos tempos da fatal ruina.
No cedro incorrupto eſcrevendo a idade
Da feliz duraçaõ de dois Eſpozos

Vaõ os fados piedozos
Por ordem ſuperior da Divindade;
No louro, que reziſte á luz Eebéa,
Nos Nomes da Illuſtriſſima Aſſembéa
Vaõ as Graças gravando que naõ ha de.

Eſta nobre lembrança
Experimentar dos tempos a mudança.
Vaõ os louros os ramos extendendo;
E a força maior do raio ardente

Faz que ſuavemente
Illumine a eſtancia, o calor vencendo.
No centro deſte quadro preciozo
Hum ſuberbo palacio mageſtozo
Entre palmas, e cedros eſtou vendo;

Cujas ſallas ornadas
Saõ dos Grandes da Corte acompanhadas.
Eu vejo abrir-ſe o Olympo em luzes puras,
E deſce a prezidir a Divindade,

Com

Com grande mageſtade,
Ao nobre Hymeneu, como ás Eſcrituras;
E entre D. Jozé, e a Illuſtre Eſpoza
Das Nupcias ſe celebra a uniaõ goſtoza,
E a Deoza lhes prediz grandes venturas;

Que já ſe vem patentes (*a*)
Nas graças, e mercês dos Reis clementes.
Já entre os ternos braços apertada
Da belliſſima mãi do Deos vendado,

Com doçura, e agrado
Eu vejo a Dona Helena reſpeitada:
Das Ninfas, e Senhores generozos
Ouvem os dois mil parabens ditozos
Da feliz ſorte de Deos abençoada;

E

(*a*) A ſempre Auguſta, e Fideliſſima Rainha N. Senhora, juntamente com o ſeu Auguſto Eſpozo, o Fideliſſimo, e Piedozo Rei D. Pedro III. N. Senhor, por ſua Real Clemencia reſtituio, e deu os Condados de Obidos, e Palma, que foraõ do Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Conde D. Manoel de Aſſiz de Maſcarenhas, que em Santa Gloria eſteja, a ſeu Illuſtriſſimo Filho D. Jozé de Aſſiz de Maſcarenhas, honrando-o, e enriquecendo-o com outras varias mercês, e prebendas.

E a Jozé entre flores
Doces braços lhe daõ altos Senhores.
Mas o povo, que ſuſpenſo admirado,
Attendendo á voz do clarim famozo,

Eſpera dezejozo
Saber deſte myſterio celebrado;
Entaõ a ſacra Deoza refulgente
Eſte cazo lhe faz aſſim patente,
Depois que ſõbe ao throno ſublimado;

E, os Eſpozos moſtrando,
Vai alegre o ſuccéſſo relatando:
Nos tres cedros, que vês no quadro inteiro,
Tres medalhas de bronze vês pendentes

Daquelles excellentes
Genitores d'hum filho verdadeiro:
E, porque em fim a conhecello venhas,
He D. Jozé de Aſſiz de Maſcarenhas,
Deſcendente daquelle Heroe primeiro,

Que, por Sancho croado (*b*)
Senhor de Maſcarenhas foi chamado: Eſ-

(*b*) Procede o Excellentiſſimo Senhor Conde de Obidos do Illuſtre, e Grande Heroe Eſtevaõ Rodrigues de Maſ-

Eſte grande Monarca o prezou tanto;
Quanto bem o publica a Luza hiſtoria,
Cuja fama he notoria
E merece louvor de eterno canto:
A's Armas deu-lhe o Rei por bom agouro
Hum vermelho leaõ armado de ouro,
Para que ſeus vindoiros vejaõ quanto
Foraõ dos Reis honrados
Os Maſcarenhas Illuſtres, reſpeitados.
Na ſegunda medalha, ó povo Luzo,
De Pedro, que he do meſmo grande appellido (c)
Ho-

carenhas, Senhor da Terra de Maſcarenhas, que he o ſeu Solar, no tempo do Senhor Rei D. Sancho I., que foi quazi nos principios da meſma Fundaçaõ deſte Reino de Portugal: he taõ antiga eſta Familia, como he antiga a Real Aſcendencia da Auguſta Caza de Bragança: tem por Armas trez faixas de ouro em campo vermelho, e por Timbre hum leaõ vermelho armado de ouro: hoje tem o Excellentiſſimo Senhor Conde de Obidos por Armas hum Eſcudo eſquartelado com quatro faixas de ouro em campo vermelho, e as Armas Reaes com huma Coroa de ouro aberta por Timbre.

(c) O Illuſtre, e famozo Pedro de Maſcarenhas, Vice-Rei da India no tempo do Senhor Rei D. Joaõ III., tambem he Illuſtre Aſcendente do Excellentiſſimo Senhor Conde

de

Hoje tens conhecido
O ſeu Regio Solar: mas naõ me eſcuzo
De dizer-te que hum Rei dos Portuguezes
Altas honras lhe fez por muitas vezes
Por virtude, e valor, que foi diffuzo

Na India trabalhoza,
Que a cerviz lhe abaixou mui reſpeitoza.
A outra medalha he do Illuſtre Conde,
Que gerou felizmente ao filho honrado;

Foi Conde intitulado
De Obidos, e tambem *de Palma*, donde
As virtudes herdou Jozé piedozo (*d*)
Pelo ſangue paterno generozo,
Cujos Celeſtes dons pratíca aonde

B Ob-

de de Obidos: o dito Senhor Rei lhe deu as meſmas Armas de Eſtevaõ Rodrigues de Maſcarenhas, e lhe accreſcentou huma Orla de azul, e oito memorias de ouro, repaſſadas por outras; e por Timbre hum leaõ com huma palma verde na maõ. Eſta grande Familia dos Maſcarenhas anda nas Cazas do Marquez de Fronteira, dos Condes de Santa Cruz, Obidos, Palma, e Sabugal.

(*d*) O Eſpirito Santo diz que a gloria dos filhos he ter bons pais, donde aprendem os bons coſtumes, e as virtudes: *Gloria filiorum parentes eorum.* Prov. 18.

O Poeta Horacio deixou eſcrito que os filhos herda-

Obſerva que a indigencia
Se vale da piedade, e da clemencia.
E eſte filho generozo, que admiras,
Eſte excellente Conde, que veneras,

He ſó o pai que eſperas,
He o teu protector, por quem ſuſpiras
Quando prezo te vês com deſventura
Entre ferreos grilhoens da prizaõ dura;
Donde ver-te livre afflicto aſpiras;

Pois nos cazos mais lezos,
Muito mais que Mordomo, he pai dos prezos.
Eſte piedozo Heroe bem ſe parece
Ao ſangue paternal abençoado,

A quem o Ceo tem dado
O Condado no filho, que o merece,

E

---

davaõ a nobreza, e a generozidade dos pais, por quem ſe faziaõ ſeus ſimilhantes nas virtudes: *Fortes creantur fortibus, & bonis; eſt in juvencis, eſt in equis patrum virtus, &c.* Livr. 4. Carmin. Ord. 4.

Iſto meſmo recommendou Eneas a Aſcanio na guerra contra Turno: *Diſce puer virtutem ex me, verumque laborem; fortunam ex aliis, &c.* Æn. 12.

Similes parentibus, ac moribus ſuis filii creduntur. Quintilian. livr. 3. c. 10.

E outras muitas mercês, graças honrozas,
Que as Auguſtas Mageſtades Piedozas
Lhe fazem, de que a fama naõ ſe eſquece:

E por ditoza ſorte
O Ceo, e os Reis lhe daõ feliz Conſorte.
Eſte Heroe por ſi meſmo ſe faz nobre
Nas illuſtres acçoens do claro peito,

Que formaõ bem perfeito
O eſpirito, que nelle ſe deſcobre;
Porque eſte excelſo Conde tem certeza (e)
Que a virtude ſó he a mór nobreza,
Que exalta da plebe inda ao mais pobre;

Prezando os dons d'alma,
Que faz mais florecer a verde Palma.
As virtudes o Ceo pagar querendo
No ſeculo tambem ao Conde velho,

(e) *Summa apud Deum nobilitas clarum eſſe virtutibus: neſcit religio noſtra perſonas, nec conditiones, ſed animas inſpicit.* S. Jeronym. Ep. 4. ad Cœlan.

E Seneca diz: *Non miniſteriis illos æſtimabo, ſed moribus: ſibi quiſque dat mores; miniſteria caſus aſſignat.* Ep. 47.

Por Divino conſelho
Vai deſta ſorte ao filho enobrecendo:
Aſſim permitte ſejaõ os dois Condados
De Obidos, e Palma a Jozé tornados;
Porque vê que lhe vai obedecendo,

Amparando a indigencia
Dos prezos, e dos ſoltos com clemencia.
E, para ſer maior ſua ventura,
Lhe eſcolheu da mais nobre natureza

Angelica Belleza (*f*)
Fructo ſingular, cheio de candura,
Que o Excelſo Viſconde Secretario
Do Sceptro Portuguez Univerſario,
Gerou como perfeita creatura;

E eſta he a Eſpoza,
Que o Ceo, e ſeus Reis lhe daõ ditoza.
Eſta foi entre todas a eſcolhida
Eſpoza de Jozé a mais prefeita;

Ella

(*f*) A Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora D. Helena Maria Jozefa Xavier de Lima, ſua Prezadiſſima Eſpoza.

Ella ſó foi a eleita
Por prenda do ſeu peito eſclarecida:
He eſta em fim a ſingular Conſorte
Por ordem dos Ceos, por Auguſta ſorte
Das Mageſtades felizmente unida;

Sendo deſta contentes
Os Grandes, os Senhores, os Parentes.
Eis aqui tens, congreſſo Luzitano,
A Eſpoza ſingular, formoza Helena,
Que o Ceo benigno ordena
Ame no Eſpozo o laço ſoberano.
Obidos em fim nas felicidades
Moſtra que Deos em todas as idades
Aſſim deſtroe o penſamento humano;

Pois conſta certamente
Ser o Juizo de Deos ſó permanente.
Permitta o Alto Deos que em largos dias
Seja eſte Hymeneu enriquecido,

E dos Ceos protegido
Com mil bençaons, com paz, com alegrias;
Que eſta ventura dilatada veja
Na terra, e Ceos a furibunda Inveja
Longe do ſeu furor, e tyrannias; Que

Que eſtas nupcias ditozas
Sejaõ ſempre felizes, venturozas;
Que deſte Hymeneu ſe produzam ramos
Taõ felizes, taõ juſtos, virtuozos,

Como ſeus Pais ditozos,
A quem nós, ſem lizonja, veneramos;
Que elles ſejaõ de Deos abençoados,
Sempre felizes, ſempre reſpeitados
Aos olhos da Inveja, que pizamos;

Que hum, e outro Conſorte
Só goze em doce paz taõ alta ſorte.
Aſſim fallou a Deoza rutilante
Ao povo Portuguez, que a ouvia attento;

E no lúcido aſſento
Sóbe ao Olympo da esféra mais brilhante:
Mas as Ninſas, e a Deoza dos Amores
Já ſobre os dois Eſpozos lançaõ flores;
E cheias de prazer no meſmo inſtante

Preparaõ diligentes
A taõ alto Hymeneu feſtas luzentes.

F I M.

Pro-

PRoteſto que, ſuppoſto ſe encontrem neſte Epithalamio as palavras *Deoza*, *Divindade*, naõ ſaõ tidas na mente do Auctor mais que por hum ſimples adorno para dar com eſtas ficçoens maior formozura á obra; porque eu em tudo, e por tudo, o que ordena a Santa Madre Igreja Romana, me ſujeito fiel, e reverentemente aos ſeus ſagrados dictames, como verdadeiro Chriſtaõ, e filho ſeu que ſou

Manoel Antonio de Azevedo Henriques.

A Mutio Scevola que queimou Elle braço
por Haver errado a golpe em Porcena
quando Catiuo a Roma. 124

Soneto 4

Entrega as fogo o braço pertendido
Scevola emfim desesperado,
Condemnando a martirio o delinquente,
Quem he a quem vio vaydade, e fama?
Nelle executa estrago rigoroso
por Haver em Porcena a golpe errado,
e culpa de Elle sucesso desgraçado,
Castiga Elle o Tyranno valeroso.
Sabe Mutio a crueldade injusta
de que Livrar procura a patria atenta
e vendo tanto esforço a cinza enluta.
Porque vendo Porcena este escarmento
saiba se Elle o Tyranno tanto custa,
que castigo merece o seu intento.

2

A morte do Conde de Atalaya que mor
reu de Sua Balla de Arte Maria no
citio de Alcantara

Soneto 2

Nunca o merecimento tem segura
a gloria, e se ao Conde não cabia
no peito o horaçaõ, como podia
caber lhe alem do espirito aventura.
Em Alcantara jaz, ca Parca dura
a furor incitando o abatia,
para enterrar se tanto esforço havia,
de abrir se com canhões a sepultura.
Lograva Portugal glorioso intento
se não cuydara de a furtar a historia
que lhe cuydou taõ caro o vencimento.
Peme que lembre a dor, esqueça a gloria,
pois é tal a ruina do sentimento
que de nega ao Ceo a memoria.

A Hua Lamina de Nero que estando
pendurada da Caliz efirio Elle Esme

Soneto 3

Furia Cruel malevolencia impia,
trans migrá em Nero ou resuscitou Cruel,
do Coraçáo que jáz na Sepultura,
passou para o Retrato a tirania.
A semelhando a atrós Filonomia
pós pincel tanta alma naquela tela,
que animada do Espirito na figura,
obra o vulto que vanimo faria.
Fere o Retrato efica antás Completo,
Cuja ná acáo original no damno,
Cruento imitador do inigus affecto.
Mais do que golpe, a Effige do tirano
ay Deos abre, porque tem no aspecto
Sympatia á tracçáo do sangue Humano.

4

A Huá Estatua de Jupiter guarne
cida de marmore foy destroçada por
Eú Rayo

Soneto 4

Quando imitar a Jupiter pretende
esse marmore alaba destroçado,
porque igualár aos Deuses não trayado,
Eũ sua Criligo da Escultura.

Mas reduzida a Effige a cinza escura
cuida da Conserva hum numen traladado,
porque vposder de sobre respeitado
mais mostra a Ruina, que a figura.

Jás estragado o salvar tanto Culto
por mysterio escondido, alto segredo,
que Eũ providencia, separeste insulto.

Quis ser mais respeitado este penedo
chaytando lhe as cinzas para culto
a creatura lhe o Rayo para medo.

Prometheo preso no Caucaso por Iove
hâ ver Eú Iayo do sol= Fala Prometheo

Soneto 5

Dequem serve el durissimo tormento
que Iove intenta executar comigo?
Si é que al exemplo atiende en mi castigo
no tiene imitacion ni atrevimiento.
Dequem serve? si al alto firmamento
Roubar pretendo, é de ayrar contigo,
no vé, que animarâ como testigo,
lo que quiere asseytar, como escarmiento?
Nada mi pena, ami ousadia emienda
antes para mi Estatua esclarecida
fabrica é, que el Iupiter me grienda.
Diga por Iove é ya reconocida
y faltandole el culto de la offrenda,
a su Deydad, sacrifico mi vida.

Vendo q̃ hum mór d'Palacio em q̃
Vivia em Lond.a sendo Embaixad.r.
Lemos neste

Soneto 6

Voráz incendio horrivel instrumento
de estragos, não me affliges: determino,
tolerando inclemencia do destino,
disputar te vgoder no soffrimento.
Cruel, ou brando, arrebatado, ou lento,
Orray por indulgente, ou por maligno
se horas como castigo, ou muy benigno,
ou Vens como alaro, ou muy violento.
Nada me altera o golpe exorbitante,
que em mim sô venturoso, ou desgraçado
procedas sempre effeito semelhante.
Hoje metemo amim mesmo desgraçado,
velejo tanto excesso notorio tanto
que degenere afirme, em obstinado.

Descontelando a El Rey D. Pedro a sua
Estatua de pedra q̃ senão parecia comelle

Soneto 127

Não se tua esta Effigie, na destreza
do Artifice não Corube vlopiarte
na pedra que intenta retratarte
não Sé mayj proporção que a estatalera.
Era difficil ao Cinzel a empreza,
poij só meyme pode figurarte,
como fizera outro Pedro a arte,
se não pode fazer a natureza.
A cós que admirarão a eternidade
os paymos apenas alcançe alcança
não teriã no marmore igualdade.
Não teria o Retracto esta esperança
que se igualasse a Copia a Magestade,
seria irreverencia ao semelhança.

Bebe Artemira ay Cinzas de Mauzolo
dey prêj delle fabricar famoso Sepulcro.

Soneto 8

Com providencia generoza, agura,
Artemira no Tumulo a fineza
porque in culta á Constancia na dureza
ca medida do affecto na extreitura.

Hay no peito mayj propria Sepultura
edifica pasando nyta empreza,
ay soberbay vfferty da grandeza,
aos Cavalleiros Vottos da ternura.

Bebendo o Cegro Cuyto em pó desfeito
porque eternise a magoa Conque Chora
vim mortal nyte o Cegueis o Cetan feito.

Prêj aquella alma Compre Viue agora
Vendo ay amadas Cinzas no Cempeito
não poderá espantarce do que a dora.

A Dugue D. Iayme Escrevendo ay Vltimay
allós do Dugue seu pay.

Sonetti 9

Hersse filhs de Hersse, que em nobre estilo
Vle exprimi no mundo tanto Illustre feito,
Levantando lle altary no Despeito
Para tir contra o esquecimento asselo.

Panegyrista imitador da guilo
Entray ygrande igualay perfeito,
quem Louva dmyto observalle ygercito,
Venerals, Esprencipio desiguilo.

Se ay allós Vle eternizay na Lembrança
ay tuay Vle figuray na presença
e Vle segundo estypis asemelhança.

May em ti resplandesse adifferença;
tem Pay, deuste ay vertude ygr Herança,
tu farelo immortal ygr recompença.

Este Vltimo ygrnaca de Negrette selle
emmendou aque elle fés ay Redon dVlay
que vás a [illegible]

A Alexandre Magno que curou a
ferida de hũ Soldado com triaca

Soneto 10

Cura Alexandre Magno aquem feria
por ella o sangue, a alegria a autoridade,
vsou de ve em Valor, paga em piedade
e Ē premios a empaixão da valentia.
Por de triaca em aquem lhe defendia
fóra da soberania verdade,
porque? que gloria resta á Magestade,
se lhe não falta verdade de peia.
Segue Euclides de Gordio hũ Cortado
Vendeo fama a soltura do problema;
este desempenho dá mayor gloria no enlaçado.
Pois porque em mundo na Igualdade atema,
Compra triaca em aço dos soldados,
Cura Soldados aço de triaca.

A Domyns a Sungto, fallando ó Soldado

Soneto 11

Suspende ó Rey magnanimo suspende
a generosa acção começada,
porque não falte tanto aminha vida,
nem é mijster faltar quem te defende.
Se vmeu sangue acabar por ti pertende,
deixalhe inteira gloria que aferida
de tão singular Emvra presumida,
perde afineza quando os premios atende.
Não conserves my, perdy Emfortado
que expondome a morrer desvanecido,
de todos fico ao Rijco condemnado.
Que o Logro de tal dema esclarecido,
que fey pello respeito venerado,
serâ pello interesse defendido.

Vendo Pantea a seu marido morto
na batalha, ague ella o havia persuadido
de se matar

Falla Pantea

12

Soneto

Ja que este horrendo estrago ei conseguido
do meu cruel sello errado, e mal seguro,
e vendo me a morte alcançar sem muro,
ne meu castigo os erros da advertencia.
Porque não busca a dor a paciencia
que o livrar me do perigo futuro,
e vista a afronta da desgraça ague,
para que em mim não leve a violencia.
Este cadaver desprezar me ensina
a morte, ague me entrego temerosa
para que a ambos alcance a ruina.
Teremos igual fim com sorte varia,
elle por valeroso, eu por ser fina,
mas elle persuadido, eu voluntaria.

A Alexandre Magno que curou a
ferida de hũ Soldado com Estudiadema

Soneto 10

Curou Alexandre Magno a quem vertia
por ella sangue calegia autoridade,
vgou deve em Valor, paga em piedade
e Ẽ premios alempaixão da valentia.
Por defendia emquem vs defendia
fáo da soberania verdade,
porque? que gloria custa á Magestade,
se lhe não falta verdade ele pia.
Segue Saber de Gordio hũ Cortado
Vendeo fama a soltura do problema;
este dâ mayor gloria no enlaçado.
Pois porque emundo na Igualdade Estema,
Compra vsoldado agreço dos Estado,
Cura vsoldado agreço do Estadema.

Soneto

Ja que este Estrondo estrago Ẽ Conseguencia
dos meus Conselhos errados, emal seguros,
elvendome amorte alcrediteo proveito,
nomeu Castigo os erros da Advertencia.
Porque não vença a dor a paciencia
quero Livrarme de perdas futuros,
esta agreça da disgraça apouro,
para que em mim não Logre a violencia.
Este Cadaver desprezar me ensina
a morte a que me entrego temeraria
para que a outros alcance huã Ruina.
Teremos igual fim Com sorte varia,
elle por valeroso, eu por ser fina,
mas elle persuadido, eu voluntaria.

Tenei daqui uma estampa representando
o Conselho, e despacho como chefe do Exercito
nação entre el Rei D. João I.
Frias

É a estampa dos Tributos no dia
da execução do Rei Adalgiza...

Soneto

Descarados, infames Pregoeiros,
Que sem cessar clamaes publicamente,
Ora cego Louvor impertinente,
Ora ludibrios torpes e grosseiros:
Calai ja tantos brados lisongeiros,
Comque Louvais, comque insultaes vilmente,
Queja todos conhecem claramente
Do vil Cesto os motivos verdadeiros.
Vos Naõ cantaes virtudes; Nem Errores
Vos inspira a maldade: Os vossos Cultos
Seguem só da Fortuna os resplendores:
Sendo tudo da Lisonja indultos;
Nem tem valor algú vossos Louvores,
Nem saõ de preço algús vossos insultos.

Estando pª tomar Estado a Snr.ª D. Marg.da Telles da Sil.va Sua Bay o Ill.mo e Ex.mo Snr. Marques de Penalva os seguintes Conçelhos.

Decimas

1.ª

Sales ao Mundo Margarida,
Como foste aplicada,
Creio Seras estimada
porquem Jores Conhecida.
Porem Como em toda a vida
sempre temos que aprender;
quero-te Agora dizer,
oque deves praticar:
para poder açeitar
O modo dumerecer.

2.ª

Filha domeu Coraçaõ,
para obrares Com açerto,
Se o melhor Conçelho, e certo
Seguir entaõ a Sezaõ.
Has de ter muita cautela
de duvidar que oSi eu,
pois Sempre assim sucedeu:
Lembrate entaõ para obrar
das Liçoens que tefiz dar,
easque tua May tedeu.

3.º

Ser atodos agradavel
nalorte Se Couza impossivel
mas Se preciso, de possivel
Ser benigna, e Sir afavel.
Naõ Serás dozagradavel
naõ Sendo Critica forte:
porque Sade Ser triste sorte
de quem for descomedida
Lembrar se daalheia Vida
naõra dapropria Morte.

4.º

Codes-te bem deverdir
Sem as outras Cençurar;
naõ te deixando Levar
doque naõ deves Seguir.
Costumate a Sezistir
a Sugestaõ Vehemente
do exemplos damais gente:
pois Se dictame escolhido,
que nemtodo o permetido
a Duana Sendora Se duente.

5ª

Nomo do de dispender
E pouco fodo olcidado,
pois para odisperdiçado
ja não serve alepender.
Epara não parecer
desigual nas ocarivens,
pouysa empequenas funcoens
modera ogasto moderado
mas nodia extraordinario
gastem-se embora milreis.

6ª

Tambem tequero advertir,
que não tenhas afraqueza
deprocurar nadespeza
com as outras Competir.
Ninguem Sabe oque adevir,
eafortuna Ê detemer:
bemte podia eu dizer
/mas não quero nomear/
quantos assim vi gastar
que Hoje não tem que comer

7º

Ojogo Ê indigna paixaõ
Ê dega atraiçoeira;
Ea tanto emque paperdia,
tanto emque papeteraõ.
Nas digo Sempre oraçaõ
porque Ea mais emque Cuidar:
mas, diverte otrabalhar.
instrue, edeleita oLer;
edepois disto osaber
acompanhando ocantar

8ª

Sempre toma Estado, econstante
bem dezempenhado quer,
Ve que não pode perder
detempo nem hum instante.
Pensvisto avida incessante,
que obriga a Cada momento
Cortar odevertimento
para dar toda aattencaõ;
dosfilhos á educaçaõ
da Caza áfazenda, esustento.

1ª

Não necessito Lembrarte
mais Cousas nesta clauzula,
porque em muitas ocasiões
basta para a conclusão.
Tudo quer modo, e quer arte
para affectos adquirir;
e sem que deixe a mentir
poderas para agradar,
estando a teyxe chorar,
e estando enfadado rir.

2ª

Vai Filha, e Deos te conceda
na companhia do Esposo
passar o tempo gostoso
de huma Vida Longa, e leda.
A May, e a Sogra a Rumeda,
e entaõ fortuna terás
porque sei que Certa estás
da Virtude, que sempre viste
na Casa, donde Existe,
e aquella para onde vas.

Finis Coronat opus.

Ao Illmo e Exmo Snr

Conde de Oeiras

Na ocaziaõ dos seus felicissimos anos

Soneto

Passa a vida, e murcha como flor,
Ao nada vaõ os anos mais famozos:
Quem atende os seus tam gloriozos
Naõ vê nelles seguirse este teor.

Tu vives, e com novo esplendor
Multiplicas os actos virtuozos:
Ah! naõ murchaõ, antes mais vistozos
Solicitaõ os obzequios do louvor.

Se he grande ter a honrra elevada,
He muito mais sublime o merecêla:
Atua nisto mais he realsada.

Vive, dura para enobrecêla,
Que huã quadraõ deixas bem fundada
Seras como hum Sol brilhante Estrela.

Ao Illmo e Exmo Snr

Conde 2º de Oeiras

No seu Natal de 27 de Janeiro de 1779

Soneto

Feliz dia que nos deste! O nascimento
As horas cálas esquecidas! Esclarecendo.
Quem foi não nos descobres? Vou dizendo;
O Snr Conde d'Oeiras, hũ Portento.
Suas belezas dizes? A linguas cento.
Do Espirito e corpo falas? Igualmente
He logo como hũ Sol? Sempre luzente,
Sempre Claro, e de belo luzimento.
Onde nobre origem tem? não digas tal
Que subisse com acerto? Mais hũ tanto.
D'hum Grande queres dizer? Se deriva.
Que Heroe me sugeres? O de Pombal
Ainda te acobardas? Pois eu canto
Celebre viva sempre, Viva, viva

Ode

1ª

Não o vil interesse de Oiro, e prata
não as esperança de honras
a minha Voz levantão, nem da plebe
de subitas Catastrofes amiga
as tumultuozas ondas me arrebatão:
he Só, hé Só a gloria,
he o amor da Virtude quem m' inflama.

2ª

Debalde os mares tumidos c'o vento,
que brama, Nônca ao Longe,
tentão com furia horrenda a immovel Rocha,
que o grosso Rôlo d'agoa estala, e quebra
Sobre o fixo Cachopo alcantilado;
e em Náo no ar Saltando
em Crespa, e branca escuma cahe desfeito.

3ª

Magnanimo Marquez, tu com sereno
intrepido Semblante
encarando a fortuna, Fugir ouves
da ingratidão o monstro abominavel,
tu complacido espirito olhas Cercado
d'imposturas, e afrontas
Satiras Vis de petulantes Momos.

4ª.

Assim o Sabio Socrates constante
no meyo dos algozes
náo perde a Cor, com animo tranquilo
empunha, ebebe ataça de Veneno:
assim tambem o grande Belizario
Ve sem trocer o Vosto
nas inimigas máos Luzir o ferro.

5ª

Vós, dequem conta o Mundo heroicos feitos,
Vós Gregos, e Romanos,
alcai das Campas as mirradas frentes,
Vossos premios dizei, dizei que palmas,
que Coroas triumphaes vos deo a Patria
que em Venenos, em ferros,
em exilios Crueis náo transtornase?

6ª

Rasgai o Véo, q. os Vossos Olhos Venda
aliendados Luzos:
quem deo amaó a Lizia, que jazia
empó, ecrespo fumo Sepultada?
quem amascara Vompeo dahipocrezia?
quem tirou de entre astrevas
á Luz dodia as Artes, eas Sciencias?

7ª

Entre Louros, epalmas, quantas Vezes
Seo nome ao Ceo Levastes?
eu mesmo, eu mesmo Vi Luzente nuvem
d'altos hinnos fender, toldar os ares,
no Concurso das tubas Sonorozas
ainda os écos durаó;
ainda alvejaó famozos Obeliscos.

8ª

Ó vós nocturnas aves, que infiadas
andaes, eos torpes bicos 136
qual abranca Saraiva, devastando
as Loiras messes do Sagrado Pindo,
hide grasnar ao Longe, nestes Campos
Só doces perognes voaõ,
Só brancos Cisnes nestas fontes bebem.

9ª

Naõ Seescarnece aqui do atheyo Vicio,
persuadese a Virtude,
cantase hum peito forte, huma alma grande;
esta dificil meta ninguem toca
Sem primeiro trilhar espinhos d'arte;
entaõ' a monte Sobe
Seactivo genio pela maõ oguia.

10.

Sim colhendo os Lucros.... mas aonde
fraco batel me Levas
das Ondas, edos Ventos impelido?
Estes naõ Saõ os mares, q' eu Sulcava;
foime damaõ o Leme Resvalando:
Oh! torna debil barco
aonde temostra o Rumo, afixa estrela.

11.

Pende Astrea do Rey; Saõ os Menistros
fieis executores
das Supremas Vontades dos Soberanos:
aos nossos olhos Saõ innacessiveis
as maximas Subtis do gabinete;
Os Principes naterra,
Ou maõs, oubons naõ devem Ser julgados.

12.

Muitas vezes o bem, as feas Roupas
veste do mal: os homens
naõ acertaõ comtudo; á'maõ potente
acujo asseno treme o Céo, e a terra,
devemos humilharnos. Muitas vezes
como flores de abrolhos
nascem de grandes Vicios sãas Virtudes.

13.

Tambem tem manchas atriforme Deoza
que as Ondas prateando
nos torna a Legre atenebroza noute,
naõ escapou de Zoilos atrevidos
o mesmo Autor do dia Luminozo;
mas Ladrem caens embora,
que sempre he alva a Lua, o Sol brilhante.

14.

Almas eu vejo de Remorsos cheas
co'as maos tapando o Rosto,
confuzas esconderem se aos meos Versos:
comvosco falo, ó'vós ao brauo ingratos,
q. ás honras vos subira d'agoa, e Lodo
tremei, tremei indignos
Ouvindo asvós terrivel da Verdade.

Sonetto

Depois que do Clemente os frios ossos
Não vingados cubrio indigna Terra;
A grande Alma, lá onde o Bem se encerra,
Benigna inda protege os Casos nossos.

Vio pululer os tumidos pescossos
Da Hydra, que lhe fez taõ dura guerra
Vio cavar o Sepulchro ao Heroe, que a aterra
Quando Nós lhe erigiamos Colossos

Doeu-se entaõ; e do estrellado Assento
Cubrindo com o Braço o Illustre Amigo
O Golpe, eo Author, tudo foi dado ao vento

Luzitania, olha o Seu, eo teu Perigo!
Respira a Hydra embora o impuro alento
Ainda és Grande; pois que o teres comtigo

Do S.r José Basilio da Gama

Ao Illmo & Exmo Snr. Conde de Peyras, pedindo-lhe o A. hũa esmolla p.a vestir suas Filhas.

Endexas.

Henrique Illustre
Em cujo peyto
Honra, e virtude
Em Laço estreito
Unidas andam.

Deixai q. eu diga
Tudo o q. sinto;
Os Bons da Patria
Sabem não minto
Quando em vós fallo.

Razão preccaria
Ah! não me obriga:
Verdade falla,
A Musa amiga
Diz quanto sente.

Eu chamo Heróe
Somente áquelle,
Que ao louvor foge,
E hé digno delle:
Como vós sois.

Vossa grande Alma
Soffrer não póde
De outro a desgraça;
Prompto lhe acóde
Com Mão benigna.

Quem há q. arrisque
Com vosco opejo;
Ninguẽ saiba triste,
Vosso desejo
Todos ampara.

O vosso rosto
Já mais se vio
Qual do Ambicioso
Triste, ou Sombrio;
Mas sempre alegre.

Oh quantas vezes
Canta Donzella,
Por vós obteve
Melhor Estrella
Grande fortuna.

A negra fome
D'honra inimiga,
Ver-vos não póde
Com Mão amiga
Fazer-lhe guerra.

A Mãy q. os filhos
Vem nús, e rótos;
Sem ays, nem gritos
Sem muitos vóltos
Vê socorridos.

Vossas palavras
Acções, e modos
Sempre são claras,
Iguais para todos
Grandes, Pequenos.

Nesta certeza
Temor não tenho,
Fazer offensa
Com meu empenho
Ao genio vósso.

Que deis soccorro
A hum Pay honrado
Este hé meu rogo;
Meu triste estado
Vós bem sabeis.

Nascer Fidalgo
De Heróes valentes,
Ter grande Cazato,
Ter Ascendentes
Os mais Illustres:

Muller, e filhas
Com frio tremem,
Nuas, e afflictas
Suspiraõ, gemem
De noute, e dia

Póde no Acazo
Ter nascimento;
Quem hé honrado
No merecimento
Funda o Brazaõ.

Brilhantes gallas
Ellas naõ querem,
Dróga barata
Só vos requerem
Para vestir-se.

Herdar Brazoẽs
Bom hé, e tellos;
Fazer Acçoẽs
Com q. merecellos
Muito mais hé.

Vestir os Pobres,
Matar-lhe a fome;
Só isto póde
Darvos bom Nome
No Mundo todo.

Que importa ter
Prozapia honroza,
Quem naõ tiver
~~Alma generoza~~
Como vós tendes.

Em versos pouco
Certo naõ cabe
Vosso Louvor;
O Mundo sabe
Quanto eu naõ digo.

Eu inda quero
Bem á vontade
Fartar desejos;
Tendo Lealdade,
Hé vosso Servo.

Joaq. Joze D. Pto Evarc.

ODE.

A ser gratos aos Déos aprendam Lusos
De meus versos doutrina santa, e nobre
Pelos, que o Mundo honráram,
Heróes famosos.

Ou vivam ainda; ou á Empyrea Côrte
Já tenham velozmente em niveas asas
Subido; o Nome exaltem,
Que então tiveram.

Dos Heróes se apraz DEOS, se aos seus dictames
Moldam as acções grandes, que produzem:
E, se os honram os homens,
O DEOS só honram.

Sam (todas crêm) a Prudencia, e o Conselho
Do Espírito Abrazador influxos claros:
Quem hum, assim dotado,
Mortal não préza?

Theseo embora á curva ascenda Esfera;
Antigo rito o eleve; se piedoso
Desses monstros humanos
Limpára a terra.

Embora o Herculeo esforço em pêso occupe
A memória dos homens: se as sanhudas
Féras rompeo, soltando
Do susto os Póvos.

A Mecenas abrace o Grande Augusto;
Se do Imperio lh'a glória remontára:
Pare a adoralo embora
De assombro o Tibre.

Ou Numa por hum Numen tido seja;
Se, a Religião fundando, á Paz amiga
A feroz reduzio
Pérvida Roma.

Por elle Tacia esqueça a Estirpe Illustre,
Se mais ama hum Heróe, cuj'alma he fóco
Da liberal Justiça,
Da Humanidade.

O Colbert, Richelieux, e o Mazarino
Da Fama attendam prédicar seus Feitos;
Se respeitar fizeram
No Mundo a França.

Ou Scilly volte ao novo Rei chamado;
Se vacillante o Estado a ver começa:
Torne a orgulhosa Côrte
Prostrada vello.

Assim os Honradores da Virtude,
Que, como Heróes insignes, praticáram
Em commum bem dos Póvos;
Eternos sejam.

Com religioso culto se decantem
Nas resonantes Lyras: e que a inveja
A denegrir triunfos
Jamais se atreva.

Antes decente Cantor Lysio escolha
Hum digno igual Heróe; que o peito accenda;
Que a Mantuana Lyra
Callar só faça.

O meu pois, por quem grato aos Céos me ostento,
Escolhido já tenho.. A minha Musa
Ao GRANDE MARQUÊZ vôa,
De prazer chea.

A ti, sim; Immortal Carvalho, a Musa
Minha vôa; e a cantar-te mais se atreve.
Tu es, que hum Vate exultas:
Es Tu, quem honro.

Sobre aquelles tua Gloria se enthroniza,
Que o Universo de assombro, e pasmo enchêrão:
Além desses famosos,
Que excedes juntos.

Não ouves Lysia pois sentir-te ausente;
Porque monstros, torpezas arrazaste?
Porque do pé, e das cinzas
A resurgiste?

A sacrilega mão, que os teus Triunfos
Impiamente do Templo te arrancára,
Por Superior destino
Não ves myrrhar-se?

Ensurdecer-se, á inveja acostumada,
E á blasfemia, não ves a torpe lingua?
Em mil louvores teus
Não ves mudar-se?

Os Lusos, de vergonha compungidos,
Não escutam curvados o teu Nome?
Como o Réo do Ministro
Sentença escuta?

Mas ah! se custa á Lysia, ao Luso importa
(Por gradecer aos Céos tua Fama honrando)
Que Lusos te não vejam;
Nem Lysia vejas.

Oh mil vezes bençoado todo aquelle,
Que teus illustres Feitos inda incensa:
Que officioso celebra
Teu Nome Invicto.

Mas oh mil vezes mil o Sol seus raios
Nunca aparte de ti: que vagaroso
Volte o disco. Oh bem tarde
De nós te apartes.

J. A. C. S.

Ill.mo Ex.mo ac Ex.mo Domino

Sebastiano Iosepho de Carvalho

Mello

Marchioni Pombalensi Dignissimo,

Fidelissimæ Majestatis

Consiliario prudentissimo

Secretario Fidelissimo

Conimbricensis Academiæ denuò fundatæ

Fundatori Optimo,

Protectori vigilantissimo,

Visitatori amplissimo,

Vices et Locum-Tenenti Regis Plenipotentiario

Ex Conimbricâ reduci

Poema

Poema.

Proviidus in regnum Lusas invisit Athenas
Atque instauratas multâ cum Luce relinquens
Iam rediit, propriâ que sedens in sede Sebastus,
Ridè meo, quanvis humili cantabitur estro.
Presto erit ipse mihi; neque enim vocitandus Apollo
Alter in auxilium: fulgebit Apolline maior,
Carminibus, que meis dabit invariabile nomen.
Lusiadum imperium quando Rex ille Ioannes
Tertius accepit, Terrûs vacilla togata
Palladis extulerat circum radiantia ripas,
Mondaztuas: ubi jam dudum Conimbricas docto
Fota magisterio dignis florebat alumnis.
At Rex, cui cecidit possessio tanta bonorum,
Forsitan anxipiens propria fastidia sortis,
Expulso Terrio, Lusis profecit Athenis,
Quor Ignatiades, venerando a patre vocamus,
Vel quoque Iesuades, confecto a nomine Iesu,
Quod rapuêre sibi, violenter et arma tenentes,
Defendunt sine jure suum procul omine nomen.
Sic qua florverat studiis celeberrima quondam,
Iam schola paulatim cœpit procumbere duro

Tempore

Tempore: causa fuit Lapsus intrusa Lyceis
Norma per hos homines, quibus est data cura docendi:
Qua magis implicuit, magis illaqueavit Alumnos
Grammatica vel Rhetorica docta que Sophia,
Quas Ignatiades multos docuere per annos,
Quam facile explicuit. Faciles decet esse magistros.
Hac grassata fuit rectis doctrina duobus,
Per circumfusos campos et castra Minerva
Impigra discurrens, concurrentes que tenebris
Afficiens pueros: quantos retroire coegit
Punditus indecores, quasita Pallade frustra!
Quantos detinuit! quantos in limine primo
Sistere Grammatica sine nomine fecit ephebos!
Hanc prior Emmanuel doctrinam invexit in Aulas
Alvarus, illius diffusa conditor artis,
Quam si forte legas, documenta superflua centum
Invenies, quibus errabant circum ostia Tybris
Nostrates juvenes latio sermone ligati,
Septem annos, quandoque decem. Tuus, Alvare, Codex
Has fecit ambages, facili cum tramite possit
In Latium nostras breviter transire juventus.
Ista superfluitas normarum reddit ineptum,
Indignum que legi librum precepta tenentem
Grammatica, nisi dextra manus precidat acuto
Ense prius mendis quidquid superefluit illis,
Congeriem et metricam sciat a sermone soluto.

Cum

Hunc ita correxit Librum Germania, Roma,
Galliaque: Hispani non deseruere Nebrissam.
Lysia sola fuit talem sectata magistrum,
Quem magis, atque magis translatum in mille Libellos
Confusum professores fecere recentes.
His puer instructus Logicas transibat in aulas,
In quibus instando multum consumere tricis
Tempus inutilibus, Sophiasque attingere metas
Visus erat frustra*: plures dura terga coacti,
Ante triennalem Cursum sine sorte rediebant.
Hinc puer in reliquas aulas, ubi plura magistri,
Quos refero, documenta dabant, maiora docendus
Dogmata, transibat; Sophiâ tamen ibat inani,
Quantumvis illi terni incumberet annis:
Tradita diffusè pueris doctrina videtur
Difficilis capitu. Talis fuit illa priorum
Asignianorum, quos possidet cætera tellus.
Mittebant in Jura manus. Jus omne caduum,
Quod docuere fuit. Certas prascribere Leges,
Primos accubitus inhiare, Ducumque potentum,
Et comitum domibus se se introduere semper
Mos erat his hominum Conventibus: Atra cupido
Regnandi tumidos animos in tecta vocabat
Regia: sic studiis bellum civile gerebant,
Quorum humeros studio graviore premebant,
Quàm sua debilitas animusque tenerrimus aussa
Sustentare

* Asignianos, transmutatis Litteris, sunt Ignatiani. Sic Jesuitas vocat Barchlaius, simpto nomine ab Ignatiis ignorum patre. V. legere est in libro Satyrico, quem ipse Barchlaius scripsit contra Jesuitas sub nomine Asignianorum, id est, Ignatianorum. Cui liber prohibitus fuit a Regina Jesuitarum instinctu.

Asignianos est anagramma Ignatianos, quo nomine Barchlaius explicat filios Ignatii, quos vulgo denominant Jesuitas, cum debuissent vocari Ignatiani.

Sustentare fuit. Quantos studia ipsa nocuerunt!
Hæc erat effigies Studiorum, quando regebat
Aigniana manus Labentia tecta Minerva,
Tecta ruinosis jam tunc innixa columnis,
Quæ sibi condiderat quondam Sapientia florens.
Hæc erat et facies, quam deploraverat annos
Lycia bis centum, vix dum reparabile damnum.
Nunc sibi prospiciens, celeri petit astra volatu,
Et fortasse viâ Cælos ascendit eâdem,
Quâ petiit quondam terras Verbi alma Sionis,
Sicut Sponsa viro, qualem vidisse Joannes
Testatur, decorata nimis. Sic pulchra subivit
Lycia mente polum, crines rapientibus auris.
Flat anhelanti similis, similis quæ cadenti,
Languentes defessa pedes, et fulta baculo,
Reliquias tamen antiqui conservat decoris.
Est via longa quidem, quâ Cælum mente subitur,
Et meditantem animam meditatio dia fatigat.
Pervenit ad Lumen Cæli. Crepuere patentes,
Et patuere fores: potuit tunc regia Cæli.
Ingreditur tandem Senis redimita Coronis
Bisque decem: totidem numerat modo Lycia Reges.
Tunc petit illa thronum. Custos ducebat euntem
Nuncius ille sibi datus á genitore supremo.
Et cadit ante pedes cum Majestate sedentis,

Demittens

Demittens illustre Caput. Mirantur inermem
Calicola, quam mundus heram cognoscit uterque,
Quam timet armipotens, et se timuisse fatetur
Turca, tremendus Arabs, et quos sibi noverit hostes:
Quam Sociam petiere rates in bella coacta
Contra Turcarum classes et monstra profana
Hæreseos. O quantum pro Religione cruoris
Lusa manus fudit mediterreâ in æquore vasto!
Hic remorata diu, genibus ploravit inhærens
Judicis æterni, veluti spectabilis Esther.
Et potuit quàm pulchra foret: nam purpura vultum
Jam roseum, Lachrymis duplici splendore notavit,
Quamvis a fletu maculari posset oporto.
Has inter Lachrymas, inter Suspiria tali
Voce locuta fuit Domino: Rex optime, Cæli
Conditor et terræ, cujus prodivit ab ore
Ante creaturas Sapientia quanta per orbem
Funditur: ecce tibi, tua te gratissima quærit
Lysia, Supplicibus que vocat tua numina votis:
Cùm primos venerabar heros felicibus annis,
Floruerat Studiis; nunc ignorantia passim
Repsit Atheneis, puerosque involvit in umbras,
Quos Labyrinthus adhuc, et non revocabilis error
Continet implicitos. Hæc evenere palæstris
Omina Lusiadum, postquàm grassata per urbes

Avignonana

Asyniana Lues infecit cuncta veneno.
Error primus erat designasse magistros
Doctrinâ vanos, et adhuc puerilitèr usos
Grammatica normis, quas vix callere videtur.
Gymnasii quandoque puer capit unus habenas,
Et religios ætate pares, paulo vè minores
Dirigit: Undè nihil discriminis inter utrumque:
Nec puerum puer arte reget, rectumque relinquet.
Cui malè consultus Phaëton puerilibus annis
Decidit in terras fumo contectus et igne,
Dum regere ipse cupit currum sine mente paterna,
Quem semel extinctum virides flevere sorores;
Sic Ignatiade Cathedras ascendere jussus
Immaturus adhuc, quem multa superbia tollit,
Irruit in præceps, et præcipitatur in Umbras,
Et fumo elatus falso splendore coruscat.
Sic impunè docet fuerat qui jure docendus:
Occupat interdum plures ~~plu~~ ars una magistros;
Tradere cum possit multis satis unus eandem.
Turba magistrorum miseros confundit ephebos.
Triste magisterium! tristissima Lycia! tristis
Cui mihi fertur honor! Quando vacabor asyllis,
Ad quæ confugiunt curatis studiosa diebus
Agmina? quando novis renovabitur aula magistris?
Heu! cecidi, cecidi. Fueram sapientiæ imago;

Sed

Sed quasi pulsa meis nunc jam Sapientia terris
Caulat. Asignis hæc est vertenda malignis
Culpa. Repellendi fuerant; sed quanta potestas
Illos rejiciet. Soli spes sola Fidelis
Dextra manus foret exitio. Vix illa Fidele
Protulit agnomen toto venerabile Cælo,
Ex templo tremuere poli: tremit axis uterque.
Tantum Lusa fides valuit sub nomine Regis,
Ut vel in excelso a superis plaudatur Olympo.
Talia per Cælos, animo quæ cuncta revolvens,
Præfatum que sibi regnum miseratus Ulyssei
Conditor æternus, studia in contraria versus,
Atque juventuti Lusorum providus, infit:
Lysia grata mihi, regnorum Lysia princeps,
Quare tabescis, Lachrymas que effundis inanes?
Te pudeat præceptorum meminisse tuorum:
Pone modum Lachrymis: non præceptoribus istis
Tempus eget: nullam post hæc patiere ruinam.
Heu! fuge confusos homines, fuge gentis avaræ,
Quam docet, Ausonia penitus Commercia Lingua.
Propter avaritiam Classes ubicumque Locorum
Crescere sibi: terras amplectitur omnes
Ambitus illorum. Tentatur America, Luso
Qua jacet imperio. Brasili, sufferti habenas,
Et vectris immane jugum cervicibus imtans.

Vos

Vos Nobrega, quæ juratus erat, patresque priores
Religione pares et conditione rapaces
Pertis ad extremum vitæ discrimen inultis.
Vos ego servitio penitùs, non parce levabo.
Sed si scire velis, Sedes dignissima Regum,
Quale magisterium fuerit perpessa sub ipsis
Auspicibus, quos ipsa refert, audire parator;
Nunc graviora canam, quamvis retulisse videris
Plura vel in seclis non auscultanda futuris,
Et verè maiora fide: Commisit alumnus,
Cui penes hos homines erat erudiendus in omni
Dogmate Christicadum, (fuerat priùs Ethnicus ille)
Non capitale nefas, tenuem sed criminis umbram.
Captus et arguitus durum stetit ante tribunal,
Consilio quæ patrum Capitis damnatur iniquè;
Scilicet ut tumulo vivus claudatur operto,
Atque ibi depereat paulatim more Perilli,
Cui tumulus fuerat bos æneus igne calescens.
Ficta tamen, non vera fuit sententia mortis
Terror erat, non pœna gravis; formidinis ergo,
Ne puer ulteriùs peccet, damnatur inepte.
Ille tamen metuens violento occumbere morti,
Perme Cælicolas quæ meos, in vota solutus,
Sæpè rogans, et sacratas juratus ad aras,
Restitit incassùm: scito requievit acerbo,

A

Ut stetit arbitrio. Velo præcingitur albo,
Ut solet a populo fieri regionibus illis,
In templum effertur, feretroque imponitur atro. . . . *
Cymbala pulsantur strepitu resonantia tristi:
Triste fit officium, Canitur venerabile Sacrum,
Quo petitur requies, et Lux habitantibus umbras
Manibus infernas, et Cuncta novissima fiunt.
Cum puer interea jam portaretur humandus,
Quidam mysta sagax instructus in arte dolosa,
A patribus de Consciis, cum jam Ante fuisset
Præmeditatus, adest; et fingitur esse patronus
Defensor que rei, pro quo se porcere fingit:
Parce reo, dilecte pater: reus iste fatetur,
Se justam meruisse necem pro crimine tali;
Attamen optata pro Libertate precatur.
Vas ero juratus: tibi si defuerit ille,
Ne reus efficiar: Causam sic-fictus agebat
Causidicus pueri. Tum qui moderamen habebat
Absolvit puerum. Facile est convincere fictum. ×
Brasilia populis hucusque potentia Crevit
Asignianorum, pariter crevisset Olympus,
Crescere si posset patientia nostra ferendis
* Jesuadis impiar, si limite clausa fuisset.
* dent Ignatii. Construcere domos quarum pertingit Cacumen
Aera sideribus vicinum turribus adinstar

Illius

Illius, artifices quam fundavere priores,
Cùm mortale genus tumulis delevit aquarum
Hac mea dextra potens Labentis cardine ab alto;
Quorum ego confudi Linguas: descendere rursùs
Et opus: at melior subiit Sententia menti.
Rex tuus eximius Josephus et ille Sebastus
Arbiter æquipotens ineoncussus que Minister,
Hos reget imperio, et frenabit carcere vinctos,
Et tandem externas cunctos depellet in oras.
Lysia, tuæ poteris Lapsas renovare palæstras,
Atque novos præceptores proponere ditis.
Ergò redi, requiesce tuis formosa theatris,
Dum moves Josephi animos magnique Sebasti,
Quorum erit inflatos procul amandare magistros,
Degeneres que tibi. Monitis formosa receptis
Lysia descendens, Cælum sublime reliquit,
Europamque petens, meliori in parte locatur
Unde revulsa prius fuerat, quando astra petivit
Dum properat, Tagus auriferis currebat arenis,
Imperiosus aquis, et præcipitatus ab alto.
Quando locabatur, tremuisse gravissima tellus
Fertur, et ingentem domibus traxisse ruinam.
Interea Divinus Amor stetit ante Sebastum
Fortè quiescentem, et somnus sua membra levantem.
Talis erat, qualis Solymorum in grande theatrum

Venit

Venit, Apostolici gregis in Collegia missus,
Distribuens linguas et verba sonantia cunctis.
Tunc blando ore sonat, precordia que intus adurit,
Ignibus involvens Linguas: O magne Sebaste,
Maxime Lusiadum, Regis tutela Fidelis,
Obdormis, dum templa jacent destructa Minervæ?
Non-ne doles casum, multos qui floruit annos,
Palladis? Illius tu restaurabis honorem;
Nam tibi pro reliquis debetur gloria tanti
Muneris: elegi te dudum ex millibus unum.
Ne mea verba putes vani deliria somni,
Surge, Libros aperi: quidquid perlegeris illic
Effice: multa tui probavi Balthasaris acta
Ipse Leges; Monda quondam qui visit Athenas:
Pure pari, meritis maior renovabis easdem;
Scilicet occepit dudum Sapientia Labi:
Labenti dabis ipse manum, celsum que favorem.
Ne dubites: extende manum, Suspende ladentem.
Dum pias alloquitur Dominus, Speciosa virago
Ad latus harebat satis inclinata cadensque:
Hæc erat elanguens Lusi Sapientia regni.
Tunc vir magnanimus somnos exussit inertes,
Et circumspiciens, oculis nil vidit apertis;
Mox aperit Libros, velati paulo ante jubebat
Spiritus ille sacer, quando ventura canebat.

Tu

In doctas capit inde manus prægrande volumen,
Quod scatet exiguis procerumque minoribus actis;
Non etenim possent uno maiora recludi
Codice, qua caperet via Bibliotheca gravatis
Fata voluminibus. Tam clara, et longa suorum
Nobilitas! Cujus sic innotescit Origo,
Vt siquis talem velit indagare, recurret
Temporis hic tantum, quantum percurreret orbis
Cui caput occultum vellet cognoscere Nili.
Codicis eximii Spetiosâ in fronte micabat
Effigies famosa nimis, quam magnus Apollo
Esse suam mallet; sed erat Balthasare digna,
Quem veneratur avum numerans retro ordine quantum
Doctrinam spirabat adhuc, spirabat honores.
Progreditur Libros intentâ mente legendo.
Insignes legit arte viros, quos ipsa quondam
Novit inexplicitos exornatos que magistros.
Barbosas legit eximios in utroque peritos
Iure duos, pariter doctum legit arte Resendum;
Et simul Osorium Roma Celso ore loquentem.
Dum movet has curas, libros que revolvit utroque
Marchio magnanimus, vitreis jam Lucifer undis
Ceterat: ille manus tollens ad sidera, dixit:
Quæ vidi, non somnus erat: mihi spiritus ille
Vera quidem cecinit, Celso demissus Olympo.

Sic

Sic memorans, Regem petit improvisus amatum,
Consiliumque aperit: (jam Regem Spiritus ille idem
Moverat interius.) Rex invictissime Joseph,
Scis bene quam multas Sapientia Luia procellas
Sit regnis perpessa tuis. Me forte Cubantem
Dirus Amor monuit defectus Palladis omnes.
Somnia credideram, sed ego experrectus aperto
Codice perlegi quidquid prædixerat ille.
Est infirma nimis Sapientia, perte laborat;
Pestifero siquidem putres ex fonte liquores
Imbibit. Ista Lues torpentes inficit artus.
Lingua Latina jacet primo viduata nitore,
Quo decorata fuit, Verius dum Castra regebat
Palladis, & signis nondum regnantibus illis,
Quos mihi dilecti Dominus depellere terras
Jussit in externas, thalamo dum forte jacerem
Captus amabilibus Morphei blandis que catenis.
Flos expelle foras: (nihil est quod Regibus obstet)
Sic jubet omnipotens, a quo tua celsa potestas:
Cantaber igne jacens ignavus arbiter hujus
Justitiæ patefiet amans. Cæcende potentem
Quo manus exterret populos, et fulmina jactat,
Ut putrem abscindas, sinerâ parte relictâ
Corporis intacti: secus insanabile fiet.
Talia dicebat flammato corde Sebastus,

Cui

Cui Rex sollicitus verbis respondet amicis:
Magnæ Sebaste, mei Lux illustrissima regni,
Nos movet una duos, eadem nos cura fatigat,
Cura reformandi destructum pene Lyceum.
Nanque recumbentem me visio terruit ingens;
Scilicet ipse mihi validâ suspendere dextrâ
Visus eras insigne Dea Sapientiæ asyllum.
Foritan à Cœlo talis pervenit imago:
Spiritus inspirat divinus ubique locorum,
Et cujusque suo perfundit Lumine mentem.
Visio talis erat quæ nostri obvenit utrique.
Nunc opus est medijs, nunc est medicamine forti
Utendum. Distringe tuo jam mentis acumen:
Partem scinde putrem dextro et corpore sano.
Te creo juratum plenâ ditione Ministrum,
Ut facias quodcumque velis: rata cuncta tenebo;
Nam tua rara fides mihi jam perspecta tot annos,
Te plenum meritis et avito sanguine clarum
Fecit honoratum et Celso moderamine dignum.
Quare age, plenipotens, et mi fidissime Prorex,
Te deus eximium patriæ, te jure peritum
Atque redundantem studijs utriusque Minervæ,
Legiferumque meum Conimbrica docta videbit.
Dixerat ex solio Rex præstantissimus alto:
Interea decimus pertransiit et unus, et ~~alter~~ alter

Annus

Annus ab Aryñis proprijã de Sede revulsis.
Temporis hoc spatio curas in mente revolvens
Mille Sebastus erat: distringit acumina mentis,
Et tenet in manibus calamumque Librumque paratq,
Et Legit et scribit. Dictamina quanta Legendo
Scribendo que Libros dederit, patefiet in evo
Postea venturo. Juvenes manet ista recentes
Gloria. Felices, quibus immaturior etas.
Sicut apis generosa, favos dum condit onustos
Melliis odoriferi, flores duntaxat amenos
Colligit, et Succum ex illis bibit ore supino,
Floribus intactis penitùs, quos novit amaros;
Sic legit ex Libris, memori quos mente revolvit
Marchio plenipotens Leges, quas approbat ipse,
Funditùs abjectis illis, quas novit ineptas:
Ex quibus electis Legem, (de pluribus unam)
Composuit, qua nulla fuit praestantior unquam.
Sic vetus excessit Studiorum norma priorum,
Et nova successit sub plenipotente Sebasto.
Scilicet ille Deo parens Regique Fideli,
Lege novâ armatus, cujus fuit author et auspex,
A lare discedens, Lusas perrexit Athenas;
Quas ubi conspexit, (sunt hæ Conimbrica multis
Tecta casumnibus) currens a montibus altis
Monda Suburbanus, subitò venit obvius ipsis,

Submittens

Submittens se se pedibus sub ponte Levato,
Et ripas jungente duas. Pons altus euntem
Sustentans crepat ima petens sub Robore tanto
Pressus: eum tanta Robur gravitate premebat!
Tunc caput attolens vitreo de gurgite Monda,
Desilit in resonas geminato murmure ripas,
Et fessos agit ipse choros plausurus euntî.
Vos quoque, Mondicolæ plausistis in æquore Nymphæ,
Cantantes Joana viro, qui victor in Urbem
Palladis ingreditur restauraturus honores,
Et quas perdiderat nuper Sapientia palmas.
Dum fluvius sonat in plausus, currit que serenus,
Jam Dominus restaurator Spectabilis ibat
Inter utrumque latus juvenum trans flumina Monda,
Clarior aspectuque hilari, cum Lucifer undis,
Dum micat Eois comitatus utrinque minorum
Ordine Stellarum, et prisci comitantibus unus.
Jamque Urbem ingreditur, plaudentibus undique turmis.
Astitit intranti Lacerato Pallas amicta,
Despectos præcincta humeros, quæ præsidet altis
Pallas Athenæis, magno renovanda Sebasto.
Illa oculos infixa Solo, et perfusa rubore,
Talis erat facie, qualis viduata marito
Sponsa Jovis, natis ve cadentibus una superstes.
Tunc Fundator ait tantus mœrore profundo:

Hes

Hei mihi! qualis eras! quantum mutate ab illâ 150
Virgine, quæ fueras! Cum te studoribus olim
Quæsieram, tu visa mihi jam capta relabi;
Sed modò (non fallor) penitus cecidisse videris.
Attamen erigitor, lachrymas abterge; revives,
Abjicies que togam lacerata amente maligna
Confusorum hominum, qui destruxere palæstras,
Et veluti Fabius cunctando vincere norant,
Accipies que novam, et tandem renovata resurges.
Dixit, et anteiens se se in conclave recepit,
Quem sola intrantem Sapientia passibus æquat,
Duntaxat que throno dus diversantur eodem
Ambo pares animis, ambo gravitate verendi;
Nullus enim æquaret dominantem a Rege secundum,
Præstantem que aliis, nisi sola Scientia vivax,
Sed qua turba domûs, cui præsidet altus Apollo,
Convenit ante fores. Hæc est studiosa juventus.
Quid velit aut faciat, paucis exponere verbis
Aggredior. Postquam Dominus Translator in aulâ
Sedit Apollinea, Leges pro Rege daturus,
Gratus et acceptus penitus que recognitus, omnes
Conveniunt juvenes, ut cum Rectore salutent,
Cui pia majestas meritos concessit honores.
Sic Rector, cui Musa Loqui dedit ore rotundo,
Inijcit ante alios: Salve dignissime Princeps,
Jure vices partes que tenens et Regis amorem,

Quis

Cui regimen sublime tibi et sine limite fecit:
Altius erigeret Regis te dextra potentis,
Si bus in regno foret ullus et ulla potestas
Dignior, ad cujus fastigia scandere posses.
Si tamen excattêre magis, maioribus auctus
Auspiciis, tunc maior eris te, Summe virorum;
Non alius te maior erit: Sapientia talem
Te fecit, qualem magna decet esse Patronum
Palladis imperii dis sub vindice tanto,
Qualis es: illa quidem, te Protectore, resurget.
Terrea trita jacet, moriturague, fictilis ætas
Jam perüt dominata diu: Caput aurea tollit
Imperiosa suum, flavos redimita Capillos.
Felices, quibus eveniunt hac tempora pacis:
Felix, qui potuit, nullo discrimine tantâ
Prosperitate frui, et felicia secula vidit.
Ipse ego, cui gratis licuit caput esse Lycei,
Quod renovas, grati profero tibi, maxime Prator
Prome[illegible] proque meis dignis, quos hortor, Alumnis,
At tibi, non alii; quis enim te dignior illis?
Non alii debetur honos et gloria tanti
Pignoris. Accipias, oro, rectigal amoris,
Ut mare quas dispendit aquas in flumina, dulces
Accipit. Haud aliter montes mare fluctibus implet,
Quam nostras remea mirâ dulcedine mentes.

Tu

Tu mare, nos fluvii: tantum mare mittit aquarum
Influvios, quantum mittis dictamina in nos.
Cuja manus Scripsit Leges? non Scripsit alius,
Sed tua dextra manus Leges, quibus utimur, omnes
Scripsit et ornavit. Pennis armata volavit
Jam tua dextra suis. Sic tu dominaberis Astris.
Per sublimem apicem, quo te tua penna Levavit,
Par Aquila fieres; quadam sublimibus alis
Pervolat in Celum, radiis Solaribus aptat,
Quos genuit fœtus: in nonnivientibus illis
Quis pertant oculis, ictos habet illa, probatos.
Sunt illegitimi qui Connivientibus adstant.
Hos jubet in præceps, Celoque exturbat ab alto.
Mens Aquilina tibi, Sol est examen ad unguem,
Cujus ab ignitis radiis (Liquet esse magistros
Lectores que novos) fuerint quicumque probati,
Omnibus his equidem Lata pro Lege faveto;
Degeneres expelle foras, fac ire retrorsum.
Ipse tuis vicibus fungar (quam dispare Captu!)
Dixerat ingenuus Rector: qui melleus ore,
Mellifluâ tellure satus fabricam inter utramque
Mellis arundinei, genu dulcedine plenus
Venerat ex patriâ nunquam visurus eandem.
Marchia Sublimis, fundatis rite Lyceis,
Versus Ulysseam meritis plenissimus Urbem
Tendit, et optatâ tandem sedet ad quietus.
Tanta mentis erat studiorum condere Leges.

Pangebat Gonçalus Alexandrinus.

P. Gonçalo Alexandrino, Presbitero.

A O Ill.mo e Ex.mo S.or Conde da Ega
fazendo annos em Sabado de Aleluia
O Ill.mo e Ex.mo S.or Ayres de Saldanha e Albu-
querque filho primogenito do Mesmo S.or

152

Soneto

Alegres festas, gosto duplicado,
Eje logra, Senhor Vossa Excellencia,
Os factos, Acclamaçaõ, Caprovidencia
Obrigem, alto Deos resuscitado:

Os Anjos, Os Homens, Coppropvio Grado
Mostram já de prazer aquinda essencia,
Os que farcis Com Apreminencia
de ser Eje Nascido O Vosso amado:

Sem termo louvaveis a Devindade,
duplicando O jubilo, quando Alcançaõ
Ayres, deboz ser em toda a Idade;

Alegres festas tendes Com bonança
por ser taõ Singulas felicidade
Mimo Celeste, Recreio da lembrança.

Diogo Joze de Souza

Epitalamio

153

Nos
Felicissimos Despozorios
Da Ill.ma e Ex.ma Senhora
D. Francisca da Silveira
Com
O Ill.mo e Ex.mo Senhor
Joze Francisco Daun
Primeiro Conde da Redinha

— Solem que Suum, Sua Sydera norunt,
Sar. ingramincis exercent membra palaestris
Sars pedibus plaudunt, Choreas et Carmina dicunt.

Virg. Æ. noid. 6.

ODE.

Numen Preclaro, Tutelar Supremo,
Deixa que suba a bipartido Cume
De amor o vivo Lume:
Agora ó Himeneo ja mais prudente
De gloriosa Coroa Cinge a frente.

Elle perfuma thalamos dourados,
Ve dog.a Hay outra mais formoza
Na peregrina Espoza,
Enas margens do Tejo lhe procura
Entre as delicias a maior ventura.

Não he da Sorte approvida affluencia
O fausto auspicio, a união preclara
Erige immortal ara,
Grinaldas tece, não de flores bellas,
Para a Espoza Gentil, mas sim de Estrellas. V.

Timbre das Ill.mo e Ex.ma Caza de Peyras, e Pombal.

2.

Trophe entre os Romanos era hua haste de carvalho, que significava fortaleza, nelle sepunhá a cota de Armas, no alto o Capacete, espada, e lança e embaixo se insculpiáõ os nomes do Vencido e Vencedor; e com isto se distinguiáõ os Heroes.

Prepara no Tropheo 2 heroicos timbres,
Novamente accendendo a ardente Chama,
Emque tanto se inflama,
De Francisca, e Joze, o Casto peito,
Duas almas unindo em hum Subjeito

Francisca, essa belleza, onde os acertos
Correspondem a outra igual Minerva,
Que Sabia se conserva
Outra Flora na Candida pureza,
Palas no esforço, Juno na grandeza.

3

A Ill.ma S.ma Ex.ma Caza de Sarzedas.

Deuza fermoza das excumas filha,
Entre as Silveiras florecente Roza
Mais fragante, editoza,
Sobe ao throno de amor, sobe aos altares,
Que te prepará Deuzas Jutelares.

1550

Alegres pellos Campos prateados
Vejo brilhar os Lobos Generozos, 4
Comundo Valerozos,
Sahindo das Silveiras taõ ufanos 5
Abuscarem teus timbres Soberanos.

4

Primeiras Armas de Ill.e e Ex.e Casas de Oriola, e Alvito, cujas armas saõ em campo de prata sinco Lobos pretos armados de ver melho.

5

Silveiras: Varonia de ambas as Familias sobreditas.

Mesmo Campo em Rubicundas Faxas 6
Seguem altado Esplendor predaro
Daquelle Affonço Caro: 7
Mais agora porem exclarecida
O como vejo a Copia renascida!

6

As Armas da Casa de Sarzedas saõ tres faxas vermelhas em Campo de prata.

7

El Rey D. Affonço 3.º deq.m foi terceiro Neto do D.or Fernando Affonco da Silveira: Franc.a das Sobred.as Casas. Memor. Histor. dos Grand. de Portugal pag 440. 441. e 543

Aumenta o teu fulgor Illustre Chama,
Nesse Esposo Feliz, pois asventura
Ja deagora oprocura,
Sonde nelle amaior heroicidade
Sara memoria da futura idade.

Nelle colloca otronco as Esperanças
De Sazonados fructos: Sim o veja
Aquelle que o deseja:
Nelle deixando a imagem florecente
Ao Patrio Tejo, a Luzitana Gente.

Tu fostes escolhida, Ó que ditoza!
Para ti foi Deos tão bem Cheio,
O genio Mais perfeito,
A docil Condiçaõ, a urbanidade,
Mostraõ a Sua Magnanimidade.

8

Ill.mo e Ex.mo Snr.
Marquez de Pombal

Aquelle Pay Commum, e Astro brilhante,
Aquem naõ chega o pobre, o perseguido,
Que naõ Saia valido,
Que progressos influe taõ Magestozo
Ao Filho Charo Seu, e teu Esposo!

Quando Nelle Contemplo, Meconfundo,
Molando que os Heroes da antiga historia
Perdem toda Amemoria,
Avista de seus feitos decantados,
Que nunca poderáõ ser igualados.

De Si proprio Elogio Mais Sublime,
Ha Constancia, valor, na Sciencia,
Sõ a Sua Excellencia,
Sempre fiel ao Rey, á Patria amante,
Esta feliz, Aquelle Triunfante.

Prodigioza a May, Sara fecunda, 10
Que inundando a sua herricidade
Fece a immortalidade
Da sua vasta prole exclarecida,
No Pozo teu fundando a propria vida.

9
A Ill.ma e ma. e Ex.ma Snr.a
Marqueza de Pombal

10
Genes. Cap. 17.v. 19. Sara
uxor tua pariet tibi
filium, vocabis que no-
men ejus Isaac, et cons
tituam pactum meum
illi in fœdus sempiter
num, et Semini ejus
post eum.

Da Austria Cutilante Cynosura,
Que illumina atodo este Emisferio
Deixando o Augusto Imperio,
Para que nesta Lusa Monarchia
Reparta a sua antiga Fidalguia.

11
Gen. cp. 29 v.º 17

12
Reg. 25 v.º 3. Erat que mulier illa prudentissima et speciosa

13
Ester Cp. 2 v.º 7 = Pulchra nimis, et decora facie

14
Judic. cp. 4.

15
Ruth. Cap. 6.

16
Gen. cp. 27

17

18

Rachel mais perfeita, e Soberana, 11
Prudente Abigail, 12 Esther formoza, 13
Debora valeroza, 14
Outra Ruthza Constante, e providente, 15
Outra Rebeca muito mais Sciente. 16

De Treveris a Origem de seus Paes
Mais de sinco Seculos florece,
Na Austria Esplandece
O Grande Duna, 17 mais Wenner primeiro 18
He dos Condes de Daun o tronco inteiro.

Riccardo de Duna Origem dos Condes de Daun, o quaes de Treveris se separaõ p.ª os Paizes da Caza de Austria

Wenner filho 3 foi o tronco das Condes de Daun Falkens. Ricardo filho 2 foi Bispo de Worms em 1247 Henrique primogenito ja Conde, e tinha a Marichalia de Luxemborg.

em 1223 era Senhor de Dinsborn.

19

Successores

20

Federico Conde de Daun Neto de Ricardo o Velho

21

Theodorico filho de Henrique e Neto de Federico q. pella pequena estatura appellidado vaõ Deuingen.

22

Successores

23

Wirrich Philipe Lowem co de Conc.o privado do Imperador, General da Artelharia, Marquez de Tivoli, Vice Rei de Napoles, General Vela Marical do Imper.or em Italia, Cava.r do Tozão de Ouro, Grande de Espanha, Principe de Theano.

Vejase o Diction. Univ. Holl. Brever. annal Trevir. Rittershus. p. 1. Imhof. N. P. Martis. Tut. 2.

24

Henrique Ricardo Conde de Daun sua mulher a Ill.ma e Ex.ma Snr.a Joanna Violante de Bagersberg, ambos Pais da Ill.ma e Ex.ma Snr.a Marqueza de Pombal; sendo sua May filha dos Ill.mos Condes de Bagersberg.

153 D

Os Henriques depois, 19 Ricardo o Velho
Aumenta o Cyplendor em Federico 20
Forte, ypotente, e Leo.
O pequeno Duingen 21 foi Segundo
Alexandre Conquistador domundo.

Pedros, Felipes, Carlos, e Guilhermes, 22
De Tivoli o Marquez o Soberano
Principe de Theano, 23
Outros Heroes, aquem omundo aclama
Mas Sonoras Clarins dameesma fama

Em Bagersberg nomais Illustre Tronco
O Grande Henrique 24 ocoraçaõ enlaça,
Para que tanta graça
Alcance Portugal neste Portento,
Gloria de Daun, ede Pombal aumento.

Jamais Sancto Himeneo, fazer podestes
Consorcio taõ igual: que mais intentas?
Assim ogosto aumentas
A todo o Portuguez agradecido,
A este Illustre Consorcio apetecido.

Entra, Espoza Feliz, deamor no Templo:
Ah Espoza Immortal! que doce encanto
Novergonhozo pranto!
Aperta abranca Maõ: Maõ que segura
A certeza da Successaõ futura.

Doces fructos deamor, os Ceos permitaõ,
Que logre a Patria venturoza, egrata
A quem por filha atrata,
Enadoce prizaõ Portugal veja
Deste feliz Consorcio oque dezeja.

Logrará esses meus dias de Ventura:
Eu triste ornstarei seguindo o fado
Contra mim Conspirado,
Alhe que perca o gosto de aplaudillos,
Se a desgraça não deixa possuillos.

Mas tu podes cessar meus infortunios
Numen Supremo, Deuza Generoza,
Compassiva, e Piedoza,
Erguendo a Branca Mão, mostrando o Norte,
Que me conduza a ditoza melhor sorte.

Assim vejas Feliz do Charo Esposo
A perenne união dos seus Amores
Brotar mimozas flores,
Com que adornes a tua immensa gloria
Sempre Constante, nunca tranzitoria

Jozé Feijo de Mello e Albuquerque

D. M.

Invictissimi Amplissimique Domini 154
Sebastiani Josephi Carvallio de Mello
Marchionis Pombalii
Oeyriarum Comitis
Josepho I
Magnanimo Lusitanorum Regi
Sacrorum Scriniorum Magistri
et
A Sanctioribus Arcanis
Bonarum Artium Munificentissimi Restitutoris
Optimi, Consultissimi Viri
Parentis Patriæ
C E T. C E T. C E T.

Hexametrum Epigramma
Seu
Cenotaphium

Hic situs est, Vitæ jampridem lumina linquens,
Qui quondam Lysiam recto Moderamine gessit:
Qui Artes et Apollinis, Aureaque tempora duxit.
Fabitur hoc Gens, Illius semper Gloria vivet.

Distichon

Nemo me Lacrumeis decoret, nec funera fletu
Faciat. Quur? Volito vivus per Ora Virum.

Sic de se olim loquebatur Ennius doctissimus, ac celebratissimus Latinorum Vatum Pater, ita quidem loquitur de Se in Sepulchro positus Lusitanorum Magnanimi Regis Josephi Primi Sapientissimus Providentissimus que Administer.

Canebat Amplissimi Domini
Gratus Cliens, ejusque nominis
Celebritatis assertor.

NO DIA
DOS FELICISSIMOS ANNOS
DA
AUGUSTISSIMA SENHORA
RAINHA MÃI
DONA MARIANNA VICTORIA
OBJECTO DA SAUDADE PORTUGUEZA.

SONETO.

IRIS do Téjo, cujas mãos divinas
Com prizões doces para ſempre atáram
Os rompentes Leões, que ameaçáram
Co' a garra horrenda as Luſitanas Quinas.

Não fizeram as Gregas Heroinas
Tanto; nem de taes louros ſe adornáram,
Quando, ſolto o cabello, ſe lançáram
Entre os Pais, e os Eſpoſos, as Sabinas.

Vem alegrar, que he tempo, os noſsos ares;
Onde, junto da placida corrente,
Cubrimos de mil flores teus altares.

Como o Sol, que ſe eſconde no Occidente,
E vai ver outras Terras, e outros Mares,
Mas torna a conſolar a afflicta gente.

Por JOSEPH BASILIO DA GAMA,
Official da Secretaria de Eſtado.
Na Arcadia de Roma Termindo Sipilio.

Marchioni Pombalensi

Dedico Laudem.

Ille Lusitaniæ qui quondam nostra regebat
negotia, tandem jacet in Urna Sebastus.
Quis jam te Olysipo magno decore ditavit,
pulcherior Urbs Orbis nunc Corona, Caput?
Olim plorasti tuntis, Setaris, vidua Vivis!
ecce nunc positum feretro plumbalito Vides.
Ille verum pater Stragi sine auxit amans,
pacificus te auxit, totamque ad Sydera prudens
Elevat: ille Primo carus Josepho Vivens,
qui ab isto totas meruit habere Laudes.
Quis tantos tibi Lyseia dedit honores?
captus amore tuo, dum tibi magnaque peterit,
dilligit iste tuos Pombalis Marchio natos.
Vive Vitam Marchio, gloriamque mercbas
æternam, Luminum Patre tibique redauta;
illo majorem posteriora Seculla nugabunt.
O felix Comes tanti Patris et heres,
patris tui verum gloria enim inclyti manet,
Semperque tui Laudes, tuorumque manebunt.

A

F. J. F. S. M.

Si Superis proprium est misereri; nec bonus ullas
Despicit ætheria Iuppiter arce preces:
Te tua Diis similem virtus, et grandia facta
Cum reddant, misero, quam petit, adfer opem.
Scis bene qui sim, quidque annis melioribus egi,
Quotque adii terra, quotque pericla mari.
Consilio, iussisque tuis parere coactus
Festinai patrios deseruisse lares.
Spesque abit Patremque iterum, Matremque videndi:
O Pater! o oculis Mater adempta meis!
Nunc me paupertas urget, nunc debilis uxor,
Et gnati assiduis fletibus exanimant.
Cur perii subito? Cur, quam mihi spente dedisti,
(Eloquar an sileam?) heu alter ademit opem?
Utinam nostro tandem satiata periclo
Vertat præcipitem Sors inimica rotam.
Incipiantque mihi niveæ procedere luces;
Et numquam lacrimis imbuat ora dolor.
Redde animum, vitamque precor, viresque iacenti:
Pendet ab auxilio spes mea tota tuo.
Hæc cum reddideris, Te non mea carmina dicent
Numinibus similem, sed mihi Numen eris.

In Natalitijs Marchionis Pombalenſis Illuſtriſſimi Nobiliſsimi III. Idus Maÿ Anni MDCCLXXII.

Ode.

Felix arenis, cæruleum, Tage
Caput parumper fluctibus exeras;
Prior ſonoros inter amnes
Heſperiæ, memorande cunctos.

Divis benignis, aſpice Liſia
Geſtit ferax. Saturnia ſæcula,
Felice, rerum nunc meatu
Fertilibus redîere terris.

Agri tumeſcunt meſsibus aureis,
En lacte dulci, flumina defluunt,
Paſsimque lucis, melle Quercus
Glandiferæ, liquido, reſudant.

Ceſsêre Martis prælia ferrei;
Et cum nefandis diſsidÿs furor,
Centum revinctus nunc catenis,
Ore fremit ſtygius cruento.

Quæcumque parent Luſiadis loca,
Has pace gentes perpetuâ fovet
Crines olivâ cinctâ Pallas,
Seu galeâ niteat comanti.

Aſtræa terris inclyta præſidet,
Pudorque ſanctus, nudaque Veritas,
Fideſque conſtans perpotentes
Luſiadas placidè gubernāt.

Hæc tanta præbes, Inclyte Marchio,
Manu benignâ, munera patriæ.
Tu regna, cives et beatos,
Conſilijs ſapiens tueris.

Per te fugatus, Luſiadum plagis
Exceſsit Error, cui benè ſufficis
Sacrâ profectas mente leges,
Quibus frequentes populi beantur.

Te forti-

Tè fortitudo, rebus in arduis
Invicta fulcit, ceu pelagi, rupes
Tumentis iras, atque ridet
Æolios, stabilis, conatus

Actis verendum magnanimis feret
Tè Fama constans-ære perennior.
A solis ortu quâ patescunt
Occiduæ, volitabis, oræ.

Cecini.

Illustrissimæ atque Excellentissimæ D. Eleonoræ Ernestinæ

Dahun, Dahunensi Comitissæ nato, Comitissæ etiam Oeirensi, Marchionissæ que Pombalensi, &c. &c. &c.

In die Natalicio Genethliacon.

O cui cæsarea genus est a sanguine ductum!
O decus, o Dahunæ gloria prima Domus!
Induite festivos, quales decet, induite vultus,
Circumeant lætas aurea serta comas.
Quid quid odoriferos gignit modo Flora per hortos,
Quid quid et in tepido vere renidet opum,
Per felix per limen eant, et flore recenti
Pendeat ex alto nexa corona throno.
Scilicet illa dies hæc est faustissima, quâ te,
Non sibi, sed Lysiis Austria clara dedit.
Illa dies hæc est, quâ te Lucina Parentis
Sustulit e gremio, composuit que sinu.
Illa mihi nuper, Licet in feriorum secundo,
Natalem jussit concelebrare diem.
Illa mihi pro te dare, verba precantia jussit,
Vota que solemni concipienda die.
Optime Natalis, nivea que notande Lapillo,
Huc ades, et votis annue læte meis!
Cinete caput redeas per sæcula longa coronis,
Faustaque lætitiæ signa benigne feras.
Audior: assuetum repetet Natalis honorem,
Et referet festos festus, ut ante, dies.
Ipsa simul rediens Matrem Lucina beabit,
Progeniemque piam, partiipemque tori.
Tuque tua dicentur, Dahunæque insignia gentis,
Conjugis et Laudes, Eleonora! tuæ.
Ipse trophæa canam, partos que ex hoste triumphos,
Quos Patris, et Patrui dextera sæpe tulit.

Spumantem Eridanum Gallorum Sanguine Divum,
Captaque fulminea Turcica Signa manu.
Cumque tot emineas titulis generosa Paternis,
Excedis Longe moribus una genus.
Nata simul tecum est Probitas, Pietasque, Fidesque,
Quidquid et inspirat Religionis amor.
Hinc tua quæ templis genuina modestia fulget,
Hinc pia quos miseris dextera fundit opes.
Ut que tibi Superum cura est, ut cura Tonantis;
Sic etiam cuic grata mutua cura tui est.
Est tibi, sit-que, precor, Cyllenius servatus in annos,
Vir Superum munus, cui decor omnis inest.
Sola inter reliquas per totum Nervidas orbem,
Extitens tanto femina digna Viro.
Sanguine utrinque pares, pares virtutibus ambo,
Sola torum implerес illius, ille tuum.
Hinc nisi justus Hymen tædis socialibus ambos
Jungeret; huic cælebs, et tibi vita foret.
Felix conjugium felicia pignora firmant,
Pignora quæ Patrium nomen in astra ferent.
Vestra per hæc, Lysiis cum vos fata impia regnis
Invideant, quondam fama superstes erit.
Exemplis formata tuis, formata Paternis,
Quæ non virtutum semina corde trahent?
Sic, genitâ morum remanens in imagine, nobis
Sospes in exemplum vivet uterque Parens.
Sic tuus, extendunt quâ se regna omnia nostri
Orbis, in extinctâ Laude feretur honos.
Vivida sic semper cognato in pignore Quercus,
Durando Vincet Sæcula multa Virûm.
Quercus amica Jovi, Superis gratissima Quercus!
Æternum Longo palmite tolle caput!
Exoptata tuos tua protegat umbra clientes,
Adsit et è votis umbra petita meis!

Tu que, perillustri dignissima Conjuge Conjux,
Vive Sibyllinos, & Leonora, dies.
Utere sorte tua, thalamoque potire beato,
Connubii perstet tempus in omne fides.
Dumque per Herrum vestigia trita, tuamque,
Conjugis et famam tollis in astra tui:
Carminibus celebrata meis, tua gloria surget,
Consurgetque viri nomen, honosque tui.

V. C.

Servus obsequentissimus

Claudius Menestrius Castrinus.

ODE

á

Immortal Memoria

do

Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor 162

Marquez de Pombal.

&c. &c. &c.

O' Lusos, não sei, não que impulso estranho
Eu sinto á Patria dos Heróes levar-me!
A mente se arrebata
De furor toda.

Só o Cidadão Ingenuo he digno
De ouvir meu Canto; o Patricio honrado,
Que a Justiça mais préza
Dos Céos nascida.

Que Heróe da arrazada Olysséa os muros
Não ergueo, como do sordido inverno
Florente primavera
Risonha surge?

Dos commũs parricidas raça infame
Extincta, o vacillante Throno applaca;
No Brigantino Braço
Segura o Cétro.

Que Heróe? ah que Heróe! Vimos restaurada
A glória de Minèrva, e Marte: vimos
Dos hostes, e ruinas
A Patria salva;

Os monstros vicios, como ao longe as cobras,
Que o deposto veneno então perdêram,
E de raivozas morrem
Batendo a cauda;

O Patrio Nome ; applaudindo-o a Fama ;
Condecorado o merito ; triunfando
A industria virtuosa
Da inercia torpe ;

O Indo , e o Ganges entrando amigos
No louro Tejo , á memoria trazendo
Os Manuelinos tempos
Sem rude inveja ;

Stringindo as dextras mutuo o Imperio , e o Templo ;
Fundado o Culto Pio ; e assim banida
A ficção para sempre
Dos Lares nossos ;

A virtude sentada a par do Cesar
Só benigna esparzindo as doces graças ;
Hum seculo dourado
Dictando aos Lusos ;

Laureado o mesmo Heróe co'o seu Augusto
Na Regia Praça Equestre ; invicto o Nome
De ambos , em que exultam
Lysia , e Europa .

Mas que maligros astros no-lo escondem
Sinco lustros Solares ! Corre apenas
A memoria saudoza
Por seus Triunfos .

O erubescido semblante, que em pompa
Tantas vezes o vira, trepidando
Mal soffre magoado
Razões sinistras.

A dureza dos homens foi punida
Nas melhores idades: não se atreve
A competir co'o ouro
Turbido ferro.

Sim; DEOS terrivel, que as delicias trouce,
Torna a levallas: sabio não permitte
Contra o bem, que insolente
S'obstine a plebe.

Eu subo, ó Lusos, eu subo ao Olympo
A ver o Heróe Carvalho. Que brilhante
Face! Que odor suave
D'ambrosia deita!

Ah! que mais vejo.. Mas segredo occulto
A vista me reverte; e esta voz ouço:
DA CONSTANTE VIRTUDE
TU FOSTE O EXEMPLO.

Aqui jaz.

Sebastião Joze de Carvalho, e Mello. 164

Marquez de Pombal

Ministro, e Secretario de Estado

De D. Joze Primeiro

Rey de Portugal,

Que reedificou Lisboa

Animou a Agricultura.

Estabeleceo as Manufacturas.

Restaurou as Sciencias.

Estabeleceo as Leys.

Reprimio o Vicio.

Premiou a Virtude.

Restaurou a Hypocrizia.

Restaurou o Fanatismo.

Regulou o Erario Real.

Respeitou a Autoridade Soberana

Cheio de Gloria

Coroado de Louros

Opprimido pella Calumnia

Louvado pellas Nações Estrangeiras.

Como Politico

Sublime em Projectos

Igual a Sully

Naõ sabia, era Morte

Grande na Prosperidade

Superior na Adversidade
Como hum Philosopho.
Como hum Heroe.
Como hum Christão.
Passou para a Eternidade
No anno 83 da sua Edade
E no 27 da sua Administração.

Anno 1827.

Soneto

No mais forte Lugar da torreada
Cidade Eterna estão em alto erguidos
Bellicos Instrumentos suspendidos,
Com que a Gente do Ceo triunfa armada.

Purpureas Setas; flamejante Espada;
Coriscos de mil formas retorcidos;
Tridente, que inche os Mares dormedidos,
Se algum dia o sacode a Mão pezada.

De lá foi que mandado em hum instante
O Anjo de Portugal c'o ferro agudo,
Fendendo os ares se te pôz diante.

Conheço o forte braço, o immenso Escudo.
Não te Salva, Senhor, o Povo amante:
Salva-te aquella Mão, que pode tudo.

Fernando Tavora
da Arcadia

Na solenissima acção de graças q.se no Real Conv.to desta
Joanna se offereceu a Deos, pelo triunfo, e importantes
vidas do nosso Fidel.mo Rey, e seu inomparavel Min.o

Soneto 166

Vive o Grande Rey, e vence a Cidade
Almamente prescrita ao Sceptro Augusto;
Vive o Grande Marquez, o Sabio, o Justo,
O Zelador da Regia Magestade:

Vivem: oh que valor! que heroicidade!
Aquelle sem desgar; este robusto:
Nos temas Portugal, desterra o susto,
Do Ceo excalta a immortal Piedade!

As mãos levanta pois, ao Ceo convida,
As graças lhe consagra, hum Culto novo;
Mostra-te, oh Lusitana, agradecida:

Que eu em nome, oh Deos, do feliz Povo,
Tantas as horas são, que lhe dás Vida,
Quantas as horas são, em que vos louvo.

Autor o P.e Manoel João de Oliveira Chaves
o Compoz em Acção de Graças ao 18 de Out.o de 1772.
apraz não dos Lugares p.a purgar este Trasladado exirgir dar

167

Pro Rege Legislatore,
Marquione, et Rectore
Te Deum Laudamus:

Deo gratias agamus
Clenitudine Lætitiæ
Juris enim, et justitiæ
Te Dominium confitemur.

Indies noviter docemur
Plenum misericordiæ
Esse cunctis rationi
Te æternum Patrem

Nobis datam Sanctam Matrem
Sine labe defendendam
Ab Scientiam completendam
Omnis terra veneratur.

Nunquam fructa vigilatur
Hæc Deo conservata
Hymna dicam: Deformata
Tibi omnes Angeli

Laudantes tibi Archangeli
Omnes Dominationes
Sanctas agant Laudationes
Tibi Cherubim, et Seraphim

Interra filii Gibraim
Manasses habitatores
Propter legum conditores
Incessabili voce proclamant.

Nos os Barbaros formados
Pello Rey Legislador
Seo Marques, nosso Pay
Ati, ô meu D.s, Louvamos

Todos vos gratificamos
Pelos degr.os de alegria
Desta Luz do novo dia
Sois Snr, nos Confessamos.

Certos deliencia estamos
Que Deos decompaixam
Pa todos comtemplam
Sois Cum eterno Padre

Manda o Rey que a vossa Madre
Ser sem mancha defendida
Pa que melhor se aprenda
Toda a terra isto venera.

Não de balde se considera
Por P.al Coimbra guardada
De Hymnos nova taboada
Diga ati seja dos Anjos

Ati todos os Archanjos
Todas as Dominações
Pacas Santas Saudações
Querubins, e Seraphins.

De Estami, e seos Confins
Nossos habitadores
Pellos Reis Legisladores
Sem cessar nos vos proclamão

Quem cum gaudio conclamant
Iam Doctores, quam docentes
Uniformiter dicentes
Sanctus, Sanctus, Sanctus.

Innovetur novus Cantus
Quia creuit Magestatem
Super novam Civitatem
Dominus Deus Sabaoth

Non videbit Paraó
Vias eruditionis
Hic novæ promissionis
Pleni sunt Coeli, et terra

Aller, valles, montes, et Cerra
In campestri loco amæna
Ubi prata omnia plena
Magestatis gloriæ tuæ.

Sancta Sedis Sanctæ Sedis.
Facta nova emigratione
Laudat jubilatione
De Gloriosus Apostolorum
Chorus.

Decens nobis Lex est Torus,
Ubi Crimo perplacebit
Laudans semper permanebit
De Propheterum Laudabilis numerus.

Aqui mesmo tambem clamaó
Novos Mes Doutores
Uniformes nos Louvores
Santo, Santo, Santo.

Cedo Eu poucos p. eu canto
Pois Simaõ a Mag.de
Sobre taõ nova Cid.de
De Sua D.e Sabaoth

Nunca veja Paraó
Esta nova erudiçaõ
Sua nova promissaõ
Ceos, Saõ orbes, Aterra

Monte, valle, oiteiro, e serra
Prado campos da lidade
Ceos citaõ naversade
De Sua grd.e gloria teu

De Santa Sé Igr.a Sua
Louva immova trasladaçaõ
Ali conjubilaçaõ
Dos Apostolos sodoro.

De Sacrario Comdecoro
A D.e muito agradará
Da Profetas Severá
Dencer numero louvavel.

Te Sanctorum Cumerus
Secum portet Sanctum Motum
Propter quod, et propter totum
Et Martirum candidatus
Laudat exercitus.

Porro quando pericitus
Indicis rex veritatis
Patrem Sanctæ pietatis
Et per orbem terrarum
Sancta confitetur Ecclesia

Et Divarum cum Heredia
Jam Salutem imploremus
Dum in Coeli non Cabemus
Patrem imensæ Majestatis

Tanta Sanctæ pietatis
Reformatio juita datur
Pro qua nobis deprecatur
Venerandum tuum
verum, et unicum filium.

Quadraginta millia millium
Angelorum Cajulantium
Patrem filium que laudantium
Sanctum quoque
Paraclitum Spiritum.

Lusitanorum Lucitanum
Concilium astumentes
Omnes semper sunt dicentes
Tu es Rex gloriæ Christe.

Aqui hum Regente amavel
Para grd.e Movimento
Martires d'cento a cento
Em exercito se assitaõ

Conservar tanto perfeitaõ
Deus de seo assentou
Onde aSé comunicou
A Confissaõ da santa Igr.a

P.a que isto omesmo Rey veja
A Saude de imploremos
Emquanto nos Ceos nós temos
Pay de imẽnsa Mag.de

Pella grd.e piedade
Do direito reformado
Tanto Sé seja venerado
Deus fil.o verdadeiro.

Do nosso n.o inteiro
Louvores ao Pay cantaraõ
Do filho igual Louvaraõ
Pas bem ao Espirito Santo

O Senado que ama tanto
A D.s vai nesta junçaõ
Dizendo em seus Cantaçaõ
Tu Rey da gloria ó Christo

Santus vir Laudandus ille
Innovans novum altare
Fit in illo resonare
Per Patris sempiterni es
felicis.

Quid est magis? quid utilius?
Leuemur cogitatione
Si protalis ratione
Vt ad liberandum suscepturi
rus Dominum non corruypti
Virginis uterum.

Post te nemo facit Verum
Date regnum Coeli fide
quibus credunt, namque vide
Tu devicto mortis aculeo
aperuysti credentibus reg
na Coelorum.

Sancta Ecclesia peccatorum
Jam est plena purgatione
Per a Rege, et Marquesione
Judex crederis esse venturus

Louvo ag.ª Jaz tudo cito
Innovar novo altar
Pª nelle seer altar
Pª del Pay sempiterno.

Que é mayj pio. q é mais terno
Move a conciderar ao
Setanta e produzir ao
Se Encarnar ao na Virgem

Nunquem sinderá, e Origem
Para aumentar mais a fé
Como deue: a sim fez
Pera do leon o Reino aber
to.

Santa Igr.ª douto, e esperto
Tem p.ª absolver pecadores
Rey, Marques, Pr.ª letrados
Que Vs. Semem julgados

Sara ser mais sabedor
Do Cam.º da verdade
Pella vossa piedade
Socorrei, pois he gastado

Quantum fecit, tu fecisti
Deus clementiâ, et pietati
Et ut magis faciati
Per singulos dies benedicimus te, et laudamus nomen tuum in sæculum sæculi.

Quanto hé feito tudo obraste
Deos comtanta piedade
Vossa Liberalidade
Cada ves mais alouvamos

Via nobis est Speciosa
Pulchritudo, et justitia
Ut quæ pulchra sit lætitia
Dignare Domine die isto
Sine peccato nos custodire.

Paraque mais nos vejamos
Nocaminho da justiça
Conservai nos sem cobiça
Sem pecado nos guardai

Rogo te preces audire
Salva Regem, et Familiam
Marquisanem, Sociam illam
Miserere nostri Domine
miserere nostri.

Novas preces aceitai
Salva a Regia Descendencia
Do Marques, Sua Dª
Pella vossa compaixaõ.

Certus noster Rector Sutri
Conregnatur pro labore
Cælum, Deo conducore
Fiat misericordia tua
Domine Super nos quem admodum Speravimus
inte.

Do Snr., a salvaçaõ
Tambem dai pello cuidº
Com que rege este Bujado
A Sua emvº esperamos.

Salva cunctos, Salva me
Salva populum Sperantem
Deum propter meum Regnantem
Inte Domine Speravi
non confundar in æternum.

Salva a quantos aqui estamos
Salva ao povo q Eé conteº
Do Meu Rey, a meu Reinante
A Sua Secepera é Sua
Pello vosso grº amor.

Nella Coronazione della Poetessa Corilla fatta in Campidoglio
a' 2. Settembre 1776

170

Sonetto

Apre gli occhj l'Europa, e già riprende
I Dritti suoi la Maestà Regale.
E se si corre innanzi a passo eguale
Roma! mi fan tremar le tue vicende.

Epoca è questa, per chi ben l'intende,
Che in pochi dì l'autorità Papale
Cangia in fuso la spada, e il Pastorale
Aspersorio di Parroco si rende.

E pur, chi 'l crederia! Mentre affannata
Esser Roma dovria fra le tempeste,
Donde si' da vicino è minacciata:

Immersa in cure puerili, e insane,
Fra' ridicole pompe, e inette feste
Consuma il tempo in coronar Puttane.

Illustrissimo
Actor Prestantissimo Domino
Sebastiano Josepho
Carvalho et Mello.
Summo merito
Lusitanensi Marchioni,
Omnium mirabilium Lusitanorum operum Inve-
stigatori Vigilantissimo,
Recto, Dignissimo, Regio, que Meri-
to,
Memorabili Collocatione Regis, Equestris
que Statuæ,

Epigramma

Immensum sibi numeriz Orbem expulsis Metas,
Quiquiez adhuc quam ille proregit, agis:
Post Caspem hoc valida Regnum Se tollis, at ille
Sublatus, quando restituet, Orbis erat.
Sese tuus ipse monstrarat Cognomine Vires,
Carvalhus siquidem ac Robur habetur idem.
Leges sic doctas, Artes quoque grandiz, et ipsa
Lues ab inerti Semigot tibi adempta chaos.
Amphitrioniadæ similis, sed fortior illo,
Anguibus asperiz Stimphalidas, et Hydras.
Pallas adest Tibi recta, et sic Victoria vicinior,
Quid fatis, imprimant utraque magna Dies.
Regem sternando immanibus Belgis manebis,
Illa erit Effigies Curta decora Tibi.
Juvenes ad Pyleos, Fidæ cum Conjuge, vivas,
Qua prestantior est nulla reperta viro.
Fama tuas Prisca celebret Virtutis, et Artis;
Ipsorte sua Laudes premit aduersa Livor.
Nos Læti ut Flacco, verbis concludimus illis,
Et præsidium, et Dulce Decus Lusis
scripsit
Januaria Joaquina Grim ex Animo.

chamarle a punto q̃ le en
tran luego a uiuzar q̃ sol
uins omilde ¡ obediente
mandan q̃ le de la mano
ie ha alegre consuente
aquel q̃ mando o deberse
fue la una a ley q̃ rear
mes de nero q̃ uerda no puede
ia alsin se haga pragmatica
por el buzon de las gentes,
q̃ publicase por el pueblo
q̃ hagan fiestas solemnes
se enfienden luminarias
aia otros conocheces
canha; iustas torneos
aia saraus banquetes
mascaras ie ha amizades
buenas farsas ientremezes,
salen telas ¡ brocados
¡ los dorados iaezes
sobre todo q̃ alpuente
un xastre dos cauuxeses
p.a cortar bonestidos
a los nobios uan ¡ uienen
todos un xastre famozo
de aquestos q̃ nunqua mienten
a meelda a la una
[illegible] ientes ie ha diente

pa yuboy Ropa, isaia
Cetera morada iberde
Ienfeciete al xastre pide
Setaargo, quando boluiere
Dos Reales desaiman
pasos a Sebalo, seite,
unta de gabes siuilhos
alguna mida seruiere
pa ponerse enza cara
por el dizir de las gentes,
uiendo el xastre alutierra
empiesa mui diligente
aprocurar ofiziale,
duizitar moradores
salando lonesesario
pa un cazo mo aqueste
hizeronse Lo uestidor.
iechor al siche sebuelue
Sesibente congran hon sta
q̄ qualquiera homore q̄ tiene
Sasta debueno ensutierra
q̄ se conSiento dos meiese
uiuio la una aprobarse
sus galas nomui a legre
por q̄ tenia a merguante
etamar e basas seruiendo
ban sin [illegible] siesion con su

173

Las Casas Cortes
Gerez

ve a ninha de dos meses
con estides desumadre
iaun mas sem[ejan]s que nenios pueden
mui engoiade la una
de los mixeuos parientes
penoz e exasbe econfuzo
le mandan q los enmende
q los achigbe Vorge
el desnenurado viene
admirado de ssi meso
ien los vestidos semete
como entierra de enemigos
cuerta todo quanto puede
i huria mas de la mitad
por el dizir de las gentes
admirase el pobre xorge
eimagina como pueden
venirle aquellos vestidos
q de viejo suzia pareser
iaz a fuersas de flaqueza
i confudose de muerte
giere ir a dar sy desculpa
iaun hai ssi lo no gieren
antes con uzes iegs dueno
le dizen q esun leue
un baro de vn ignorante
nesio simples inpertinente

prizose el sol, jas epuzo.
como sejo no le viese
quien hizo q̃ se puziese
que a hizo a interese
quien hombre. Lo es uzjo
Guna belha deconde tias
zias apenere tambien
Juego ia noa sumbraras
nbra q̃ entr esta mibren
quica notcuc ce mas,
pero si ia dez espero
as momento nes ta pasoja. astoar el ab magers
q es iuzto q busque el alma
Jues phera es entro primero
iesa liu no esperaras
sin despedir te emas
Repena alma es fuerte bueb
q bien pero ai daqui a siello
quica noteue emas.
oigan, oigan, o se an pueb
o lomen higos pasados, Casansias de mi cuidados
pues io os q uitare deai prezto
i pues des chada estas
buelue sobre ti ja dolente
Dus coraz hasta ja amuerte
quica notenere mas

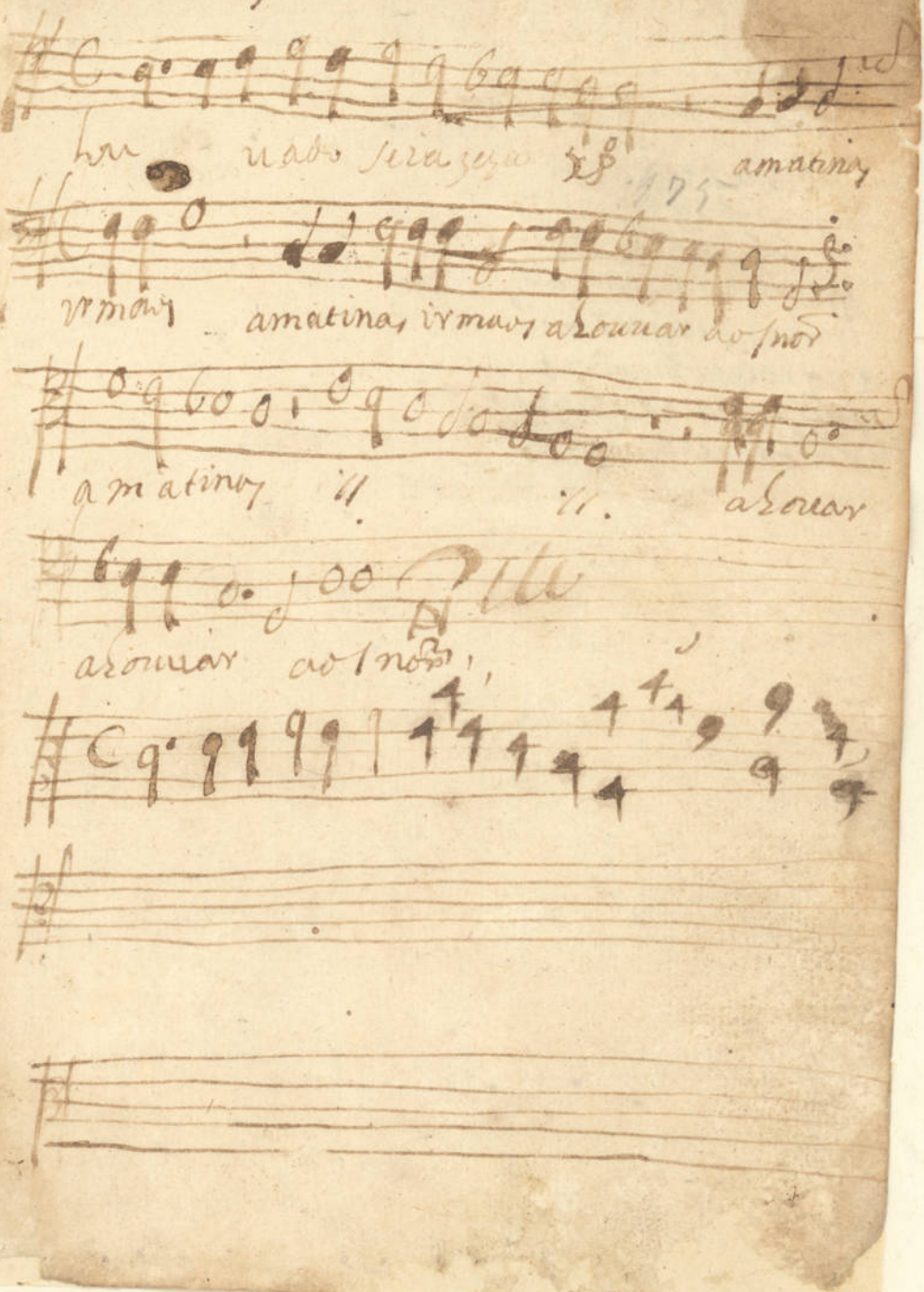
174

a las puertas de su esposa
Chama xpo por mi amor
un cleyo enamorado
no tiene un poco de siego,
ni de noches a su sombra
pasa sin sentir el tiempo
q el fuego de un pecho amor
no siente el rigor del tiempo,

un dia fras sale una noche
a q gane en el sitio
de su dueño enamorado
q de noche ala para se muere,
ihu se ha vestido de blanco
a legre dias de fiesta
q no cesa de la fuerza
muestra de agradecimiento
pero no se q se ha dado
q en nuestro un mal es puesto
pide q le deis favor
a grandes voces diziendo

Ay mamia porq no me nacistes
q me matan a mis amores

pena buena tengo q amores
q a los hombres

quando a mi amor
como de a
tengo a comer
de mi hablarte
de amor te hablo
a hize a mi amor
q no se en rigor
nos se mi amor rigor
no a de ser
Ay mamia

amatina,
vrmaw
amatina, vrmaw azouuar do/nor
amatina, ii ii azouuar
azouuar do/nor,

1. Linda zagaleja
Gloria femenida
Regozijo ynorda
del Lugar q habeas,

no ene persona
q Luego no diga
q es bella y hermosa
en estremo Linda,
semiro alugracia
engracia semiro
alugracia muero
sin gracia bibo

Romance

fol. 23 4ª
Otro semejante.

A los toros de Zarça
fiesta a fin de desgraçia
sale zahermoza Belilla
a caballo de su cabaña

Fatiste deuer a Xerez
a regreillo una carta
q̃ siendo uerde boluio
en seruicios esperanças

Por q̃ su amado ingrato
era se uerde por gala
mas por q̃ sabio nel baile
ener cuello de rizarda

Las pastoras q̃ dizen
q̃ si bien la ha cacarla
las manos pone en el pecho
y de ver su asaparta

Q̃ tienes Ledizo menga
Belilla q̃ dio q̃ālga
Buenos ojos sin color
q̃ es de ver q̃ ne tan breua

Si amor anduvo en el cor
con la flecha en la aljava
abra tomado por dicha
de tus desdenes venganca

Si la rosa de perlas
y de color de grana se alegraban
por mirando a sus dientes
no son iguales ni blancas

Persuadido de la lisa
y por el alma de essa
se dezir lo siente
con pio contesta para ello

pero mi se hizieron para
para mi q. la tenga por buena

Fin

Letra

Bolbiçoza corre el agua
deste aplazible Rriuelo
Rriendose con el abril
murmurando entre

¡Los muzicos parabilos
con aprendidos Regiebos
Resiben la blanca aurora
q.e la madruga por ver los

Alegre se muestra el prado
de varias flores compuesto
matizando sus tapetes
verdes iazules y Romeros

todos Riza todo es gozo
solo yo triste no puedo
alhar en mi mal descanso
en mis desdichas Remedio

Ay amarilis de el alma
para dezirte mi pecho
Rumpa mi amor tenpestad
las cadenas de silencio

mas como podre atrever me
siguando a brazo de zeis
tus oios vierten de sde ne
i tus rizos menos presos

Sin duda ocupas el alma
~~siguando a brazo de zeis~~
el lugar mejor en pos
con demenuer mis glorias
ia Cresienta mos mis cabos

Yesto cantava Lizardo
quando por el prado ameno
viendo q viene amarilis
boluio a cantar estos versos

Amarilis adoro
si mi nero calhando
q mas q ciero Samuerte
q un desengano

Aquel niño q̃ en mi cama duerme
madre, no le despertey
q̃ aunq̃ pequeño tiene
sin armas puede vencerme 178

Pensamientos me traen loca
de vn amor y cuidado
ya gora q̃ está callado
dexa de dormir vn poco
q̃ con el pensar perderme
q̃ quando mas se sigue se
q̃ aunq̃ pequeño
q̃ quiere madre q̃ haga
si no quererle muy bien
que me quiere a mi tambien
ya amor con amor se paga
con esperanza entre tenerme
madre no, es para
q̃ aunq̃ pequeño tiene

Fin

persoa q̃ fes D. fr. v degueuedo
pa entrar hua sua irmãa freira

Dom fr. v degueuedo hiio desnobre
padre ostv delas agenas honbre de bien
inosido pa mal hiio dalgo snor de nada,
confiado de la pobreza, hermano de la
desdicha honbre dado al mundo prestado
al diablo ienlogenado a la sazone
patenido á sienla corte como fuera delos
mui grandes cargos de consiensia, negro
de cabello, de ventura falto de pies de
dicha, desiende de la casa de lorgueuedo
por lo qual es de la raza de sozar calças
rasgadas de chiis de uenes de uos, ancho de frente
de consiensia negro de cabello de ventura
falto de pies de dicha fuido de casa de
uergueusa limpio de sangre de boca
sobervana cara onbre este tiene mu
creendo te al diablo ie muger y tiene
mucha uergueusa de ser snor mesmo
sopena a Dios snor madre Camela en ese
Cosena de donzelha en corsena atent
diere traer su uirgindade en senisa

hallé topiendo vn oso
vna hermoza Rapoza
metida en vn monteçino
como papagaio en viuaro.
Llenos vnos otros negros
de Rauia que de agua
Rabiosos mila y roza
Rehilo en hilo de lana
vn a Rabo y otro pecho
vnos en los otros pata
Topiendo a voz en grito
los Perros y Gaseros
Rauia en pedir el Rigor
con su madero en mano
en Requisiendo con ellos
el Robezino en gesto
dixele soy de mi vida
que es de tu chanto Galan
tu ale algo mi vida
Tienes q̃ Remedearla
Vozino de graue y Rugoso
ia gunta con barba
medixo presteme oydo
Contarte mis desgracias

Yo soy noble Rica hembra
Que me alegre en vida
Gozando de mi ninez
y vnido todo mi alma
quisome bien adorebe
el don mi dio Galeana
y en pecho gama ies noble
amor con amor se paga.
pensé gozar de mi Cielo
gozar je el suio pensaua
pero hizimos Gaçuela
sin Ia huespeda de Caça.
aqui Re bezando Cibo
Stuue gien ueçeada
en vn ida fenno sueglorio
ziento mento sue esperança
viuen o mueren comigo
dies monjas dezes poradas
y a ser yo sola estuuiera
Rabia muerte cente Rada
fuemos a Rabuscar
iuntas historias pasadas
que prezzentes y de ranguelo
pasadas son pezadas
Yo iotra enmiçamos y juntos
hazemos Ia emçamizada
pero no damos Cabero
por q̃ cabalhos nos falcan

mudamos y mucha vez es
iauno hazemos mil pucarfo
como ser sin cascabeles
ni alegran ni suenen nada

Corremos todos en seco
pero no damos lançada
ni mesemos en la guerra
ni aun un palmo de lança

Con una vela abibamos
muchas eguas y alanceadas
pero como vela enziende
y frego y arde con la agua

Y alitese alguna vez
y son menester engaños
pa sacar los pabilos
y porno quitar las ilalas

Seimos agua de un pozo
que es imposible sacarla
pero son los pozos ondos
y han menester sogas largas

Y como aguas tan cortas
ni satisfazen ni hartan
a agua en boca gran bocado
y agran prueba gran entrada

dizen q los gsguentan
pan pobre de ziprenhado
cosa cierta dizen
q nunca mas sabe a

Deberia ir bien cerca
q pocas vi ninguno tan
q no paria dormir
de la noche a la mañ

Jo bien cara si pudiera
mis recusasion y gracia
porq me llamara
sabelha madre cuidado

Estas santidades monjil
o por dizir bien moiadas
mas no con agua de gusto
sino sabor a amargura

Dios fize nos estas cuchilladas
con aires sospiros y ansias
aquel sera fin para siempre
y gloriosa figura

Olhos cuias ninnas belhas
es maltan mil atlebolles
muertos soij pas Jersalej
polos pas ser estrelhas

nolos sol aurreabrasairs
a lo por uerolse oreun bra
el sol todo elmundo alumbra
suios olhos Jesegaij

ni estrelhas auno Jereno
los mostraijentanta copia
e enugs olhos alus propia
tienlas estrelhas ajena

nospij Jeunas amiuer
e hermosu-tansinpar
pijensi puede mengua r
nidentro puede Creser

nosoij pobres donde estaij
nisiuos donde io os canto
Jrobresmo pues podeijanto
Riquos no poij nolais

nosoij muerte Riguroja
piuida quando alcagaij
vida noporq matoij
muerte nopor Daijuida

180

Vos sois fuego pros conbiene
el nonbre q̃ener bos sois
pues con ellas mas no atargais
el mismo lugar q̃ ostiene

vos sois agua dios traidores
que me robais el sosiego
pues nunqua apagais mi fuego
sisempre en sonde jardores

vos sois lados Lelos Raxos
ni infierno desconsuelos
que sois chicos pa sielos
ep̃a infierno mui ẽbaxos

y aun̄ angeles pareis
nonbres sois tales nonbres
q̃ el nonbre guardan a los nonbres
vinos otras los perdeis

vos sois diablos aun̄ ardais
dando pena a aq̃l q̃ os vieron
que el nonbre de sielo cayeron
vos ojos ener estais

vos sois diozes aun̄ os deben
adoracion mil dichozos
sor q̃ enmada sois piadozos
stos fuegos os merecen

Mas en Gayeros demodo
naturaleza de hu esfuerço
que no sente nada desso
parese q̃ lo sofrio todo fini

Soneto a una sangria de ti

Mas amorosa agien amor seria
Q̃ ar el arco eras flechas de su fuego
porq̃ como era ninpia sin Ciego
mas de ser tu mirior soy el noveria
Si siendo has sido a fuer de tu sangria
para poner a tu crueldad sosiego
cojiendo sumiragro con mi fuego
poder corales entre nieves fria
Viente esa fuente de Rubines puros
ó fona de Cristal con blanda herida
pero como podran ar hierro inpio
mistierno ojos asistir a dulces
pues viendome a costa de mi vida
la sangre estuviera dolores mios

fini

Dehuyade en Turia sela apozentar en
una dama de Castaina Cuando se fue
dexo a ella su viga Soneto

Sonetu

Jehaxon una dama enmia pozena
y pense uiue dios q̃ ranfaua
perfumeia cus pias cona rose
ifdime yo eun pejar conetu sientu
Vo riu beahj ãgeij dias muj contentu
auer las cozgaduras de cu rose
ia elhe como aqui dire senhore
ipodeio engien creiu q̃ no mientu
q̃ eu u rio sin cutas ni pescadu
dos bunhuelos tamen u dos cortilhos
cubiertos con sniza uedq capa
q̃ de uelhs atonitu ifarmadu
y iuge por aq̃llas maraujlhos
no ser dama de stei sino de spada

outro

Cagaba un estudiante descuidadu
Ten aquesta postura se cogieron
Cierdas damas q̃ a cozo se subieron
agozar caso dama deun terradu
Despue de auer un rato conteplado
2 con grande ap̃ausu iSuiza se dixeron
el segundo espectaculo q̃ uieron

Q grandes males tiene el ensiada
el q lo ojo qual vix. Lade sanecra
ia sando la camisa abpunto cala
el miembro genitali las uaino/as 182
y dixo las poniendo/e aprimera
p uias pera lauaros esta estagua
bien seran menester tan grandes mo/as

Sutra q fo/era de dominilos
quando se leen de comesao

Santissimos tapaeros cerxibanos
uerdugos cacaios yesclaeros
sabios mulatos cretos sapateros
religiosos carneles ihuelanos
diuinos xastres doctores soberanos
moros demulas negros pasteleros
bendidos congregados carniceros
albeitares pastores sangrianos
alarmas arma gente uerdedera
dela yglesia columnas ymaestros
no aqui cayoia cerenguntanto
difinido blasfema de dios agora
yerseg.o la religion q tanto
ha perseguido a los n hagguaestos
q el pastor padero sabe tanto
y atado tiene el pie Ro negro ioblanco

Soneto

Simil al mas cubiera de entregaros
vuestras fueran de viuda prenda mia
y todo el oro q. el Arabia cria
tener quisiera para daros
argor quisiera ser para mirados
orfeo pa. daros alegria
Sol, para alumbraros noche y dia
ambar viento pa. regalaros
Abil quisiera ser para vestiros
amor quisiera ser pa. quereros
yedra quisiera ser pa. serviros
muralla para solo defenderos
Senhor quisiera para serviros
y Rey para solo mereserviros

outro

Viento se encomienda al mar se entrega
Con viua un aspid abrandar procura
Con tiernos Ruegos una penha dura
alas Rocas del mar donde navega

Fide seguridad a la fe griega
Consejo al lovia[l] enfermo cura
verdad al juego sol en noche obscura
i fruta al arbol donde el gos no llega
Fuego de los reyes pide al sigo
destruido i solo al falteador fe atreva
siguor precioso de las piedras sala
fuego busca en el mar agua en el fuego
en lidia flor en ythio[pia] nieve
gien sobre su esperanza en mugeres

Canson

en una praia amena
a gien de leuria perlas ofrecia
de su menuda arena
i el mar despanhado Cristal cobria
Belchiza estaua a las
llorando al son de la agua i de las olas

fiero i cruel espoy
los oios echo[n] fuente y Regelia
i el mar con denodado
a tierra por las Cayxmas salia
ia alegre de coger las
las guarda en la cocha y Cloxuete onfale

Traidor q̃ estas agora
con tu traçon ia la muerte dexas
al alma q̃ te adora
y das a tu viento lagrimas iguexas
si por aqui bolviere
veras q̃ soi el exemplo de mugere

Que es tan mar tu riqueza
que hallare dentro fuego dentro lagrima
o fresiendo animoza
de agua el cuerpo al tiempo q̃ es esperanza
que en tu tendra sosiego
o tu error q̃ entre olas agua tanto fuego

Ay tigre si estubieras
en este pecho donde estar solias
muriendo yo muriera
mas prendas tengo en las entrañas mias
en que vengo q̃ mato
a falta de tu vida tus retratos

y ase alloraba quando
salio un delfin con un rramo de fuerte
y elha en vuelte en planda
boluio cae spada al Nostro ia la muerte
diziendo si es tan fea
yo biba y muera ejen mi mal dezia

Fin

Quien escrebir el chanto no medexa
de vuelbo allorar ni de escrito tanto
buelbo a tomar cap cuma buelue el chan
todo me cop ide el bien todo me aflexa
si el chanto duxa el alma se me aguexa
si le escrebir mi ojos y si en tanto
por muerte oportun se iome chuanto
de entranbos cae speranse se me flexa

Ve blanco ija sin papel y ajen pensa
el sientro de este fecho es me ersiendo
Ced j C si entanto bien pide ryuerte c
q hoga de mis cagrimes caletra
spiro ia q no los siente bien entienda
q quanto escribo ilhoro todo omuexa

Fin

Soneto

Sonhaua yo que os hablaba
entre mis Braços con dulce prenda
y que gozando al gusto amor la fuerça
toma de la yedra a olmo os enlaçaba
yo al ometia yo me retiraua
y fuego de amor en la contienda
seguia al gusto por angosta senda
y entre dulces fatigas descansaua
despierto el sueño con un mortal enojo
y haziendo de mis gustos grande alarde
huis me el rostro robando mi desgusto
quiso cogerle pero no lo apruebo
de entre las prendas de mi gusto
impresas en las faldas de la camisa

Fin

Gallarilla del Rio estaua vn dia
a gena de cuidado sieruo nor vego
por mirarse quinsiera dezir a
viendose sola alli sin compañia
abrio las faldas que uerse le impedia
y gagada de ver tan Rica Coza
con uos suabe blanda ia mor oza
que o dentro del alma le dezia
Diro: poruos soi io dexados Requebros
poruos medan gorgera y garganchilla
Cuello nueuo, y manteo p.a el frio
vn beso quiero daros ia dexada
como estaua la mengua de gallarilla
tropeso de cabeza dio con el Rio

Otro de Gallarilla Respeto

Que hazeis Gallarilla mirome a despeio
por gr desnuda por mejor mirarme
pues por gno os gorais? Rocalho a pauor
que os falta? uno q, leo enamoricis
Gallarilla hazer? Sabra forçarme
Gallarilla mui poco

~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~

[illegible] como os forçara, e abralarme
sin esperar licensia, e conseiu
nos resistirei? mui poca cozª
q̃ tanto? pow mas q̃ haq̃ [illegible]
iel me sabera venser si es amigado
isios dexa por nero Rigurosa e
ae se tabenoxe iu por enemigue
por floxu, sapis iuil, enamorado

Diz fulano [illegible] nome Senado e
Cõue gorguanz nas mandou

O Gran.ᵈᵉ de masedo mandou
pidir a Lugar do Senado

O Gran.ᵈᵉ dema setu
mandou pedir

V. Banha el cansado Rostro Laurel
en el soberbio marchol triste
y en vna grabe, y dura
Abrido prado, y bordo cielo hermoso
y por gemir enojos
trocara en lengua sus dorados ojos

V. Descubriran obscuro temerosos
Jon carcel de sus mismas enojadas
Cañas cerradas
entre sus verdes bracos ylorosas
niegan subiendo hasta
por no darle a la noche enbidia en vidrios

V. Los Laureles que alados Reguebraron
con amoroza vos clara y fuerte
preistan lenguas al suelo
y en ellas lloran los q amor cantaban
y. por sus duenhs ausente
Chanta es clariza Bella hermoza fuente

m

Cabellanca aurora con cabellanca mano
abre las rexas puestas del oriente
ofuese fixme ausente
las lagrimas llorosas verde el llano
que el medio, elo, al verter las
viente es mezcladas las guardo por fée
de rosa alegre el plazentero gusto
la dable nos de Rui Inés Spinedo
la mesa enclinado
al viento el manto de la noche in[illegible]
ifixme en su congoxa
ria en rrojes aue ia en co[illegible]
y cassyterys que sie benanche prad
pasa sin sol el gusto ia alegria
con resibe Gloria
el cuerpo de sus rraios coronado
mi pecho, ofelia siente
ente prezencia viua muerte
ausente

Soneto 187 17

Senhora minha mayor gosto, e formoza
Do meus cansados olhos clara vista
Riqueza encuberta, louvor sobejo, e pouca
enquanto o queixa aparta, figurosa
Primeira flexa, com que a poderosa
Mão de Deos menino me conquista
entendimto, q apoderou da vista
à vontade deixa mayor tristeza

Disto sou eu só, q sou minha ventura
Desenganos sabes, e nesse meu peito
posto q, em meu favor foi vinda a cura
Porte dou me da luz serena, e pura
por tempo limitado em tudo efeito
mas, ah, que acouza boa entido sera
xara

Soneto

Oitava a conde sa de mira
Sobre o Soneto

Falardes enbiuda ylustre cara
Segundo os q̄ de sa caza sabem mais
he por q̄ os galantes da clara
os Reportas uos den daggora
Lo ki mar goo a linda cara
ia q̄ tudo assim lisenciais
Lobri q̄ de geram ser louada
pdhe por limpo ser mais especiada

Y. gexarca
Y. hermoza fenix deste Suelo
archivo Deidad dorado habita
miglorria mi descanso mi consuelo
templo Cirzol Diuina margarita
angel cubierto con humano velo
sol. q̄ eun al mismo sol Sueficito quita
mi alma medixe a boces q̄ declare
q̄ me Hallo de demin seor olvidare

Y. Dixe alsa cumbre q̄ de todo el mundo
q̄ viere llegar aun ninguno oza
norte q̄ mi corazon este mar profundo
Cielo q̄ el alma conquiere Reposa
nacina q̄ en mi alma y me confundo
antorcha q̄ guia aun sol mi alma y gloria
perla q̄ enriquesis alq̄ al altare
olvidome de mi seor holvidare

Y. Mostrose el cielo entodo mi enemigo
mi egen me los campos el tributo
de mi camuerte por mayor castigo
del fuerte Rio un cocodrillo astuto

con veneno me engañe el mo amigu
isto ami noden las plantas frutu
todo el mundo me olvide de zempare
volvideme demi sior olvidare

V sinuor ai bien de lanuvi contenta
sinuor ai gloria gustu ialegria
sinuor ai confuzion pena itormentu
sinuor nuelre lanoche enclaudia
sinuor se enluta elaltu firmamentu
iel planeta maior q, el ouscuria
ipriv el mundo es iustu sinuor separe
olvideme demi sior olvidare

V Dime el castigu de zion la sueda
iel hiere fiera del hostil feticio
al debu fiziy mitormento ezecda
que hizo primero de hombre sacrificio
oya q inte bien nome sucesda
q fue q de dis dicha el mazior officio
puria demi el sustentu q, Resare
volvideme demi sior olvidare

Bistese el campo de flores
Lagrima nera fertil
Dexata el curso alos Rios
Demaxienes a las fuentes

Los ojos agier el oro
Cubrio de su propria niere
Bordada de perlas rubis
Coronado de laureles

Riendose estan los campos
Canta el pajarillo alegre
Sus quexas enamorado
Clarinos y desdenes

Vamitiste me ofenden
Las claras aguas
Y los campos verdes

Y ternos tus lagrimas
Arias y demis plazeres
Nuebe que en cubien el sol
Y amis ojos amanecer

189.

O tinieblas venturosas
de essa silencio duermen
los oios de aquella ingrata
mas bella q el sol de oriente

Si estas despierta ime cseñora
Iulia hermosa no desprecies
Con tristes y tristes quexas
de quien desprecias siempre

Condenome tu inclemencia
a muerte por atreuerme
a querer subir tan alto
que quiso amor q caiese

no apelo por ser tu sentencia
de mi sentencia ines
porq en la aldrecia de amor
son mejor los q mas pueden

quedate condios señora
p[ar]a q[ue] no pens[e] q[ue] me
meta q[ue] mes licencio
y p[or] la calle passe

Fin

Dom[ingo] fra[y] [illegible] de [illegible]

Comendador [illegible] mand[o]
a [illegible]

Sobre la arena estendido
Con Redes para ser ingrato
En la playa de su mal
De los pescadores de pena

Fugitivo bien y choro
De una esperanza ya muerta
Que el rigor mal de los males
Es el q. por bien tiene

De la trenza del pecho
Que por los ojos se bebia
Teje la espuma en los ojos
Y sigue la al Sol de hoy

Gien dulces fines
De amor es presa
En el mar labra
En el aire sombra

Siete anhos serui una ingrata
i Siete mil casi viniera
Sienajena posesion
mi esperanza noviera

Elha dacuya asus pasos
iosiempre Caeulys aelha
Y amor q. Repara en miedo
Inoos Ciega q. por al se Ciega

Che bos ela un pescador
uenido Deotra Ribera
que bos premio Destos iustos
Y cien menos pensa Cor Cheba

Quien dulces fines
Deamor espera
en el mar Cabe
en el aire se[illegible]

finis Laus Deo

Soneto a don Juan de Ecce

Dicho aquel q̃ en un comprado, 192 prado
Cauda solitaria pura a pura
Viene tres meses mi verdura dura
Sino q̃ tenga iamas parado hado

Puesta en los golfos de esterrado y Rado
Mi enla Sirdo con or preciuro iura
Que ni de la Sirul lo Cura Cura
Si Ceder suela Supresiado Estado

En la Soledad q̃ le entre tiene tiene
Para brazon su disfrasado alcada
Fama en sus pigor ierros y Rebanhoban q̃
Que lomo aber q̃ le conuiene viene

Posa felices sin engan hor nahor

Don Francisco de Vasconcellos

Si culpa el conseber nacer tormento
otro
genera el bibir Camuerte fin humano
Despues de hombre tierra uil gusano
Despues de gusano polbo uiento
Si biento nada uiado el pensamento
Flor Caher mozuco i la ambicion biano
Cosa ma gloria pensamento uano
uiano enquanto pensa el pensamento
quien anda nesesar p aneganse?
Deque sirue enquimeco loxumirse
ni pensar otra cosa q salvarse
Deque sirue esforcarse i profesirse
buena memoria abiendo de olbidarse
y edificar abiendo de poraise.

Luis

Jai verdades que enamores
siempre fuiste desdichadas
Quien exemplo son las mias
pues con mentiras se pagan

Quando dale con eso anton
fu beldad fili ingrata
que de quexas vsentu boca
que de perlas entuara

Quantas vezes te dixe
q[ue] cando a mi puerta llamauas
entuan llorar a la puerta
quien no ha llamado en el alma

Pues pastores te deyan
no esta fabio en la cabana
y estaua diziendo yo
p[ar]a q[ue] busca quien canta

Acuerdome q[ue] vna noche
te dixyte con mi lanza
Dexate fabio que es
burla y no te [illegible] na dia

podiguo yo q̄ me quexe
q̄ como amor es alma
ninguna muger desseta
que se siguiese forcada

en el umbral de su puerta
perdi mor hasta el alua
fue porque a mi dentrar
io por no entrar entre ella

Costigen fabia los elos
diste de zes perzada
el fuego con q̄ me queman
el cielo con q̄ me atrayas

Confiaste hermoza filis
todo el confiar vale cansa
que el q̄ piensa q̄ no quiere
el ser que ido buelta

en el trato mas leue
nadie tenga confiansa
que se pasa sin sentir
ise siente quando pasa

tanto te vine a querer
que iuntos no ercos diauan
la luna al baxar la noche
i el sol al salir de la lua.

Los prados, montes y selua
de uerno no se enfadauan
uerdes flores enprendian
las riberas enamoradas

pra baxando en este tiempo
de las elada montanha
Silbio tuan tiguo pastor
tuxo de alha tu mudanza

No perdiste ocasion
pues quando io te adoraba
de mis pasadas desdenes
que agora tomar uengança.
Silis io muero por ti
si lo sientes y deues pensar
Cobdias en tus ojos tyene
las noches en mis uentanas

no Chama por imagin
que as de Responder causa
en baxo Chama a la puerta
gien nra Chamado en Calma

Si fiziu que note gieru
es intension de quienama
que quando se Retemixo
hage espeu declara

Note encarezlu mi pena
por no dar gloria alas ariscos
basta que iu las padesca
sin q̃ tatome yxelgancia

pro qieres mas deq ueson
mis locuras damortaytes
que uengia poner Cabeca
Donde tu pones los plantes

prendes q̃ medolen sus
ideque io me enfado
agora bes beyo i pongo
sobre los ojos ielalma

mal contado q̄ digw
no quiero ablarte palabra
que en ser q̄ se obligan
Cas amistades se acaban

Fin̄s de los presidio
de Sra ama

Pregonera

Pregonada la hermoza filis
de sus perdones de sabio
a ber lebaxa a la boca
en forma de sus engaños

a Reies y de los pastores
baxa de su monte alprado
q̄ como sea que ximo
da a entender que la sollaron

Si mismo que dezia
pierna que la ezisten negando
que sirbe alguno los prezios
amor conforme a los años

Desdichado de quien llega
a tiempo q̃ cansada ya
q̃ le matan los remedios
llegue quando q̃dan sanos

196

Fuyria fabio rendido
ha de saber si quien hu ingrato
alegre porq̃s amor
en las venganças milhano

Prova singalos auerle
auia prisa a escusar
q̃ tal maior hermosura
podera en ley a deuidos

Cheua de gal̃ minha verde
faia a saia le picado
compasam amor de plata
sinelha pone cõ mano

no lhe ha q̃ le culhos faço
q̃ fabio le ouuese dado
grad̃ no entender
memoria dos assi[illegible]

heba saia q el no ha bisto
no porq̃ ella hecho agrabio
mas porq̃ y nauyonda entienda
que no esta seguro el campo

Y con una sinta de rizas
heba el cabello apretado
que quien gusta dedar sielos
Sentale de mil engan hos

Y de lebusino les ir nen
para maior dezenfado
el capote de sus ojos
Cor bado de negros Rei os

Y hegue filijala dega
ziento en la caza de fabio
Cos pastores Cas le siben y
como al sol los montes altos

Y Yando por las con la vista
estiende a ver los dos
q̄ gana Rey y Reyno
Yda por las de Zaragoza

Y quando q̄ esta suspension
los dos se encuentran mirando
a un tiempo buscan los ojos
como q̄ se miran de falso

Y no se hablan hasta tanto
q̄ aun q̄ los ojos se hablaron
filis porq̄ no quiere
fabio porq̄ quiere tanto

Y a fabio culpa q̄ pone
q̄ el hector hazer amando
con la lengua valentias
si el alma potencia manos

el Fedestulpa. ilespon de
que estando Serqual los bra tos
pide perdon. ofendido
quien ama. dezen gan hado.

4/2/3

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 0

Mas ay herida q̃ costoros
tengo de curar los yagas
menos graue ymas herida
mayor pierda menos tengada
y que vntos tales sotenga
De quien ofende en la pelea
mas si no puedo vengarme
de quien dolor me mata

V. Tanto mas pida a veng
quanto pica mengua hermana
que cos celos longas horas
que celos pican celos matan

Y Cas suertes q̃ hazen en mi
son maiores q̃ quanto cansan
mas q̃ en la casa de Epueblo
diente del Cielo de la alma

entro en la plaça con su quadrilla
salio con mayores galas
que el Sol quando mas hermoso sale
los Rayos campos de la luna

y sin reparar en nada
con ajustado talle para
a la vista de mis ojos
salio hoy de brizada luna

y apicando aun mismo tiempo
a los toros consu lanza
ami con sus demasias
ia la vuelta con su gracia

y a las de su gentileza
hizo suertes tan galanas
que de todos fue el blanco
los ojos, vida, y alabanças

por e diuina amarilis
mios porser capo ftierra
al cansare con la muerte
cog alauida seniega

Y como el Sisne quando muere
quiero cantar mis exequias
que muriendo por tu amor
bien es que cantando muera

Y Si fuersas a tus hamores
mellera secreta fuersa
que como cramor es fuego
biene a parar en lus ojos

Y Detinario mis esperanca
cuelue amor bien tu misma
que partiendose de tus ojos
muere adonde se engendra

uengo a banhar en mi sangre
Y Cas artes de cubelheza
por confesar que eres fiera
Sacrificandome enclinas

V Sinquexas para i conansias
el alma q̃ tu despresias
Sinquexas pois o fingeste
conansias porq̃ te dexa

Vestes ultimos sospiros
Resibe alha porq̃ sean
fiadores de mi esperança
testigos de mis penas

Y esta cantara diziendo
de amarilles a las puertas
Amor que oiendole estaua
ansi le anima i consuela

Bien a cabado quien ama siempre
muere que hace amando cauida
Dulce a la muerte fin

Soneto a la infanta D. Juana de Austria

200

Judith Abethulia libro undecimo famoza
de la opresion que el gran padezia
del capitan que en pos la tenia
cabeza torto como animoza

Vos p.a inglaterra nentiroza
nuebo judit selhisima maria
cortad cabeza cortad a la heregia
que dando p.a siempre nentiroza

el soberano Rey de siello tierra
gozar os dexe el matrimonio sto
puerta conquista selebre victoria

de espanha para la inglaterra
tropheos a la amor a mundo espan
glestv a la tierra ia los cielos

Gloria

Si mal encargada a su sueño
vivir los días mios
a verdad q. he velado a
durate las horas el hombre

y a tus puertas animoso
no ja bus car el Remedio los peligros
im mortales son mis penas
pues teniendo tantos bivo

y amenasanme tus ojos
pomos de oro los mios
vencidos hoy tengo
tan hermosos enemigos

Y tus humbrales acompaño
de mi voluntad cautiva
infeliz que tu los hizo
los respetos i los engaños

cansada vida merezco
q. quando clemencia vivo
con no poder estar quien pido
pues que sin merecer vivo fuj

Mil vezes es este mi memoria
en todo ser quia no os quiero
como se es hubiera en mi
el deseo o el tenero

V bien cantos he quemado
de engañado pecho
Con muerte de la esperanza
y la vida de todo ser

V mas siente las confusiones
de un cobarde atrevimiento
temo aventurar cuida
ya en tiro ser temo

V stoi celosa de mi alma
en cuia memoria tengo
vivas las dichozas penas
que fueron gloria en un tiempo

quanto debo a la fuerte
y quanto a mi misma le debo
fuy al bien mayor consagro
Capitan cong[illegible]
[illegible]

Ydemi tormento gustas
que gusto como el tormento
que de tan divina causa
quiera ser contrario efecto

Y Acompañadme memorias
que aunq la paciencia pierda
el tirano amor me obliga
a que niega aquien bey Nobleza

Piedad a quelos negros
piedad que si an hecho
matar mirando
por mirarlos mueren

De los muros de su patria
el triste Albanio se ausenta
la vista Cupadora
buelue i rebuelue por ella
alexase por el poco
i cada vez que se aleja
de a mayor pena el alma
i cada vez que se aleja
una memoria que lleua
de la bella que adora
junta mente se le pone
porque es el mayor peligro
pena el amor el ausencia
y miraba los campos verdes
i con embidia se queja
de ver los con esperanza
quando el camino sin ella

mira un monte que descubre
mui gran parte de la bega
adonde iban i bonde
cia que probaban sus fuerças

tambiem mira un alboroço
que por el campo se altera
dando en sus bozes dezia
el alma i labos suspensa

A Boios que murmurando
bais entre a Gosfar i perlas
si bieres ami pastora
dile que muero por ella

Cancion 203 38

Vilarsilo

Este mi caracol de oro
tiene cuernos como toro

Y es por esto mi burlon
a prazio de iamoroso
aunq̃ suele ser furioso
si cuida la tentacion
es sin hazer la condicion
porq̃ solo a ninhas ama
y la q̃ mejor le mama
esa le trae de sutezon
este mi caracol &c

Y aprender es inclinado
este paiaro q̃ dicho
aunq̃ es mucho mas amigo
de cruir siempre en iaula
quando esta mas apretado
Vilaiaula semenca
tanto en ella se recrea
que de gusto forma choro
&c

Y espalilan o enerbar
que la sangre desubena
sin causalhe enojo o pena
se suele dexar mamar
si le saben festejar
y regalar ientre tener
las cozinas sabe hazer
que angelica con medio
este ttt

O un paiaro parlero
por estremo cantador
pero canta mui mejor
quando esta ene l aquiero
con alegre ipradgentero
suele ene ste nido alharse
que de puro regalarse
suda y suele gotas de oro
este ttt

Fungesouro en sus asanhes
Jedexrite bem ser a
quando quiseres es dem a mea
que sempre en as encanhas
Thaze lozas canes tranhas
Jepultado en esta cueba
que alamas Nelle de enleba
(on su canto sonoro) q te

muchas vezes por su anto
Jesuele mentir a inehar
pero sabe se emmar
en una abe vsierra de hojo
Jile dar algun enojo
Jidescubre algun postigo
a Nemete de prenemigo
(on inperio como todo
este

Quando apunta Zgamant
Cando beras se dezierne
que noa monja que no llege
porq, dios y el desparo
Caque mas Cedespredizere
al instante que le sea
Dexara por su palea
Decado ir una noche al horo
este
una falta de leda
Solo en su conuersacion
que es grandisimo Choron
Quando mas contento esta
Sia llenhir pendensias ba
pone pera fortertiguo
alas puertas dos amiguos
que Cequarden el Cecheno
este mi Coraco Docon
tiene Cuerno Comoloro

205

Ya al segura y gaga leja
Cadelos cinos o suelos
graue honor delos azules
Dulse aspereza delos negros

Y Si de poco amor a cuyas
alque estima tus despresios
quien le embidia por dichoso
le culparan por groseso

Y Pode ser amor desconfies
que sera con falso acuerdo
confesar que no le adora
negarlo el entendimento

Y Si le fauorese tanto
tu deuino rostro bello
como dize Margiente todo
tiene de su parte el cielo

Despreciase la fortuna
de premiar merecimientos
que hazer mucho enquien apos
son los milagros del tiempo

Pues el amor de tu silvio
nadie le ignora en el pueblo
mal fado desconfiar
mas segura pides yelos

De la estimacion tenuale
que siempre los hombres fueron
amigos de abstenidos
como adorados soberbios

Y Gra tus de tu nas partes
noble admiracion del suelo
que es tuia azanha del mundo
tratarlas con menos precio

fin

Santo mi pena acaba con lo mismo
que es imposible vida ia sin pena
mi pena pues de suerte me condena
que ia viuer con pena es mi tormento
qual quier plazer sin pena me atormenta
y tanto la pena me despena
que solo pena busco y con la pena la pena quito
al graue mal q̃ siento
la pena de mi mal tu la causado
Ai dichoso el q̃ por ti penas padece
penar quiero de oy mas mi soldado
solo ruego mi pena en tu memoria
nadie mas pues por quien yo peno padece
a padecer mi pena? Cazo de viejo
que en cambio de mi pena mi dexa guelto

Fin

De vn pastor auzente

Selvas i bosques de amor
en cuyos obscuros fresnos
a un tiempo dulces memorias
de vuestro pastor antiguo y nuestro

V Sabed que os tengo obligados
os ruego estéis atentos
a mis quexas pues
que a dulcemente me quexo

V. Oid a vuestro pastor
en este rudo instrumento
mas lagrimas que palabras
y mas propios que ageno

V Sabed que tengo perdido
perdido os he dicho mucho
que ninguno sea ganado
y también lo merecido

V.

Ganado tengo y perdido
y por tanto subjeto
ganado perdido cautivo
captivo de mis deseos

a Gin selvas amorosas
io huego muerto i Coytado
muerto de ver unos ojos
Contento de verme en ellos.

V. Dos suenhos y iero dezirvos
pero temo dos agenos
que no me atreuo a mirallos
aunq adorallos me atreuo.

V querer los me cuesta la alma
en vno vitr sellos ueis
pero mirar los mi bueyes
me ha faltado atreuimento

V. Seos digno que negros son
io os digo que quedigan luego
Cos oios sordo ejos sinta
Si este se pierde por ellos

V. pero dires inelualle
no ajmas de unos oios negros
muchos ai pero en ningunos
puso tanta gracia el cielo

Arboles no fui io sob
que desta suerte los quier
q. iamas mirasen vida
que ose fuese bas ellos
y gierle Guelare demi
io le remitto a su ruego
porq. p.a tanto Sal
no dellen mantos de hiel.
y a la madre viene tenian
antes q. che gase auerlos
y ia dezecha en sus furias
si ellos dizen q. atengo
y yo ansido con migo ingrata
piadoza miente medieron
ocasion pera perderme
vuanbo ches agradesco

Postilla

pues que dios sea sabemos
la alma a tenido en no
miedad que nadie quiere dios 208
aunq; esta tras la cortina
hege el alma omide mansa
i consuelo y gozara
que tras la cortina esta
y no quiere me aunq; es sansa

y pretende dios que le crean
a fin como dispone
tras la cortina se pone
para ber sin que le bean
siempre a nuestro bien se inclina
por mor on flaxos alma boy
miedad que no quiere me dios
aunq; esta tras la cortina

fin

quieres apostar gines
aunq̄ ensaber tod elantas
q̄ vaunq̄ tamtumcrego cantas
nosabes quetantum est uolta.

V. mas que nosabes eltanto
ni alcansa tuentendimiento
detaniato sacramento
poder declarar elquanto
V. Cagrandeza dentender
nola alcansamos todos
porq̄ ai dios enfunto a dios
el solo puede saberlo
que esunpielago gines
detales dos q̄ tantos
queaunq̄ tuntum golet
i todos dixangines
quando mas cabor tellantas
queaunq̄ tamtumcrego cantas
nosabes q̄ tantum est

fin

A. Fonseca Soares
(A. Chagas)

toquen. Depriquen a fuego
bruenteanhan a fuego
que fuego elgeng. com
labraz. cC a[illegible]

Doyeios sonar. de Fonseca
que. a cansastes e perdestes
hũ bem q̃ m̃ tempo procurastes
disei se entre outros males mais achastes
que comparadas posa ter comestes.
Disei que entre outros males q̃ tivestes
penhũ mal tão grande eix prementastes
com perder hũ bem que tanto lograstes
pois então mais q̃ nunca lhe quisestes
E se he mais grave o mal quanto he mais claro
o bem q̃ se perde julgai qual seia
pois meu mal pois me o bem não tem lugar
disi me para que duvida aqui deixeis
al cansar pois enfim justo he tão caro
ausentar me de meu bem. pois meu mal

Finis

209

Carta que hũ seruo fradre escreueo
a outro estando emhua Fortaleza

Quizera pª alegria
Dasristezas que padesso
que nos vizamos humdia
Emq ue ueruos naõ mereso

Mas pª aleuiar a paixaõ
da sofrezaõ de Pabel
nos meus meirezas aõ
oq ue uoi nese papel

Q qui nesta seseixos
onde me darsou a sorte
Ando nos olhos da morte
enos meus nos tragu aos

uiuo taõ desconsolado
q ue naõ conhesso alegria
pa dito seia odia
Emq uimor taõ perdido

à 210

porq̃ em fim catisteya a
que nos padecemos qua a
delle nale enaõ lhrda a
porq̃ he cu por natureza a
pelle naõ falemos mais
que omem delle lastima a
mas falemos segos tais
nos desconten da verdade
cla prouada comesso
este conto verdadeiro
eu estou qua num palheiro
ainda que ona mexesso
a fama he taõ dilicada a
que corta como navalha a
os calcanhos della saõ palha a
cos subertores nada a
os canpos saõ esto pois
taõ finos como barbante
porisso julgai mais
que qua passa este pelante

Tenho posto por lindas manhas
hũ chapado pauelhão
que Lauraõ porsuanhão
das Reuerendas aranhas

Da sama meio Luar
ceos estrelas meuem
e por que naõ ter hũ bem
he toda a faya hũ teàr

Os Ratos me dezatinaõ
que naõ me deixaõ dormir
De noute estaõ arenhir
De dia a sama me minyaõ
a somuers asaõ que tenho
dous melhores emfadonhos
e quando de fora tenho
mi sontas ate os ginetes.

211

Debaixo por vos me matar
que com Rombos calaridos
me matastes os ouvidos
cauida me matastes

Dou-vos em pertinente
que asima vos trateij
hũ conto vos contareij
mui alegre e muy serente
hum ospedes chegueis
gente de cheo de malha
mas tambem sam de palha
como a minha thuereis

A Caia não foi escalo
nem de vos gabalo
foi seia de chapa chapa
E não passou de esfregalo

Quinhos porq̃ naõ uiſem
nos ſeus duas uuas cheas
nẽ chegaraõ a duas meia
porq̃ ſeus fins naõ ſentiſem. 212

Depois que orelhos ſeou
ſenhor eſpedes orllados
pª cheirem obrigados
Desta maneira cantou
a antigua

Minina fugi deamor
que ane de entrar de ſer tor uolta

Emquanto Amor foi menino
nũca gem ſhe uio ter uerſidade
mas depois q̃ ſe foi crecido
tem ſeruu todo o ſeu deſatino
manas fugi de naligno
porq̃ hũ ſo a emmatador
ſlorõba uida deſentino
ſe amor de ſeu ſino anda emtraior

Gonçalo Roiz disse hũ dos ssoo
(que este he o nome donelho) não
consinto que desdouze tanto amor
e pelo que vos tenho vos spero que me
ajaes tomando lhe damão ou stum
damaõ que na brandura baxeza
a bada Roy eta cantou o seguinte.

Ardeai menina, seguey
de amor e de seus ditos,
mas empeitay vijiingratos
naõ stroues, vossas uenturas
sede z mamar maduras,
querdes nas esquiuanças
de me de amor as mudanças
e fiaiuos de a fimor
e mj sefinie baylor

Naõ mesofre o coraçaõ disse huã
Reuerendasa dessas que dizaõ
Neajemeis aos meninos que lhe cea
a paixaõ) e tiuera mte z mouir

falar em soma tão dos semachegar
aos beisos e isso sempre fui gosto
deste bosacinho, e rogo a continensia
monaõ Requere porquanto estes
tregoas tomase em qualidade sotare
as Reguas sem tom e sem som o que de amor
aeste proposito ouui y sendo hua
profunda inclinasaõ as Reuerendas
barbaças e dedos santos se segue

saõ seiamos
este p.a nos traie uerdadeiro
o que nos daõ de pastor
ou seuor dis melhor de meleiro
que nestas diferenças
quantas saõ as sabeças
tantas as sentenças

y stas iuntu dagoa
pera uuerdes do fogo uma fagulha

estranha magoa
que uos aug̃ ai amor porna̅ ser pera
cumi as queixas minhas
ena̅ fal̃ ai amor tanta farinha

---

a sabante de cantar de lustre ue
hua fes outra mezura asbarba
ria dittay ese a sentou nos ſtaõ
por as ſdeixas naõ ſe ſustamare.
Em semelhantes ſtouinſia
Cogu̅ o meu diogu̅o perguntandoo
quem era amor cog̃ respondi q̃
ſriamos e disse ou leandro
e Feró ſhodixiaõ ſeraõ q̃ eneio
dido ſhe ensinariaõ o Aó c
que ynaõ ſei delle mays que
ſustou os de engano Tornou
Diogu̅o ſdisſe pyndle eſta tão
ynnocente uelhe darey hua cita
Conſolonhesa pela pinta e loxuo

quem seruir vos
damas milindrezas
seus melindres tera porgalardão
por isso eu não quero nada della, não
tem olhos sesão feas se fermozas
sou minhas sopasamadas soiasfrozas
aquem nesta vida a amor de coraçam
ou uos seias deuaca ou de cabra
sempre serej dodoguilho mimozo
de Nala deito hũ pao nacs sidella
Deuos mesatisfazo eme naamor
auos digno Regnebur muisontente
fazendo comuosco a fome Romaella
Alegre Rio esarto enão chorar
porq a bastigida fazto pedormente

q a cantes amores auizados constantes
Cimados Reyos eloyuntes palauras
Snor diogilho saõas comtpra
tendes mais obrigar as senhr

esta seja causa principal de nossa
vida de os quem for embarcar empregar
os seus criados se ocupara tanto em ser
ferroijs que abrir sam ferros e se amor
com elles e as doradas setas fo
pa nos fazer tam e queira de nos
uenhaij a ser boi dara do e caurei
o Rependimento nos ampare de ver em gra
sanctador na prima uera de falsas esp
ranças e fauoreidas uiuer certo fruto sam co
tinuas de esperar e ueiuer de ver e se
perde em mim hũ famozo pregador das
doutrinas de cristo como padre e ca com
panhia a nossa estimara e mim
perdoai a falta de quem nam he m
que a tenha pois tras as muyas dotri
dina e ande rendimado de temos se mtes
so e oje de ser este nosso mando
auiador cumprimento que me bem
os sei fazer como o ide de sua desimbra
Bem diferente dos maij naturaij

que indo uisitar o marido a mor
da molher chorte desta maneira
Snor estimei tm este alegrião pa
uisitar a Vm pelame com a sonja
que uos dezia a morte de snra não sera
nada ouuera lhe mandar meia duzia
de paiçque emsaya de comigo sempre
ha fome, mas sorder que esta o meu
forno caido a ey mayz de não Cozer
tambem sei fazer destes mas tais sempre
tais tentor tendes zmor criado uos
entre gei tanto a malenconia não uos
digo mais por tudo o mais hemenda
pa a uontade que tenho de uos seruir
emquanto a paxia não sortar o fio
desta uida que por uos queira tirar
em mtu

Este uosso
uigia adaza

Soneto

Ora seas Senora Leonera
Siempre dezibia Chuna dezia ibanha
ora seas Cuerbo descpanha
que bebe enel fajo, zensus Riberas mora
dor del sol labia encantadora
y el cocodrilho que llorando enganha
mas flaca debe aquela tierna sanha
ola sirena que cantando llora
Cuelen.° Siempre toro dixse y fiera
Cocodrilho cruel sanña isirena
enpena englorja, enuida enmuerte que
darte mia alma de qualquier manera
que mas vale por ti tormento y pena
que de otra mano el bien dermal gmuero

Cogiome en el postrer punto
en una escala ytemela
por cama mas Regalada
que aquella en q el Rey se aquesta
Cortadano y ynoy quitro
que una noche dellos vinieron
me hizieron tan dulce son
como dun arpa o philomela
se lhome Quegno los oyo
el Quenho de tal manera
tanto que a penas despierto
en sa Razon pudiera
Seer dos pues los sentidos
Quen ber lo de fuera
los de dentro desconcian
imaginaciones nuebas
porq̃ el pensamento contonse
con el Quaporque la porque
esta cada dia parabe
de tentaciones y semblema
con hauia que era soldado
que uenciendo una guerra
presentaua los despoios
con pensia a una hermosa Reina

216

ella io entonses armado
desde cogiuela iesgrueua
con lasalada texiea
de plumas blancas ingras
y pefeles tangalan
que a la Reina amor leuersa
que uensida de mi amor
con migo casar seguiera
cazome fui Rei tan presto
que notueron oya enmedia
de la espada ala corona
que le pasa con entre ellas
y bom[illegible] me Caforttuna
liberalmente Cahazienda
liberalmente Cadalua
oro, guyes plata, Rentas
iuy com degantes era
alegre debuena tierra
ermeuendo condineros
empese a tratar de fiestas
y Ritos y juge canhas
de mil uatias liberas
uesti de uario y uerde
igaste hu mãho en media

aqual hize cuque, y donde
que era xastela cha en mi tierra
porq̃ me hizo una noche
unos calsones de tela
aqual cozinera. hize
xarqueta porq̃ en su tierra se haze
mequizo ser gran Reguala
un plato de beringuela
~~[illegible]~~ una sala
y ofrendo en un serro
ximala suerte coquiz
~~[illegible]~~ de balde della
Conucho prezia una Casa arma
pero mucho mas Cas cerca
muzicas cansiones libros
y sobre todo comedias
Con sexte un dia una sala
cogiendo en una sierra
mi mala suerte coquiz
que cai de balde della

Y vi que dormiendo estaua
Despierte que no dormera
el que despierto viua
Rodando por la esfera
Tal fue el negocio señor
que aqui aporto vna pierna
Traigo el senhal de la casa
Fiad en Dios en Reinas
Y nuestro prologo quiere
Contaros esta tragedia
que no es bien pedir silencio
A gente que estan discreta
Ya lo tiene no os alhare
Ruego a dios que quando querra
Fortuna esta fuera abaxo
Entretanto sea cortesia

Fini

gran grie gran muger
a gran huespede gran prato
a gran festa grande rato
entiende que es menester
a gran puente grande Rio
a gran nauio granuella.
a gran maestro grane escuela.
a gran Rei gran senhorio
una grande cuchillada.
con gran cura se Remedea.
tan gen pide gran comedia
y gran silencio ono hazer nada.
quien pueden Referir
sa aquel estara alerta
i Responda aquella puerta
que era quien xopense xorre elo xise
pues io prexo crogai
mas primero andeuxar
que ande oir icalhar
digan prometerlo ansi elo si

Catalina catalina
mal boaia tu marido
que te truxo a sor ventera
en apartado camino ai ai ai
o que mal que chaecho uente conigu
uente conigu ai ai ai
portasa seda el por p
por medida seda de uinto
iio portasa teneis
que lo que siento en ferito ai ai ai
sin poder esgarte de su costigo ai ai ai
i pues retrata tan mal
se uentero maldito
Catalina catalina
dexale iuente conmigo ai ai ai
que lo mal es de calcetria cauando duid
si aqui uiniere el uentero
digan le como no fuimos
mas no digan le nada
que sera dano en ferito ai ai ai
Senor coge en la chanza sopor sera

esta noche amanezer
quando cante el Gallo primo
telleuare por los montes
inax las Domi Rosino aiaiai
porq̃ buela ino sara.
quando cantino aiaiai
Jegustarez de dinerez
aqui os traigo cojidos
porq̃ p.a tu Regalo
siempre cortoj guo lamigua aiaiai
que clamor de dinerez no tiene nobilho aiaiai
quien tuuer muger hermoza
guo lofie de simismo
porq̃ alas leez de amor
hazetiuo clamor amigo aioioi
guellalleria a dequien
sin ser sentido aiaiai
guien Robare a catalina
troze hu Robo peregrino
porq̃ guien Robare uentero
gana perdon enfenido aiaiai
que la cheua de quiere
sin ser sentido
porq̃ Robar, matan
por los caminos aiaiai

y la gala he gita hermoza.
Las bobas ha Respondido
desta manera diziendo
con grandes voces egritos ai ai ai
que calheu esta gala que
que scallendo ai ai ai fini MARIA

que gloria deus amigos
que bien perdido meu eu
pues conthegar a nuza tes
me pagueis demi dezeios

Ede este colloquio com^ta cons.
de zasão que he fameyo

Hizola, Si esto no basta — 220
a curar Chanto tan tierno
pera matar O Lo fierno
guas dela biuda costa.

Hizola. porque Las parpas
maestro este infernaza siria
merescandes sielo imperio
desubechulia Las almas

Hizola si buestro Chanto
no mitiguan mis razones
pa curar confusiones
que causan dolor iespto

Hoy gay Chorando si iestes
Madre el Gien demi iornada
que es mi lengua agudo espada
confusion el Chanto muerto

Sizabel, Hollaro in tu partida
que degis dejue naser
pera Chorar e nosabes
quando sera tumenida

Veote mirvan partir
veome sinti quedar
veo que tedes esperar
y no teneis venir

Esto vivo no tuy partida auersia
q pues quien tardara . es dios
el nos dara a todos
atiuida amipasiensia

Tu madre soi mihijo eres
Sintiqueda sin mivas
Sino asde bolver atras
Veuame pordonde fueres

Siuas Conmigus vais madre mia
Yo conuos quedo tambien
Cozas que dan sindesden
gozo a vos ami alegria

Quanto mas que pues a Dios
Que sigus Dios me encamina
El mismo ser determina
migviador Gi° consuelo

Rilompanhero en miauzensia
Cuesta enuuestra sozedad
mixar que tuelo imirad
que esqueda enuuestra prezensia

Hopermitaij q̃ osargura
deinpasiente pides enel
obraij otro-Joan mastiel
io por ser lengua suia

Vedquetuelo os Restituio
en aduentarme deuos
que por mi or̃ Joan diuj
yjo por el soi ian suio

Jz. Jo no ignoro ese tropheo
mas deuas quiero saber,

Joan: Adeziento amexeser
esprimio demj dezeio
Jo hazer penitensia ypero
a poder ensenharla
Jque quiez ade prediansa
era decaprender primero

221

Zabel penitensia ipoq̃ dansho.?
Siendo el ãnge[l] quabriel
quien tu confesion fiel
anuntio

Joã Porbien tamanho

Zabel Siqos enmiuentre estando
telhamo p̃ esta auyensia
deque asde hazer penitensia.?

Joã Desoque estoi escuchando.

¡Zabel Sifue demilagros lheno
tunasimiento deque
[l]aasde hazer ipoque

Joã porese fauor [l]abreno.

¡Zabel Sientuuida nouus falta
antes limpio iusto yres
poq̃ hazer penitensia quiero.

Joã porese merced tanarta

Izabel Sidechazeste es dios seruido
trompeta fiel deszupazes
por penitensia kazos.'

Siuas por mostrarme agradesido 222
Izabel dizes bien ueste condios) Chora
Siuas uuestra bendision soaprouia
Izabel uaia saber quetelhera contigus) perfalhe
Siuas iquede conbos) for que seuai

Siza Hiio mio.'
Siom senhora
izabel uaste.'
Siuas Deaquiui mas duuerno
Izabel queteuas.'
Siuas Dios lomando
izabel bozueras akerme.'
Ioas parte seruido
loque ordena aques
iz. uete enpas
Ioas quedade conella

izaber buelue aca
wan ia seaqueuella
debos miuiento honesto
izaber uete enpas queis notelhamo
wan pues quien?
izaber peraque tequadere
llamate cllamor demadre
calade ctruis alle clamo
wan uoime madre.
izaber dios tequie
y ami entu lazgua auzensia
mede consuelo ipasiensia
ydemi note desuie

fin dos pasos dodespidimento

Que digua dios enmi danho
que es joan candela queande
yque a sumbra. Siendo hombre
nasido de esterill madre

Que digua dios queande enobras
que enserviris suio haze
cida angelica siendo hombre
io angel para que Rabie

Que digua dios que es sua postol
lombiado para alhane
pa el mundo el sielo igloria
que viendo el mundo allanarse

Que digua dios esto sigue
siendo io el primer angel
que misilla adecupar
joan zerella asentarse

Que digua dios deste homore
para afrontarme y hondarze
que nonasis demygeres
otro zmuador mas grande

223

Quedigua diɔs que no osme
Vn̄ debe ygoar igue haze
vida angelica siendo hombre
yo anger pª que Rabie

Quedigua diɔs que este yoan
hade hoer contrami Grande
siendo Gruasalbo dRej
Jº Rej desus uasalages

Quedigua diɔs pezealsello
Eque este ioan ade espantarme
siendo io dermismo espanto
el instrumento igigante

Quedigua diɔs pexo inportan
pois ioan fauores tales
que eres desaxne miamigua
yade uengarme tu saxne

Sac. S. iuaɔ uestidos depeles dermitaɔ
penitente

Que digas tu carne fiera
que coma de mi fame carne
que dezis vos alma mia
que auides sangre de amanjes 224

Que diga el alma que ayuno
huyre coma carne infame
que dezis vos gusto mio
que aborrecio joan meahame

Que diga el gusto tambien
tu mal por hazerme males
vos que dezis vo voluntad
q̃ en ella vos q̃ reconcentrastes

Que diga el [illegible] vos os mui ruin
pues os mostrais de mi parte
que dezis vos intelecto
que a mi dios quiero humillarme

Que diga ay aquesa voz
dios manda y dad, nase
estas ia carne contento
que quieres comer que voi carne

Sae Lucifer poem hua manera com 2 cornigas
e huas q̃ parecẽ chũ pao branco e pretas e vão
com q̃ nao ue o demonio e tira

algunos gafanhotos de hũ talegillo q̃ comer

Ioão Comed destos gafanhotes

Cue no gusto destos manjares

Ioão gusta destes hos tiranos

Cue tan pocos
otros quiero mas suaues

Ioão penitencia comeras
y aun no por amansarte

Cue aqui tengo q̃ comer (Come

Sioão q̃ es esto dixo.

Cue no te espantes
que es oi carne q̃ comer quiero
por no morirme de hambre

Ioão quien puso esta meza aqui.

Cue yo

Sioão quien eres.

Cue soi un angel

Sioã de lo infierno

Cue no soi del cielo

Joaõ Caido

Luc aunq̃ asertaste,
come y aqueso q̃ quenpo dexa
p.ª despues que te haxtes 225

Joaõ angel eres.?

Luc Si q̃ eso

Joaõ malo

Luc Bueno enel linaje
pero por mi pecados malo
por Soi angel demaldad
o mege son codornizes
el pan es mana que cae
o que comendo llegues
ado tegnia este angel

Joaõ a la tierra prometida
deseo q̃ sin eso q̃ manjar es
llegar pienso

Luc come rialha
ioan porq̃ no des maicy

Joaõ Carne fiera que pretendes.?

Luc comer carne por sriar carne

Joã quenquere tedare. a comer
maniares conq̃ teamanses prafe

Luc Gurlando demi seña
el que aumenta mispezares
iseatre conta mi
porq̃ tiene el padre alcalde
Dexo guardapie, iueras
porq̃ gustes demy males
Ergelo agua bolti
iporq̃ the pormi hazes

Sae ioan, y poreutia parte Luc
ponese a mesa cõ nella hũa trigela.
Deleita ahũ prato dench

Joã Carne ingrata atu sieruidor
Caballo dezemfrenado
parateq̃ hami mi cuidado
con el fauor del Señor

Luc aunq̃ mas la morte figues
mio dedes er porte fanses

Joã porme xe porgamanses

Luc come ioan ieb Reb Cgies

Joan Che che iniqua maniera son
que el señor dio a mi de creer
a supuesto por consiento
de su peregrinasion
pero estoy de creer
dado por cierto que
que a diar el bendigo
quiere comidarme y comer
Luc Dulces trabajos son.
comeran
Joan que no es cierto
Luc es de quien te quiere mucho
comer
Joan es tan ancha confusion
quien me ablo
Luc el mazamado
angel de dios q̃ espero.
Joan Se tu el que fuiste fuera
yo fuera tu convidado
vase

Joan Setu elque fuiste fueras
yo fuera tu conbidado

Cu Buelue a ssa ivan dorias
como que tenias morriendo
fuer fuesse pero pregomiendo
nole aguo Vorver a tro
Jales eguire deguente
con mi darhada porfia
que sualma uengaa sermia
Vormey que Vemos te fuerte
uasse

Vena Lucifer amego Dafrin
Vozo passo daterta po

Sae iuan esfregando os olhos como quem quer dormir

Paso 30 227

Joan Ynsuenho me deu com certa
a certa joan que o demonio
hade dar ia testimonio
que te cumpre andar aperta
A fim foi obtiuen sigo
complazerte sueito quiero) dome

Que uenzerte dormiendo espero
pues despierto no ha podido

Desp desima Dormido mi iuan esta
esperança turbey de uerme
que por el estar dormindo
q̃ a por mi dormido seha

Que duerme iuan que io te ueo
porque nadie te despierte

Joan Dexame ia media muerte
nome agas torser el buelo
demi dichoza esperança

Diosp[a] oje yoan.

luc labos del sumo
Dios es aquesta que enhamo
conuierte mi confiança——

Joan. Llamaisme s[e]ñor?

Diosp[a] es sieres

joan. que quereis.?

Sinque te agomores
que te muestre a los hombres
lque deues de dezieres
(emprimelo con fiel pecho) recolli

joan
luc io te lo pero estoruar
pues si dios puede mandar
yo puedo estoruar elecho
la vida despertando

joan aserta elque llama media muerte
alsueño
luc en viento conuierte
mi intento joan se despierta
Duerme duerme

João mas vo chamo
vida eterna a buen sueño mio
pues sonhe que sin desuio
Dios me abraua —

Cur Nabio ibramo
de enoira desuentura —

João ique dexarme mareoua (em pe
de zierto io sonhaua —

Cur no lo creas que es locura
quer sueños que uanos son

João confiesso que uanos son (uedamorio
ministro, de confusion
las sueños que son profanos
pero vos que sondes vos
sons ierbos y uerdaderos (ua/c

Cur a ti p.a mi fiero
tan diferente los dos
somo en la salud
y mal por mis maldades
tubieron portus bondades

228

pues en ellos no ay maldad
pero aunq̃ digo te empara
y libra confuerte fraz-
tu caeraz y nellaz
de mi condicion aura
pues quando mas deando hozeste
ropuesta fuste constante
jos ytaste la ignorancia
del mundo con la tu suerte
y hoziendo io penitencia
con ella atus descenganos
hazelos pareser ganados
dan cozo tu deligencia / hoje

que iuan uestido como uestidos pobs

Juas Hombres y jun de las obras
emendad las ida y iuestras
no os fieis enq̃ abrahan
fue uuestro padre nieuelos
y nuestra emenda os fiad
pues sino hozeis emmenda
por dios seres sepultados

yla infernal cadena

y. de piedras haradios
pues los puede hazer de piedras
otros fuios de abrahan
que les sirvan con mas veras
yo soi lano y que izaias d-
dixo aquesta es otra fiesta
que avia de pregonar
el mesias tan grande es oy
ya su manifestasion
es llegada ia esta fiesta
oid oid moradores del ierdan
aquesta nueva
del iordan pis buenas nuevas
enderesad los caminos
de alma con gran presteza
y limpiad los corasones
donde apoentar sepiensa
ya del reino de los siellos
desde oi mas se aben las puertas
pa que los fieles fuios
sin desmaios entren por ellas

y ala Segur cortadora
al cedro esta tened cuenta
p.a cortar p.l tanto y malas
que no dan fruito son Segura
y alas corta alas a Roia
pues p.a aquesto son buenos
al fuego infernal de pagueu
como inutiles sus derribas
y ael Remedio esperado
p.a aquellos que le esperan
es venido no estes tristes
pues su venida es alegra
y ala confusion se acabe
muera la ygnorancia Siegua
biba la verdad que viue
pues la mentira muera
y ya no ia quien no mande
el pelico qual culebra
Renouandose uestiendose
del panno de aquesta nueua
y ael soberbia y tirania
pera siempre es tinieblas
adonde el mundo sale
contra los de su clemencia

Resefide en buestro alma
que es el saluador della
y io Juan Supregonero
Supreçursor Suprofeta

Sae el Rei herodes y Juan

Herod. Tanto ioan tu compañia
me agrada etu gran bondad
que tengu por soledad
quando no estas en la mia

Joan Bien todo esto he conoçido
de tu amistad i fauor
pero mira que el señor
estade ti ofendido

Herod dime ioan de que suerte
Joan con la muger de tu hermano
siendo el tuyo como es llano
estas casado ide vierte
Rei herodes que te auia
que ase de ser tan castigado
quanto grane es el pecado
y quanto fuere Remiso

Herod Dexta cosa demoy gusto
tratemos Joan q̃ esta cosa
espanti p̃ Dios
ya mi odesgusto

Joan Desta tengo de tratar
pues con ella escandalizo
el mundo el fingir atizo
aquedio[s] tenga abrazar

Herod quiero q̃ ya que el negocio acabado
Joan ami amistad.

Joan quiero que tengas piedad
de ti

Herod ia me acuerdo

Joan queda sinmi
perdon dios eno[s] Starq̃ scuey

Herod buelue ala amigo Joan

Joan Simi consejo[s] tedan
pena tuamistad y an tes
pues es cierto que el que has sido
amigo[s] de ser codicia

que nunca ofue

231

Herod tu quexa sese ioan
Joan Silo quepido me consdey
Sesatra
y yo sere alegre cu fano

Herod que me pide ?
Joan que atu hermano
Bulua Camugerq esta
pdindo iusta iustisia
Contra ti adios cal mundo

Herod en no bolverla mefundo
Joan yo en virme Cuose
Herod ya no codisia
tu companhia migusto
ni codicio tus corsios
auñq sus claros Reflexos
Dax lus amiuissio iniusto

Sae a Rainha

Reina — Que tengua jurar amizdad
con hun hombre que en mi danno
o ya alonsera esenganno
nas lides desumaldad

Herod — hoiste? Coque medixo.?

Reina — todo lestruee escuchando

Herod — Chorar.? (Sarg chora

Reina — con Rozon Chorando
mi agravio sient

Herod — enlectivo
tornar Chorando elfavor
que deboi Capas en guerra
Cunty ensdbondade seen Sierra
Coque calho por mi honor (vase

Reina — fuesa el Rei por Sivengansa
nomeda como Ca espero
el sera pa mi fiero
mi amor pa el Sin Sinsanza (vase

Sae Ioan a Rastando hua Cadea nos pes

Si tanto contra el Rey herodes fuero
sue libertad grande que encadena
mepuzo sudrigor nome depena
pues soi causa dedizer el pregonero
Solo mepesa, pues della noespero 232
enmienda quela pena que meordena
nohaga fruto pues secordena
alcastigo infernal injusto fuero
Y esto siento Senhor nolo dolor
que la prizion conbuestro sean Reparo
que estos son pa mi dulces Regalos
Solo pido que entre los favores
que hazeis permitays que el Rey separe
Por temor nuestro desgustos malos (roge

Sae el Rei herodes e Herodiade
sua fa

Herod. pide en pago delagraria
conque os dandarte merced
Herodiana que pedire madre (ap

Reina puedes
aun esperar desgracia
pide su Real cabeça

Herodiana Cabeça. pide deisan

Herod mucho he sentido
que me pidas esa pieça
pide quanto ose
sea tierra todo obediente
no la cabeça inocente
deisan

Herodiana ella es mi esposo

Herod pide mi reyno mi corona
mi reino mi propria vida
que todo hira querida
seratuio pues tu esposa
Cabalaba ¡la lisongia
que pa pedirte di

Herodiana la cabeça que pedi
tepido Rei tenpasensia

Reina bien hazes hija porfia
pues mi agravio Lodispensa

Herod. pida el mundo en Reconpensa
desa pieça que no es mia
y te la dare por ella

Herodiana La cabeça de Juan quiero

Herod. Cortesela un verdugo fiero
aunque esta sin culpa ella

Herodiana Los pies te beso señor
por merced tan soberana

Herod La coma cuesta Herodiana
desta sentencia al Rigor
La cabeça de Juan esteria
por cumplir mi Real palabra

Reina mi agrado es estando Calla
por q mas mal no me arguia

Herodiana Deian no mandar cortar
La cabeça en tu venganza

Reina contiguo a la esperanza
que tengo de me vengar
oy pagues como Rey

Lo que me esta a deuer
pues tu cabeça ha de ser
Del mi uengança trofeo

Sae Herodiana como cabeça pelo cabello

Herod Ves aqui mi mal madre
La cabeça del autor
Del tirano
Reyna es el mejor preso
que mi dio tu padre
Pues al cuello de mi gusto
Quiero traer colgada
Esta uengança enquarteada
que tome del uerdugo iniusto

Herodiana Aqui pueblo noble dan
Por mi seruidor ofador
Y fin de los baros famoso
Del gran Baptista yoan

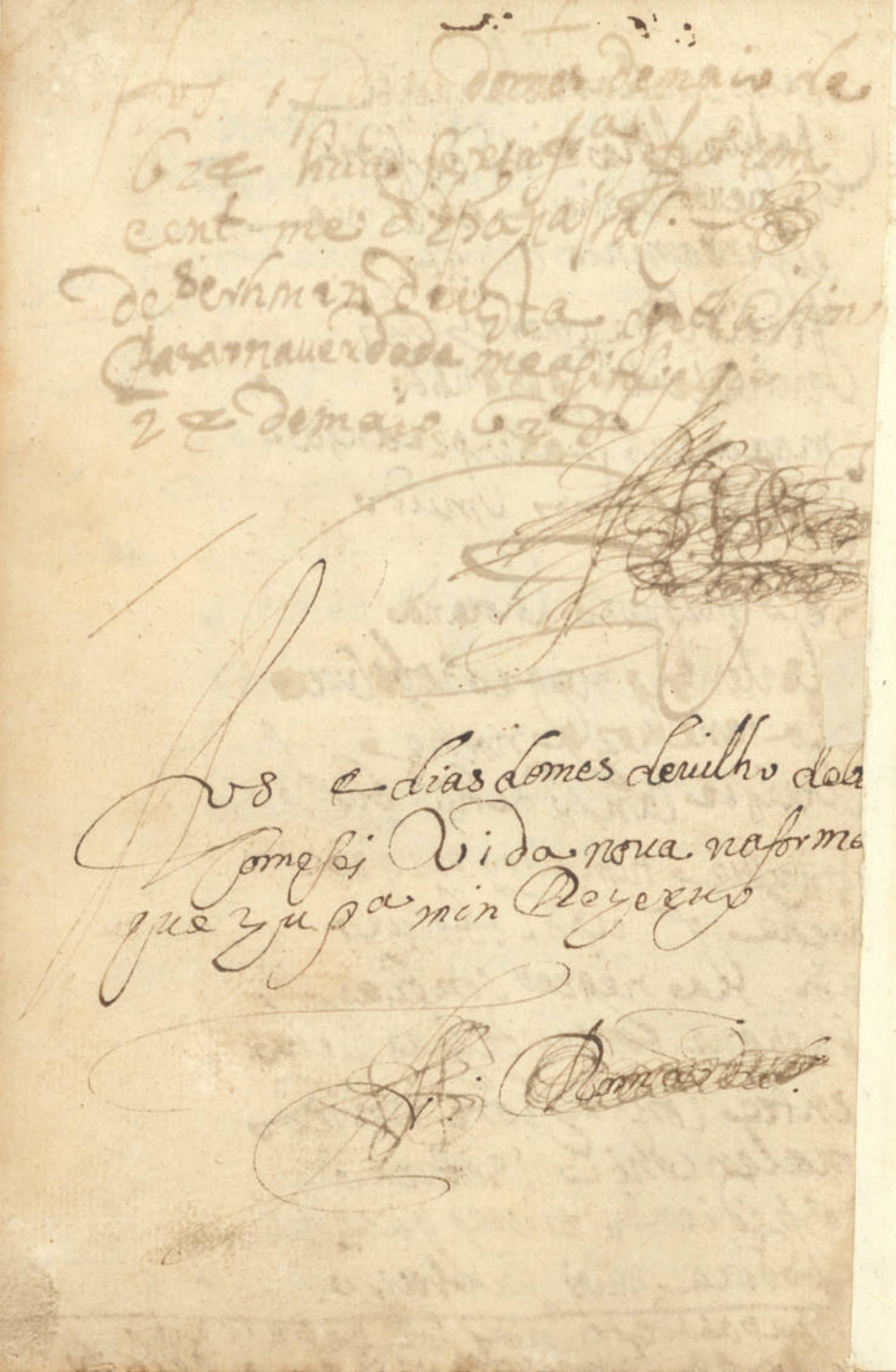
Finis Laus Deo

Con las sombras de la muerte
Salido el otro dia de funto
Cubierto de nieue el alma
el pensamiento de luto
perdido de amor y celos
entre temor y esgusto
marauillas y esperanza
Con sobre todo mudo

Solo negro llorando
assiento negro y obscuro
a la tenebroza noche
a triste canto de hu hu

Con sobre humano negro
noche p[or] el sol obscuro
todo sea negras sombras
pues que contrayes hecho
entre confusion y miedo
malencolia y soluzo
despidiendo tristes quexas
con dolor muy profundo

Sepultado en lo profundo
de esta temerosa muerte



Flores

Huma fermoza senhora
mora nesta Aldea
aquem chamão Catalhea
em alberesta

Quando Dina passa nesta
Aldea Nimpha acompanhada
de mil Pastorez Pastorinhas
uai dançando
Os ares alegra pizando
de boninas adornada
de Cravos mil esmaltada
Esta erva esmaltada

Mil correntes de agoa pura
que de fontes procediam
aguas de cor parecia
Huma saida

De quantas foram achadas
no mundo antigamente
aqui me achei prudente
pella festa

Quando vem na floresta
Coroada de capella
Dançando mil Donzellas
tam fermosa

Como purpurea ay rosa
orlada ay no rosal
outra branca cristal
Sem vestido

Seus cabellos mui compridos
em nastros presos Pastados
amaneira de tranças
os leuauam

Parece que provocauas
alua, o Sol ray Estrella
Especiaes assim tam bella
Ce repente

Que nem o Sol resplandente
Quando ao meo dia
como ella tal graça
Em pessoa

Homisio Edmirado de
Ver tam grande belleza
humana Como presença
mui galante

As frexas de diamante
cujo Saliança traliã
num Combro que parecia
hum Seraphim

Aquel naquelle lugar
onde com muito andaua
Se com Venus se iguolaua
nas de Amor

Toda de neue cor
alua branca e fermosa
as faces de cor de rosa
Sahia

Seu nariz em proporção estaua
sua boquinha huu methaua
gua cheia soberuelha
gille influenciaua

Qualquer que a via chamaua
Ditoso este logo sorte
mays desejo mesma amorte
que obter tal bem

Donde a via muyto apartarme
cuidei nempor pensamento
nem tal vera meu entento
nem desejo

Mas agora que me veio
aterrarme obrigando
que fazei triste cantando
Sem ventura

Com pena triste da pouca
sem nenhum contentamento
mas com eterno tormento
viuirei

Comquem me consolarei
aquele vai desabafar
pera poder alegrar
meu coraçam

Despedime neste cantar
mais triste e descontente
onde amboz igualmente
lamentamoz

Tantoz agoa derramamoz
e dentz tantoz bramidoz
tantoz mil ays e gemidoz
que fazeiaz

Os ecoz que respondiaõ
com muito grande sentimento
de nossoz apartamento
lhe pesaua

Qualquer dentz ali estaua
como muito temperder
palauza alegrea dizer
comgrande dor

que era tam grande o amor
que em nos ambos se ensorçava
que elle me ensinou de nos trazia
a fraqueza

Hqual he aquy he de fella
em tam grande cantidade
que não dij com sua ydade
mas tornando

Hoque acima vou falando
Comtudo é grande pesar
que tinha de me apartar
de seus grilhões

E muj estreitas obrizões
de pes e mãos me deitava
hum collar que me apertava
grandemente

Com humalima resistente
pera delle me apartar
os brandos ferros limar
me foi forçado

E ysquecimi de mudado
perdida, todos os cores
quando dos doces amores
me apartarão

Como meus olhos se virão
de agoa tam grande mente
cheos hua dor de repente
não cuidada

Me foi logo ali causada
com tam comprido crecimento
que meu proprio entendimento
me trahia

236

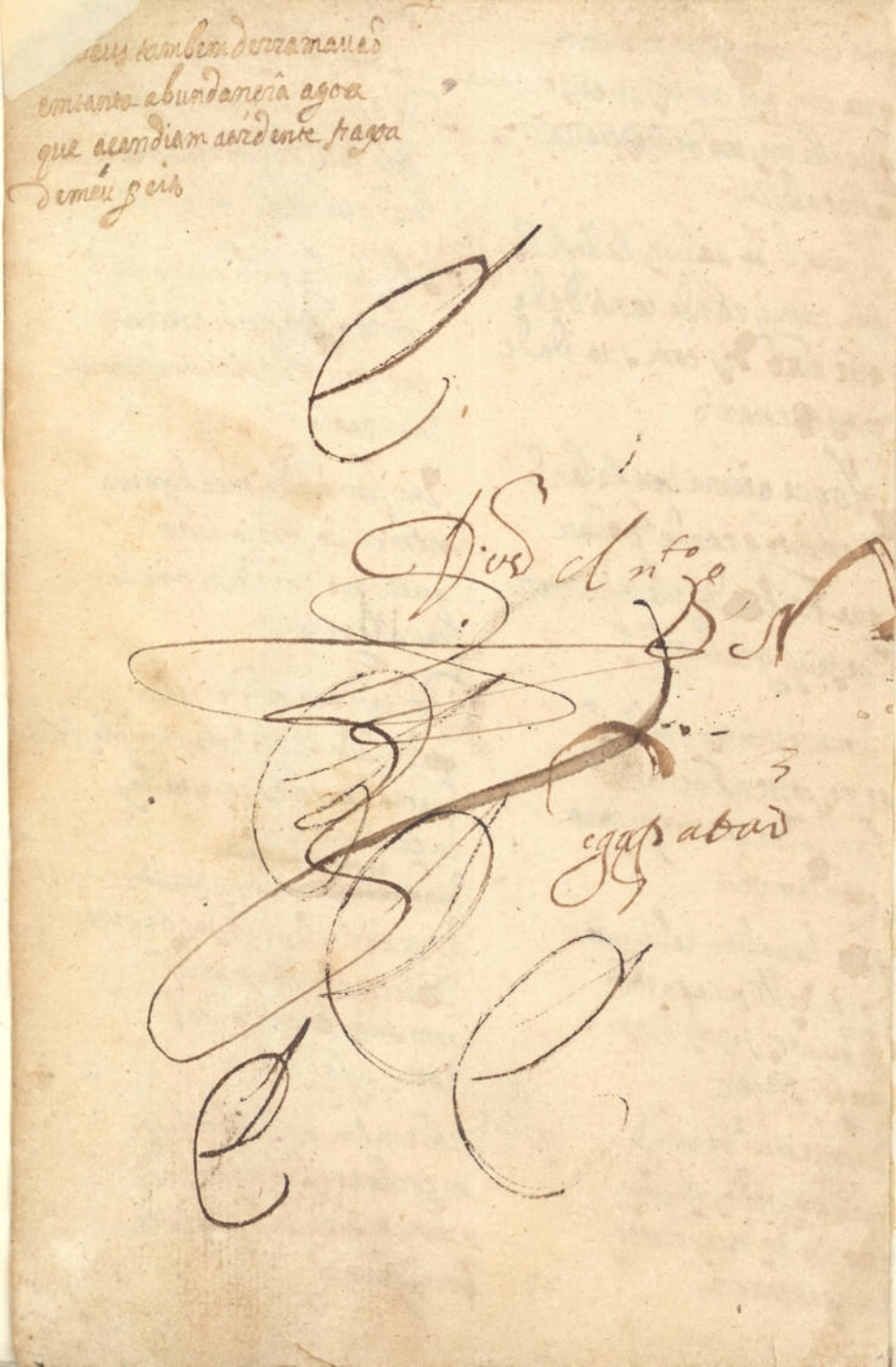
Em fim nada me alegrava
nem cuido podia auer
quem me causasse prazer
ou alegria

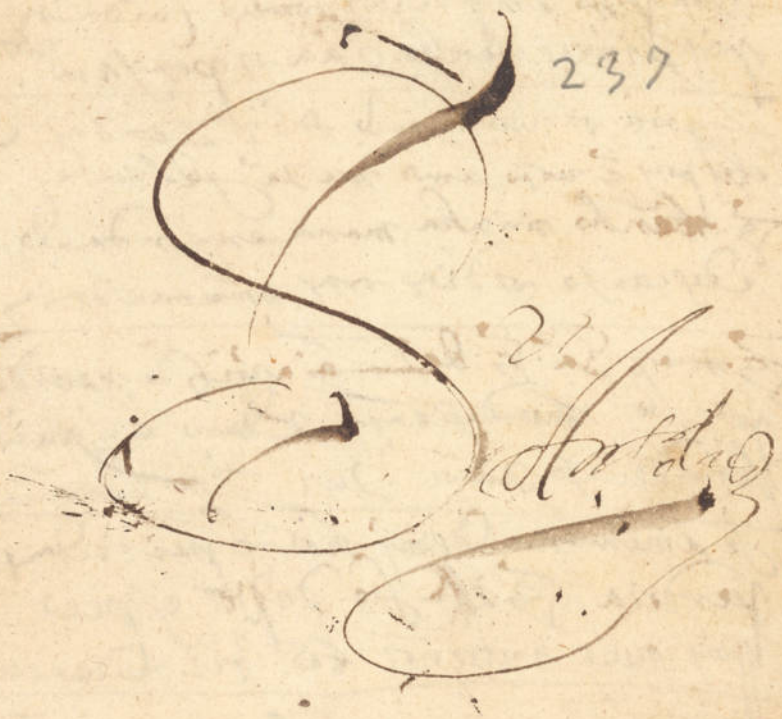
Por uer que me despedia
de hum Anjo e mais Nimphas bellas
que era Ceo com suas estrellas
cá na terra

~~Que de com~~ a mundo todo
E que os mundos todos faz guerra

Diuidindo os coraçons
com suas doces razons
E seus afagos

E razão em fim muj Thoj lagos
ou correntes de agoa pura
que deste prado a fresca rua
borrifauam





pasarei

Alegre passo a vida se sempre for mi. das.
diz q me vay por vos sempre serca de
bem posso empregar vmce (vida) q
poi[illegible] viures. tenho saa. q persua.
q gora q vos vi me tem tas q zertos
dias poi[illegible] q vos amo me da saude
q tenho minha mana emgor dais
descanso q dia q vos emamem
q. mais sa. q. de vos vir q nam
poi[illegible] q amo descanso q bem q vos
bem deuso amor ser lembrasa
se amemoria deuia ser perdida
perdeia, q ia se vos deos
poi[illegible] ouue antenos tas. bil mudanca

quien passa pena dolor
de ne se de hũ bem querer
gran prazer gran prazer

Jo que passo tan fiero 238
tan dores de mi desdicha
nasidas de amor y zelos
de mi bella seraphina
pero se es amor entero
ficara se cha de ver
gran prazer gran prazer

Amor sin regua amor desmedido
fuerte mortal cruel sin fuerte
con lengua fiera cruel muerte
ya la vida muda

Romance que se fes
de o castilho de almeira de hũa amante
que fuy forçada fidalga estando pa emforcar
cantou ella.

Acerta metido en prizione
el amante desbeitado
del castilho de almeira
por amores aprizionado.

Entre queixas i sospiros
assi se estaua queixando
con el dolor mesterible
que se auista en pecho humano
a inquerida helena mia
sin se apartar de o lado
saliosa con su entension
como estaua ordenado

Pague pues tanto tedeus
de hun amor que me as mostrado
pues que me cortas a vida
i con la muerte te pago

mas que de culpas tetrus
Señor Juezes y cunhado
que porquitarme los oios
tegridey yer tan uenguado
239
Amor tiene Casulpa
Cno io tirte Cujto tan
que soipan hombres de tierra
Equiello porq soi ball
no ful Sodi quien por amor
pago delitos tan claros
que mugeres son Castigos
Disoros de Reclamos
delgueando la Cara Caida
pa ori Exemplo de tantos
organ cenizes Castimos
Pregon desus Naufragios
Justicia que manda hazer
Amor Siegue el Retrato
que muera este delinquente
q por atreuido yerro

Ansemudaca my gloria
pero yque digan de veras
de enlocuras que son mias
es mudanças quanto quieras

Tambien tiene amaides
Culpas del mal que padezco
aunque sonmas de dos mas
Cent solo veo que meruego

De luguerro enque el amor
anda sanson las fuerças quita
aung con dos dorpios
Celilha que de rendida

Celilha la de la corte
Lacarga de la embidia
aung partiron de nuevo
Celabello de la embidia

Ya bibe sola de flores
Sagueinvierno floreia
porq̃ Sege el tiempo de
el mundo tiempo sogusta
a los ojos de su tiempo
Se canta esta Sevilla
el contrabaxo de tiempo
el tiple de desumalisia
a se cantado mui bien
no se cantan mas todavia
mes de sus perdidos ojos
aquedado y un tenserilla

Vdita
Paraxion q̃ Sedana la ninha
Salida esta, ai, ieyus q̃ semuere
mas no moira que es muerte q̃ quiere
Puraitos deamor i luego no aspilha

Grimaneza dos Meus olhos
estam e dento cestutame
que quantaz quero Omeus malles
o Som daminha banduria

Eo cantava Gregorio o Som da
sua banduria agrimaneza aqui
Ei Vai de ferrão matula Comi

Grimanesa dos meus olhos
estame atento e escuita
que cantar quero nos meus males
o som damorcha bandolia

Tu estaras guente na cama
eu cas[illegible] na Rua
porem no fogu deamor
mai[illegible] guente que hua faulha

Gran agua nem fogo
que o bom amante secura
nem pode ser por quem ama
os fauores, e amarguras

E mi[illegible] tenho na graça
na graça do nosso Cura
q sempre hedemai[illegible] estima
aquilo quemai[illegible] nos vista

Se im se chegue a alcançar
hogar tua formozura
veras entaõ como estimo
taõ fauores daventura

Pelo que pois temerey
grimaneza esta segura
que se aouue das palauras
tua protesto por nulla

Gregorio que numqua foras
pois tens orelhas escuita
que cantar quero te quero quera
porem o som de amargura

mas bem sey minha senhora
que mortarte cairancuda
he forme querimar o sangue
entaõ por vontade tua

Mas não vyes grimaneza
comigo destas figuras
q̃ de quaj i tenho por serco
oqueten por escritura 242

Jsto cantava Gregorio
Fernandes sua Candeia.
a Grimaneza gonsalues
filha de fernão matulla
filha cervejeira

Mundo Comouj q̃
mundo comueio q̃

nast

uaj

D

Foj tanto amor q̃ me Rebentey
Amor q̃ [illegible] nos buscou
q̃ mais o trouxe ne[illegible]
dor q̃ [illegible] agora pura
Tanto me obra a alma em feitiço de q̃
com favores m[illegible] mimos
q̃ me veja nesta coita empregado
[illegible] pois nella [illegible]
[illegible] me ponha minha [illegible] onde
esta beldoza esta graça esta [illegible]
q̃ nesta vista me [illegible]
[illegible] toda he q̃ minha alma mais deseja
deseos [illegible] q̃ procura
pois ella [illegible] de [illegible]
[illegible] de darvos nesta vida

Mas grave q̃ vos vades sem [illegible]
q̃ vereis [illegible]

2 | 2
1 | 2

3665
46

243

2190
14660

2685990

66854
32537

34020

66854

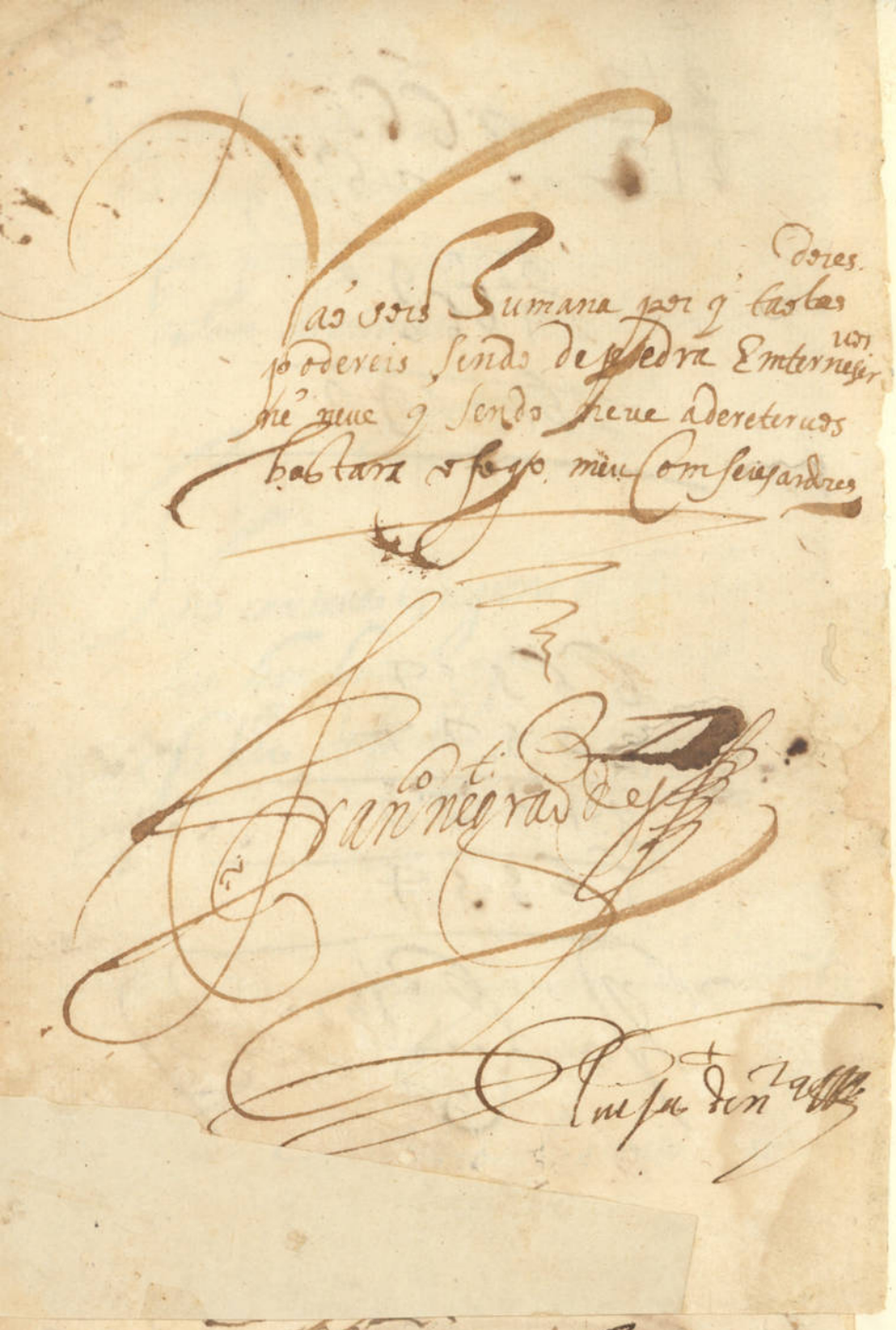
Juan Cano y Sa

dores.

ás vos Sumana por q bastas
po dereis sendo de piedra Enterrer
me q sendo breue dereteuas
bastara o seyo. mio Comsejadores

Juan negro

A Margarida ferreira



1884 — Treslado d'apresentação no Tabellião Dr. Affonso Henriques — que se achava em outro maço — Fran.co de Santa Anna Cordr.

A Son Excellence
Monseigneur le Marquis du Pombal
Le jour que l'on célébre l'anniversaire de sa naissance

Du tribut annuel qu'en ce jour je vous dois,
Agréez Monseigneur! que ma Muse s'acquite,
Et qu'elle ose mêler sa voix,
Aux concerts ravissants, que votre fête excite.
Je ne desire point les tresors de Plutus;
L'ambition bien foiblement m'agite:
Si pour mes Vers je veux que l'on me cite,
C'est seulement pour chanter vos Vertus.
Mais je demande au Ciel qu'avec largesse,
Il vous prodigue ses bienfaits;
Que la fortune vous caresse,
Et préside à tous vos projets;
Qu'à la faux de la Parque opposant pour barriére,
Une santé constante et toûjours en vigueur
Vous ne terminiez point votre illustre carriére,
Qu'après un Siécle de bonheur.
Voilà pour vous ce que le cœur m'inspire!
Dieu tout puissant! puissiez vous m'exaucer,
Et dès le même instant que je cesse d'écrire,
L'effet de mes souhaits, puisse-t-il commencer!

Michel Tibere Pedegache

A dezejada melhora do Illm.o e Exm.o S.r Marquez de Pombal

Soneto

Portugal: Não te assuste; pois Vencida
Vens do Grande Marquez a dura sorte:
O Bom Deos tem com Vigo piedade,
E o nosso amado Heroe dilata a Vida.

Troca o Sueto em prazer, e bem devida
Toda a nossa alegria em Verdade
Com o Marquez tudo he só felicidade,
Sem Elle confuzam, trabalhos, lida.

Saibery Luzo aos outros á porfia
Que festivos, ditozos, repetidos
Com razão nós devemos dar agora!

Devemos respirar tudo alegria,
Da doença compendios, o gemidos
Com o jubilo, que temos da melhora.

O B.el que acabou de
Luiz de Sousa de Setubal

Ao comprim.to de Annos do Ill.mo e Ex.mo Senhor Marquez de Pombal.

Soneto

Hoje me dizem q. he o feliz dia
Que corresponde áquelle, em q. naceste;
Dia, em q. por influxo mais Celeste
Tambem renasce a Luza Monarchia.

Ninguem naquelle tempo isto pervia;
Porque ainda então o Reyno não regeste:
Mas depois q. ao Governo hombros puzeste,
Vio o Reyno, oq. aos Céos em Vós devia.

Cecstamos aos Céos tão obrigados,
Que por Vós nos tornou, com seus decretos
Aos Seculos felizes, e dourados

Pessamos-lhe obrigados, e discretos:
P.a q. Annos vivais bem dilatados
Vos vá reproduzindo em mil.os Netos.

O P. Joaõ Antonio Pescia

Ao Ill.mo e Ex.mo Senhor
Marquez de Pombal
Querendo prefaser á Universidade
De Coimbra

Soneto.

Vay, Marquez, Vay, Marquez Esclarecido,
Reformar essa Athenas Lusitana;
Que da Gente Soberba, astuta, Vsana
Por estragos se Ve tudo perdido.

Se Lhem Ascendente Seu Della indurido,
Por nam a Conhecer, que contudo engana,
Ser oque Ella dictou, de Si Lhumana
Reparar, oque achaste decahido.

Ah Heroe Decantado! Ah Braço Forte!
Que Salvas todo o Reyno nessa Athenas
Dos estragos fatays, que padecia.

Dessa Gente temido á Lem da morte
Será, com Seu Nome ouvido apenas
Fugirá tam resalvada Companhia.

Do Bel que acabou de
Ouvir Defora Lisboa Antonio Manoel Lobo Pinto de Sousa.

A morte do Ill.mo e Ex.mo Snr Marquez de Pombal pela Snra D. Catharina Micaela de Souza e Almeastre

Ode.

Não de Bronzes, ou Marmores antigos
Estatuas Levantadas,
Soberbos Monumentos
Quero erigir por conservar teu Nome,
Que o Tempo acçoens Heroicas não consome.

Elogios fundados na Lizonja
Menos fazer intenta
A Musa dissonante,
Vozes que inspira o justo Sentimento
Hirão ferir até o firmamento.

Quantos, Grande Marquez, quantos louvores
Fá dos teus Beneficios,
Fá das tuas Virtudes,
Querem talvez por sua propria Gloria
Levar-te ao Templo da Immortal Memoria.

Menos altivo o meu discurso vôa,
Meu activo dezejo
Dirá se tanto pode,
Aprendendo dos Mais a suavidade
Quanto lhe inspira a Candida Verdade.

Qualidades no berço adquiridas
Ou dos Avós herdados.
Bem que em ti as acho;
Não são as que sobre a Fama te elevão,
Espiritos Vulgares que as escrevão.

Buscar o fundamento a propria Gloria
No Sangue dos Passados,
Embora o faça aquelle
A quem da Natureza a Mão avara
Os mais talentos lhe negara.

Mas Tu que tanto o Ceo enobreces
Desses talentos raros,
Que fiel cultivaste,
Injuriar-te fora se louvasse
Só a Nobreza que o Teu Sangue herdasse.

Teu Grande Coraçaõ, Tua Alma Grande,
Assento da Verdade
Formaõ teu elogio.
Oh quem podera em Vozes mais q. humanas
Descrever-lhe as Virtudes Soberanas.

Sacrificaste os dias venturozos
Em Serviço da Patria
E já entre os Extranhos
Erigias com todo o fundamento
Firmes Padroens ao Teu Merecimento.

Ainda as tuas Memorias se conservaõ
Lá nas margens do Tamis
E a Gloria da Naçaõ
Que a cançados trabalhos te obrigava
Com ficar bem servida te pagava.

Assim dezempenhando altos empregos
A q. te destinaraõ,
Em toda a parte fostes,
Até que o teu Talento respeitado
O mesmo Rey quiz ter junto a seu lado.

Da tua Alma se vão desenvolvendo
Talentos ignorados,
E a Mesma Providencia
Que se empenha em fazer-te venturoso
Te vai proporcionando ao fim ditoso.

Cercado dos horores dos estragos
Os mesmos Elementos
Se vião confundidos
Voâva a Morte de hum a outro lado.
Consomme a Chamma o que ella tem deixado
Tu constante no meio das Ruinas
Nas Sabias providencias
Com que o damno reparas
A hum os dias vás acrescentando
D'outros os frios restos sepultando.

Dos Innocentes que Seus Pays perderão,
Das Viuvas afflictas
O triste pranto cessa
Depois que tu com sabia providencia
Amparas de huns, e outros a innocencia.

Já de novo as Cabeças levantando
Vão os Templos Soberbos
Das Ruinas a Imagem
Apenas fica ainda na Memoria
Para fazer maior a tua Gloria

No ocio mollemente adormecidos
Os Ramos do Commercio
Tu despertar fizeste,
Adquirindo em todos os Estados
Ao Rey Vassallos (Vicos) honrados.

Quando na Paz os Membros descançados
Nada menos pensavão
Para os Guerreiros Factos
A Milicia dispunhas sabiamente
Dando maior poder á Luza Gente

As Sciencias de todo abandonadas
Brotar da sua Origem
Teu exemplo fazia
Hiáõ de novo ao Mundo apparecendo
Como em todas as Ordens se está vendo.

Fiel às Leys, que à Patria te ligavão
Ao Rey como Vassallo
Bom Pay, e bom Amigo
Vnindo em ti o Ceo quanto dar pode
Quando sobre os Mortaes seus dons Sacode

Vistes ceder ao seu fatal destino
Teu Grande Protector
Então tua Constancia
De todo o Coraçaõ te abandonara
Se para mal maior te não guardara

Sahio do Eixo a Roda, e transtornadas
Forão tuas Ideias
A Fortuna inconstante
Que ás vezes Zomba do Merecimento
Te fez grande tambem no Soffrimento

Dos Vis Aduladores Numerosos
Cortejos náõ te seguem
Só da Tua Familia
Fostes em silencio triste acompanhado
Ao Desterro funesto, mas honrado.

Lá de Constancia cheio, abandonada
A Vil Inveja preza
Apenas na Memoria
Os já passados tempos revolvias
E com árde desprezo a tudo vias.
Grande na Gloria, Grande nos Pezares
Ao Termo promettido
Chegastes sem fraqueza
Que as Almas elevadas se conhecem
No meio dos Acazos que acontecem
Pagastes á Terra o Natural Tributo
O Vso da Humanidade
De todo desfazendo
Vai unir teu Espirito elevado
A Cauza donde tinha dimanado.

As Muzas, ai Sciencias, o Commercio
Benigno protegias
A Justiça a Balança
Fizestes conservar com igualdade
Promovendo a Geral Felicidade.

Tua perda fatal será sentida
Em todas as Idades
Teus mesmos Inimigos
Teu Nome em tuas Obras respeitando
Hirão tuas Memorias conservando
As Idades correndo, e innovando
Outro igual não verão
Em que Talentos tantos
Que nos mais fazem Gloria repartidos
Forsem n'hum só Composto assim unidos
Curvai Cypreste as erguidas frontes
Cubri o Monumento
Aquella fria Pedra
Que está guardando os Restos preciozos
Do que será famozo entre os Famozos.

Fim

260

O TEMPLO DE NEPTUNO.

POR

ALCINDO PALMIRENO

ARCADE ULTRAMARINO.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVII.

Com Licença da Real Meza Cenſoria.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

O TEMPLO DE NEPTUNO.

ADeos Termindo, a Deos auguſtos lares
Da formoſa Lisboa; o leve pinho
Já ſolta a branca véla aos freſcos ares.

Amor, o puro Amor do patrio ninho
Ha muito que me acena, e roga ao Fado
Que eu ſulque o Campo azul do Deos marinho.

Eis a Náo, que já d' hum, já d' outro lado
Se deita, e ſe levanta; foge a Terra,
E me foges tambem Termindo amado.

Da alegre Cintra a deſejada Serra
Mal apparece, e o valle, que ditoſo
De Lilia, e Jonia, a voz, e a lyra encerra.

Ainda me parece que ſaudoſo
Te vejo eſtar da praia derradeira
Cançando a viſta pelo mar undoſo.

Já náo diſtingues a Real bandeira
Deſpregada da poppa, que voando
Deixa no mar inquieto larga eſteira.

Sei que te hão de aſſuſtar, de quando em quando,
O Vento, os varios climas, e o perigo
De quem tão longos mares vai cortando.

O lenho voador leva comſigo,
E te arranca dos braços, n' hum ſó dia,
O ſuſpirado Irmão, e o caro Amigo.

Rijo Norte nas cordas aſſobia:
Quatro vezes do Sol os raios puros
Voltárão, e ſó mar, e Ceo ſe via.

Quando a eſteril Salvage os verde eſcuros *
Hombros ergueo do ſal, que ſe quebrava
Nas nuas pontas dos rochedos duros.

Eu vi Tritão mancebo, que animava
O retorcido buzio, e diligente
De todo o mar a Corte ſe ajuntava.

Bate as azas hum Genio, e vem contente
N' hũa mão a Coroa, n' outra a taça:
Deo-me do nectar, e cingio-me a frente.

Termindo, pois de Phebo a mão eſcaça
Nega ſeus dons aos rudes, e aos profanos,
Guarda meus verſos deſſa toſca raça.

Embora os lêão peitos ſobrehumanos,
Que no cume do Monte bipartido
Das ſantas Muſas vírão os arcanos.

Entrei no Templo de cryſtal polido,
Do grão Neptuno ampliſſima morada;
E o vi n' hum throno de ſafira erguido.

Defronte eſtá de Ninfas rodeada
A branca Thetis: as enormes Phocas,
E os amantes Delfins guardão a entrada.

Os

* Salvage, Ilha deſerta não muito diſtante da Madeira.

Os grandes Rios, que por largas bocas
Entrão no vaſto mar com fama, e gloria,
Co' as urnas vem deſde as nativas rocas.

Vejo a Paz, a Fortuna, e a Victoria,
O Deos d' Arcadia, o Inventor da Lyra,
Venus, Amor, e as Filhas da Memoria.

Principe amado, por ti ſuave gyra
Nas cordas de ouro o delicado plectro;
Apollo o move; e Clio aſſim reſpira,
Em alto, nupical, feſtivo metro.

Do lucido Titan a bella Eſpoſa
De côr de roſa -- o aureo coche adorna;
E alegre torna -- a nos moſtrar ſeu roſto
Cheio de gloria, de prazer, e goſto.

As brancas azas ſobre o novo leito
Aos Ceos aceito -- o caſto Amor extende;
A pyra accende; -- e inda eſtreitar procura
O mais ditoſo laço, a fé mais pura.

Concordia, tu que tens de amor a chave,
Prizão ſuave -- tu lhe tens tecida
De quantos Ida -- em margens deleitoſas
Cria intactos jaſmins, e freſcas roſas.

Perſico ornato a fertil Cópia ajunta;
E de Amatunta -- a Deoſa delicada
Vem rodeada -- dos Cupidos bellos:
Huns voão, outros lhe pendem dos cabellos.

Caſta Lucina, o teu formoſo aſpecto
Com doce affecto -- inclina; e nos dê prova

A prole nova – que he de amor tributo;
E ſeja de taes ramos digno o fruto.

Se fundárão, por ſeculos inteiros,
Avós guerreiros – de Lisboa os muros,
Netos futuros, entre gloria immenſa,
Naſcei; he voſſa a juſta recompenſa.

Cércão o Throno, a candida Verdade,
E em tenra idade, – a rara Fé, Nobreza,
Graça, Belleza, – e quanto o Ceo fecundo
Por honra da Virtude, envia ao Mundo.

O Jubilo nos Póvos ſe derrama;
Alegre a Fama – vai de Agouros chea;
E a Nuvem feia, – que a Triſteza envolve,
Eſpalha o vento, e em atomos diſſolve.

Do grande Avô o Eſpirito diſperſo
Pelo univerſo – voa; aos ſeus vindouros
Prepara os louros, – vejo a murta, e as palmas,
Dignas coroas de tão grandes almas.

Poſſa da Auguſta Filha o forte braço
Por longo eſpaço – ſuſtentar o eſcudo,
Que ampara tudo – o que o ſeu Reino encerra;
E encher de Aſtros o Ceo, de Heroes a Terra.

Cantou a Muſa; e ſobre todos chove
Celeſte ambroſia : alado Menſageiro
Leva as noticias ao Supremo Jove.

Ouvio então do Mar o Reino inteiro
A fatidica voz, e o nobre canto
De Protheo, que os futuros vio primeiro.

Can-

263

Cantava como ainda . . . mas o eſpanto
Dos olhos me roubou tudo o que eu via;
Que os tímidos mortaes não podem tanto.

Cheia de limo, e de oſtras, dividia
A já cançada proa os mares groſſos,
Até que amanheceo o novo dia.

Se em fim reſpiro os puros climas noſſos,
No teu ſeio fecundo, ó Patria amada,
Em paz deſcancem os meus frios oſſos.

Vive, Termindo, e na inconſtante eſtrada
Piza a cervís da indomita Fortuna;
Tendo a volubil roda encadeada
Aos pés do Throno em ſolida coluna.

264

SONETO EXTEMPORANEO
FEITO NA REAL VARANDA
NO FELIZ INSTANTE, EM QUE O POVO ACCLAMAVA
A RAINHA
NOSSA CLEMENTISSIMA SENHORA.

EM fim juraſte, e foi nos Ceos ouvido,
RAINHA AUGUSTA, o grande Juramento:
Jura o Povo leal; e he n' hum momento
O Echo por mil bocas repetido.

Já do impulſo das vozes o ar ferido
A abobada tocou do Firmamento.
Vês branquejar nas mãos ſoltos ao vento
Lenços, que mólha o pranto enternecido.

O Habitador das Selvas, e da Corte,
Moſtram no roſto o mais que a lingua cala.
De ti depende do teu Povo a ſorte.

Quando olhar para ti, em Regia ſala,
Prompta a erguer-ſe ao teu mando armada a Morte,
Lembra-te deſte dia; e depois fala.

Termindo
Paſtor da Arcadia.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA